

3 1761 03615 9721

DP
592
P5
1901

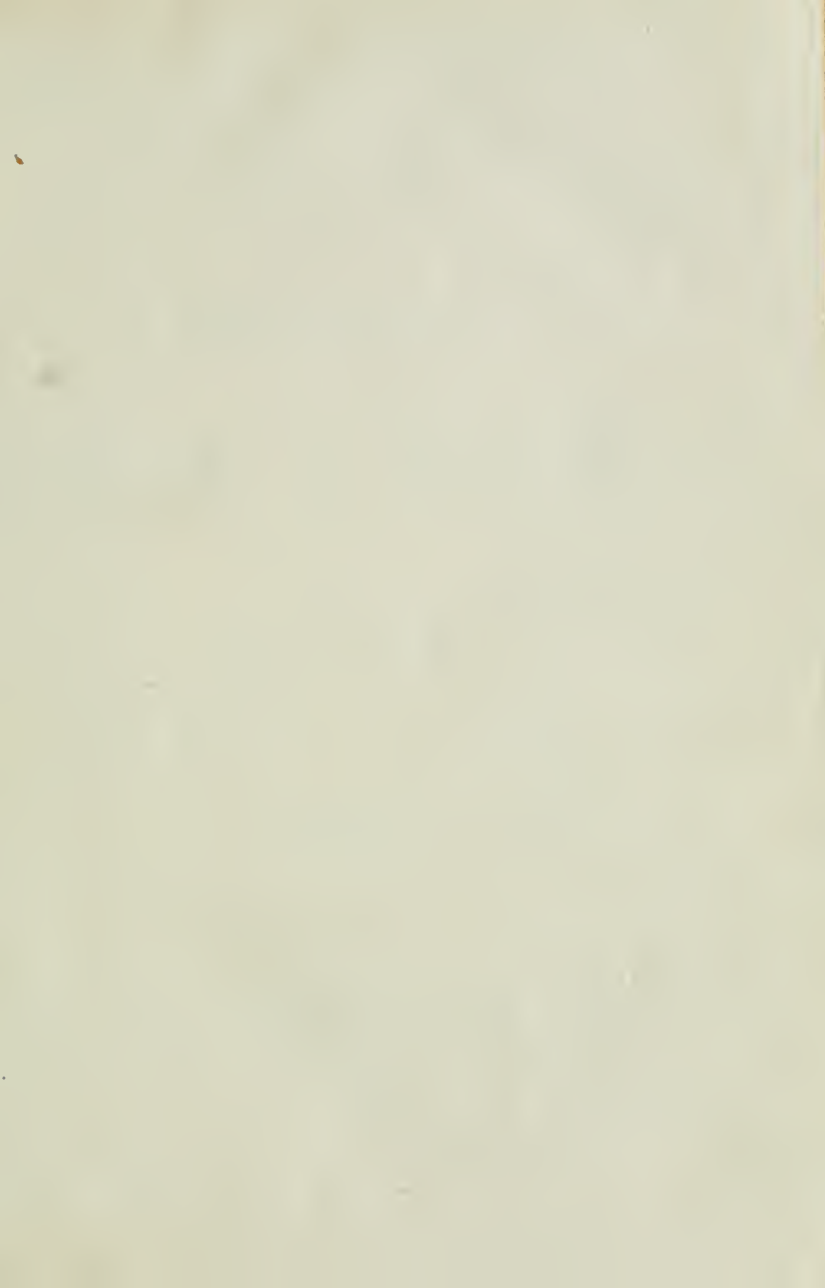




Tel. 571385
Rua do Oliveira, 262 - LISBOA

CARLOS R. AVIRÉS
excursões
Trab. simples e de luxo





BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELO D'AZEVEDO

(VOLUME XXVIII)

CHRONICA

D'EL-REI D. DUARTE

POR

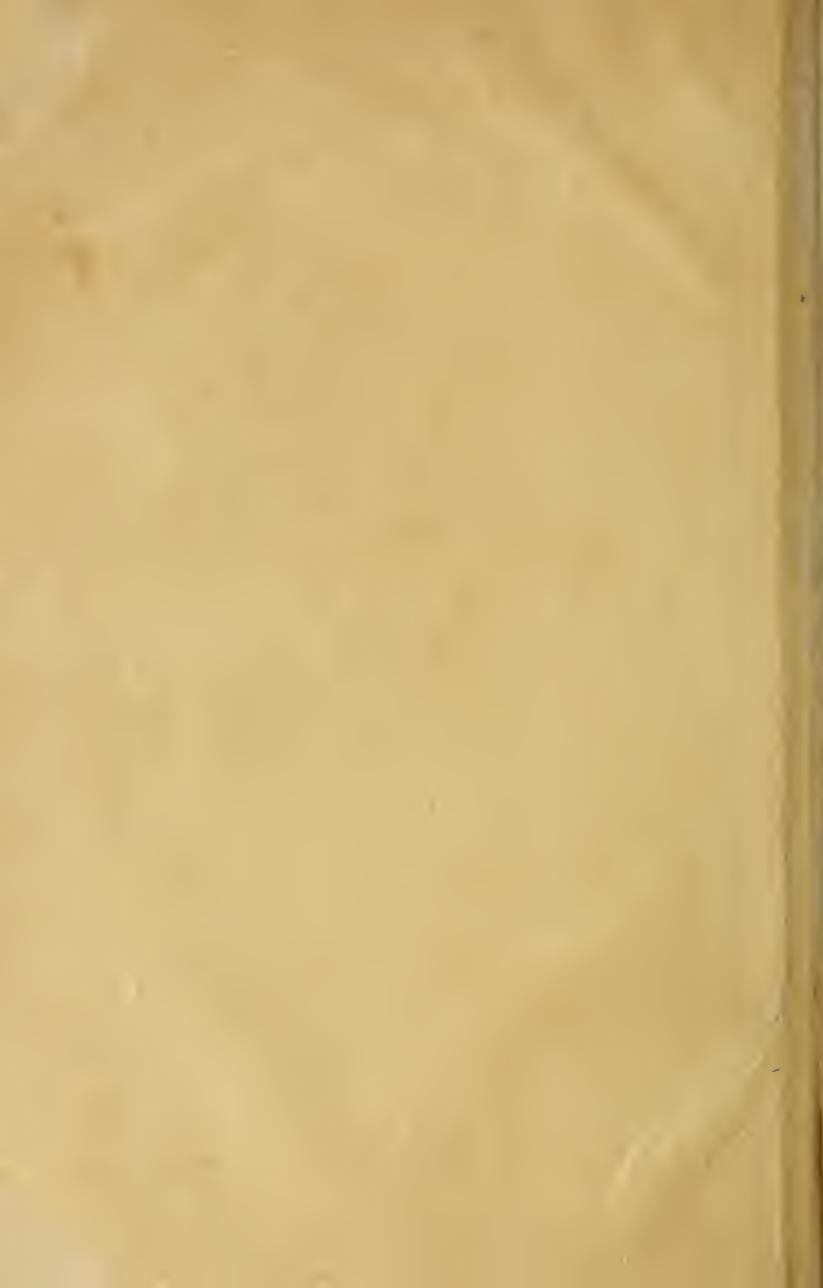
Ruy de Pina



ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1901



BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

D'EL-REI D. DUARTE

POR

Ruy de Pina

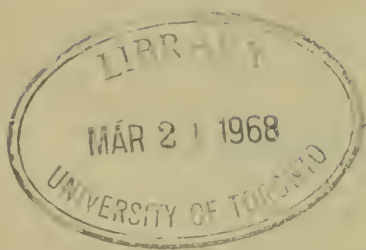


ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

—
1901

DP
592
P5
1901





Ruy de Pina

Ruy de Pina, natural da cidade da Guarda, segundo solar da familia dos Pinas, transferido de Aragão a Portugal por Fernão Fernandes de Pina. Foi filho terceiro de Lopo Fernandes de Pina, escudeiro da casa de Affonso v, e coudel mór do districto da Guarda, e de Leonor Gonzalves. Desde os primeiros annos mostrou capacidade de talento, madureza de juizo, e applicação incessavel á historia sagrada e profana, por cujos dotes mereceu ser eleito por el-rei D. João II secretario de duas embaixadas, acompanhando na primeira ao embaixador D. João da Silveira, barão d'Alvito, quando no anno de 1483 passou com este honorifico character a Castella, em cuja côrte foi repetidas vezes a tratar negocios em que era interessada a nossa corôa. Na segunda partiu no anno de 1485 com D. Pedro de Noronha, mordomo mór e commendador mór de S. Thiago, embaixador á Santidade de Innocencio VIII para o congratular da parte do seu soberano de ser assum-

pto ao throno do Vaticano. N'esta grande côrte conciliou Ruy de Pina as estimações de uma e outra gerarchia, sendo as mais distinctas que recebeu do Summo Pontifice, devendo-se á sua grande actividade a concessão da Cruzada para este reino.

Nomeado chronista mór por morte de Gomez Eanes de Zurara, lhe passou D. João II um alvará em 16 de Fevereiro de 1491, em que lhe fazia mercê de nove mil quinhentos e sessenta réis de tença pela laboriosa occupação com que continuava as chronicas do reino. O mesmo principe o mandou por seu procuradôr a Barcelona, onde assistiam os reis catholicos, em o anno de 1493, para compor as controversias que haviam entre estes principes sobre os descobrimentos do mundo novo.

Alcançando tantas honras de D. João II, não foram inferiores as que recebeu de seu successor, o grande rei D. Manuel, pois conservando os logares de chronista mór do reino, guarda mór da Torre do Tombo e escrivão das confirmações, que depois se annexou aos secretarios das mercês, como se colhe do livro 3.º dos *Mysticos*, que está na Torre do Tombo, pagina 104, lhe deu sessenta mil réis de tença pela composição das chronicas de Affonso V e D. João II, e mil cruzados de oiro pela d'el-rei D. Duarte, como tambem o montado da Serra da Estrella que fôra de João Freire d'Andrade.

Foi casado com Catharina Vaz de Gouvêa, filha de João Vaz, de quem teve a Fernão de Pina, que lhe succedeu nos logares de chronista mór e guarda mór da Torre do Tombo: D. Leonor de Pina e D. Izabel de Pina, que casaram em vida de seu pae, deixando ambas illustre posteridade, assim em Portugal como em Castella.

Fez o seu testamento em Lisboa, a 21 de maio de

1515, no qual instituiu morgado vinculado a capella do Espirito Santo situada na cathedral da Guarda, (1) e confirmado por el-rei D. Manuel a 24 do dito mez e anno, com obrigação de que o successor uzasse o apellido de Pina immediato ao nome que lhe fosse imposto no baptismo, e de servir aos reis de Portugal e não viver fóra do reino, com outras clausulas que mostram o justo desejo de conservar o esplendor de seus ascendentes.

Retirado para a sua quinta de S. Thiago, distante meia legua da cidade da Guarda, falleceu entre os annos de 1519, em que se acham as suas ultimas noticias, e o de 1523 em que seu filho Fernão de Pina lhe succedeu nos logares de chronista mór e guarda mór da Torre do Tombo, d'onde se colhe o engano em que cahiu Damião de Goes, *chronista d'el-rei D. Manuel*, part. 4. cap. 37, dizendo que Ruy de Pina depois do fallecimento d'este monarcha, que morreu no anno de 1521 vivera muitos annos, quando não passaram de dois.

Foi sepultado por deposito na sua parochia de Nossa Senhora do Mercado, da cidade da Guarda, até ser transferido para a capella mór do convento de S. Francisco da dita cidade, que tinha restaurado sua filha Izabel de Pina, como escreve Fr. Manuel da Esperança *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. I, liv. 4, cap. 18 n. 3. Intentou effectuar esta trasladação no anno de 1643 Simão da Gama, quarto neto de Ruy de Pina, mas por obstaculos que lhe poz o parcho se não effectuou.

Tinha declarado Ruy de Pina no seu testamento

(1) Existe ainda, e bem conservada esta capella, na sé da Guarda.

que lhe pozessem na sua sepultura — *Letreiros verdadeiros e honestos, como bem lhes parecer, e haverem por bom conselho, havendo respeito á sua qualidade, serviços e merecimentos.*

Por muitos annos se ignorou o logar certo da sua sepultura, pois a pedra que cobria os seus ossos e de seu pae, onde se liam os seus nomes, por incuria dos priores da egreja se tinha voltado para a terra, até que por diligencia de Francisco Xavier de Paiva, academico supranumerario da Academia Real, appareceram alguns fragmentos com estas letras — *Sepultura de Ruy de Pina, e seu Pay Lopo Fernandes de Pina. Anno 152...*

(DIOGO BARBOSA MACHADO.— *Bibliotheca Luzitana*).

RUY DE PINA succedeu, como dissemos, a Vasco Fernandes, em 1497, no cargo de chronista-mór, posto que muito antes exercitasse o officio de historiador. Dos primeiros annos de Ruy de Pina apenas se sabe que foi natural da Guarda; mas ignora-se o anno do seu nascimento, ainda que haja algumas suspeitas de que fosse pelos annos de 1440. Em 1482, diz elle, que fôra por secretario da embaixada mandada por D. João II a Castella, e o mesmo cargo serviu d'ahi a dois annos na embaixada de Roma. Parece que, voltando de desempenhar esta commissão o encarregou el-rei de escrever as chronicas do reino, apesar de então ser chronista-mór Lucena, o que se depreheende d'uma provisão de D. João II em que lhe manda dar uma tença de 9\$600 réis, «esguardando ao trabalho e á occupação grande que Ruy de Pina escriptvão da nossa camara tem com o carregó que

lhe demos de escrepver e assentar os feitos fumosos *asy nossos* como dos nossos regnos *que em nossos dias são passados*, e ao diante se fizerem». (1) Em outra provisão lhe concede tambem 6\$000 réis de mantimento.

Depois d'esta epocha ainda Ruy de Pina serviu em outra embaixada a Castella, e andou envolvido nos difficeis negocios publicos d'aquelle tempo, até que, succedendo na corôa D. Manuel, não só lhe confirmou as mercês de seu antecessor, mas fez-lhe outras novas, dando-lhe finalmente o cargo de chronista-mór, e guarda-mór da Torre de Tombo, e da livraria real.

Em 1504 tinha Ruy de Pina concluido os seus trabalhos historicos, porque n'esse anno recebeu de D. Manuel uma nova tença de 30\$000 réis pelas chronicas de D. Affonso V, accrescentando a esta somma cinco moios de trigo em Ceuta e um cazal d'el-rei no termo da Guarda.

«Cheio de honras e de recompensas (diz o abbade Correia) que para aquelle tempo eram grandes, viveu Ruy de Pina todo o reinado de el-rei D. Manuel, alcançando ainda alguns annos do d'el-rei D. João III, que lhe encommendou a chronica de seu pae, que deixou adiantada até a tomada de Azamor, e de que Damião de Goes confessá ter-se servido para a composição da sua.»

E' Ruy de Pina de todos os nossos antigos chronistas o de que nos restam maior numero de chronicas. Escreveu elle a de D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz, D. Affonso IV, D. Duarte, D. Affonso V, e D. João II. As duas ul-

(1) E era Rny de Pina que alguem queria fosse auctoridade acima de toda a excepção pelo que toca a D. João II!!!

(Nota de A. Herculano.)

timas são sem duvida escriptas originalmente por elle. Na de D. Duarte, segundo parece a Damião de Goes, o substancial da historia é de Fernão Lopes; o que é relativo á expedição de Tangere, de Gomes Eannes d'Azurara; e de Ruy de Pina apenas a coordenação d'esses diversos trabalhos. Quanto ás da primeira dynastia, quer o mesmo Goes (e esta opinião prevalece hoje) que não sejam mais que uma recopilação ou resumo do primeiro volume das chronicas de Fernão Lopes, que existia em poder de um tal Fernão de Novaes, e que D. João II mandou fosse entregue a Ruy de Pina. Impossivel parece hoje averiguar até á certeza esta opinião; porque esse volume de Lopes, ou se perdeu, ou foi aniquilado por Pina, que, ambicioso de pouco suada gloria quiz, pobre corvo de D. João II, adornar-se com as brilhantes pennas de Pavão do Homero de D. João I.

Segundo o testemunho de João de Barros, Ruy de Pina foi uma potencia litteraria no seu tempo. O historiador da India refere que o grande Affonso d'Albuquerque tivera a fraqueza de enviar joias a Ruy de Pina, para que se não esquecesse d'elle na sua historia. Aquelle cujo nome devia encher o mundo não teve a consciencia de que era o maior capitão do seculo, e creu que a sua immortalidade dependia de um chronista obscuro. Triste documento de que os genios mais portentosos estão como os homens ordinarios sujeitos ás mais ridiculas fraquezas.

O abbade Correia da Serra põe Ruy de Pina acima dos chronistas que o precederam. E' talvez o juizo litterario mais injusto que se tem pronunciado na republica das lettras. Que elle exceda Azurara não o contestamos nós; mas que seja anteposto a Fernão Lopes é que não podemos consentir; as narrações de Ruy de Pina, posto que superiores ás de Gomes Ean-

nes, estão mui longe da vida e *côr local* que se encontra nos escriptos do patriarcha dos chronistas portuguezes.

Parece que os fados de Ruy de Pina eram ganhar nome e celebridade á custa do trabalho alheio: ajudou elle o seu destino emquanto vivo: ajudaram-lho outros depois de morto. Em 1608 publicou-se em Lisboa um volume de 8.^o com o titulo de *Compendio das grandézas e cousas notaveis d'entre Douro e Minho*, obra que no frontispicio é attribuida a Ruy de Pina. Este livro, porém, nada mais é do que o que compoz mestre Antonio, *fisiquo e solorgiam*, natural de Guimarães, e que em antigos codices anda junto ás chronicas de Ruy de Pina, bastando lêr uma pagina d'elle para nos convencermos de que é escripto em um periodo da lingua anterior á época d'este chronista, e que elle talvez não fez mais do que copial-o, com intento de lhe chamar seu, podendo-se lhe applicar aquelle distico francez:

Pour tout esprit que le bon homme avait,
Il compilait, compilait, compilait.

A. HERCULANO.

(Do *Panorama*, 1839).

A chronica de João 2.^o, escripta pelo famoso Ruy de Pina, é uma condensação dos dramas, tragedias, e grandes luctas d'esse reinado memoravel. Aparece dominante a estranha figura do rei, homem de guerra e de sala, grande cavalgador de gineta e bem desenvolvido em todas as danças, sempre rei e grande senhor. Ruy de Pina que o conheceu bem diz-

nos que João 2.º era secco de condição e não humano, sempre a suspirar por grandes empresas. Em religião era um devoto. Foi um infeliz, tudo se lhe desfazia em amarguras.

Logo no começo da chronica elle conta-nos as conspirações palacianas que terminaram nas tragedias sangrentas de Evora e Setubal; e seguem as noticias de descobertas de Benim, e do baptisado de certos reis africanos. A empresa da Graciosa tornou-se em grande desventura.

O casamento do filho D. Affonso, feito de grande alcance politico, celebrado em festas extraordinarias, é seguido logo da morte desastrosa do pobre principe. A peste surgiu por vezes obrigando a cõrte a andar de terra em terra. O grande rei e senhor ora é um allucinado a vêr phantasmas, ora se confrange em receios de envenenamento.

Devoto funda o hospital grande, e trava questões com o Papa.

Quer ser um justo, *justus ut palma florebit*, e manda os filhos dos judeus, espantoso horror, para a ilha de S. Thomé.

Empenha-se nos descobrimentos ultramarinos, e Colombo entra um dia no Tejo voltando da America. Quer abrir o caminho da India e o pobre Bartholomeu Dias dobra o Cabo da Boa Esperança, e vê-se obrigado a voltar quando mais quinze dias de perseverança o teriam levado a Sofala, e d'ahi naturalmente seguiria ao golphão asiatico.

Ruy de Pina não se esquece todavia de nos contar o caso da Excellente Senhora, as leis contra o luxo exaggerado, as questões financeiras. Historiador de palacio, homem de cõrte, politico, embaixador, a sua chronica não pôde ser imparcial, antes nos representa a opinião corrente entre os parciaes de João 2.º Nem

póde admittir-se a idéa de imposição, porque do exame da chronica resulta que algumas passagens importantes foram seguramente escriptas depois da morte de João 2.º *O príncipe perfeito* exerceu uma influencia perturbadora nos espiritos que o cercavam, a sua acção dominou no seu reinado, e impoz-se ainda depois da sua morte. Os chronistas como Ruy de Pina e Garcia de Rezende obedeceram ao seu meio, o primeiro mais austero, mais politico, o segundo mais mundano, inclinado a contar casos, verdadeiros documentos do viver d'aquelles tempos, ambos porém captivos da lembrança do príncipe perfeito, sempre no encanto da agitação dramatica d'esse reinado cheio de contrastes e de surpresas.

G. P.

PROLOGO

DA

CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE

D'ESTE NOME O PRIMEIRO

Dos Reis de Portugal o onzeno, dirigido a El-Rei D. Manuel, d'esse nome o primeiro, seu neto nosso senhor; por cujo mandado Ruy de Pina, cavalleiro de sua casa e seu chronista mór e guarda mór da Torre do Tombo, primeiramente a compos.

HISTORIA, mui excellente Rei, é assim mui liberal Princeza de todo bem, que nunca em sua louvada conversação nos recolhe, que d'ella não partamos, sem em toda calidade de bondades e virtudes espirituaes e corporaes nos acharmos logo outros, e sentirmos em nós um outro singular melhoramento. Nem é sem causa; porque a doutrina historial, pelo grande provimento dos verdadeiros exemplos passados que consigo teem, é assim doce e conforme a toda a humanidade, que atem os máos que por lição, ou por ouvida com ella participam torna logo bons, ou com desejo de o ser: e os bons muito melhores. Cuja virtuosa força é tamanha, que por obras ou vontade, dos fracós faz esforçados, e dos escassos liberaes, e dos crús piedosos, e dos frios na

Fé, Catholicos e bons Christãos, e assim discorrendo por todas as outras virtudes.

E como quer que, muito poderoso senhor, geralmente de todas as historias escriptas possamos isto conseguir, d'aquellas porém recebemos sobre todas mais bem e maior gosto, nas quaes, lendo, vemos as perfectas virtudes e merecidos louvores dos nossos naturaes e maiores: especialmente d'aquelles de que descendemos. Em cuja verdade para os de necessidade seguirmos e ao menos semelharmos, nossos corações se acendem mais, e nossas memorias são mui mais espertadas, e que a invenção e cuidado d'este officio d'escrever de uma honestidade e rasão a quaesquer bons e virtuosos por seu galardão se possa attribuir, ainda por uma outra especialidade d'obrigatorios exemplos, e singulares merecimentos, aos Reis e Principes mais propriamente se deve. E por tanto é tão necessario e proveitoso escrever-se d'elles, mais que dos outros, que aos que n'este mundão bem e directamente viveram, esta calidade de satisfação se lhe denegou; divida obrigatoria é que o mesmo mundo lhe deve, e sempre lh'a deve pagar.

Pelo qual sabendo vós, muito poderoso Rei, depois que por graça de Deus reinaes, que a chronica do mui esclarecido Principe, e de louvada memoria El-Rei D. Duarte vosso avô, dos Reis o undecimo, d'este nome o primeiro de Portugal e do Algarve, senhor de Ceuta, ficava, de seu tempo até este vosso, por fazer: e que se a esta meritoria paga com viva diligencia não se provesse, elle com sua virtuosa memoria poderia ficar em amortificado esquecimento para sempre; vossa mui Real Senhoria, como perfeita morada que é de virtuosos desejos e reaes pensamentos, por dar a elle esta memoria de perpetua vida, e n'elle mui claramente perpetuades com sua benção vossa

legitima e natural successão, e assim para um mui digno exemplo de Reis, encommendastes com grande efficacia a mi Ruy de Pina, cavaleiro de vossa casa e vosso chronista-mór, que quanto a mi fosse n'isso possivel, as cousas notaveis de seu tempo, dinas de lembrança, n'este necessario registro bem e verdadeiramente as compozesse. A qual virtude, confiança, e grandeza de vosso coração bem consirada, não sei que mais louvada piedade nem bondade mais clara se possa assignar, que privando a morte vosso avô da vida limitada, vós seu neto e legitimo successor por esta tão viva memoria lh'a ordenardes eterna, e procurando elle tão breve sepultura na terra, vós lh'a edificardes de perpetua excellencia nas memorias dos homens. Mas na execução d'este vosso mandado, muito excellente Rei, vossa grande humanidade me perdoe por ser como posso, e não como devia e ella merece; porque quando em mi revolve a grandeza da materia, e principalmente a difficuldade e incertidões com que por tão escuros e duvidosos caminhos se ha de buscar e fazer, certamente minha rudeza e pouco saber a houvera com razão por escusada, se por outras maiores razões a obediencia e servidão que vos devo a não fizeram justa e necessaria a mi, que por não topar com outros novos receios com que mais tema, e menos saiba, me expuz á obra que se segue.

CHRONICA

DO

SENHOR REI D. DUARTE

CAPITULO I

Em que summariamente se toca o fallecimento d'El-Rei D. João o primeiro, e onde e como seu corpo logo foi sepultado.

S muito victorioso Principe, e de gloriosa memoria El-Rei D. João, dos Reis o decimo, e d'este nome o primeiro Rei dos reinos de Portugal e do Algarve, e primeiro senhor de Ceuta, sendo já em muita idade, e tocado de doença e paixão perigosa e mortal, foi pelos physicos aconselhado, e pelos Infantes seus filhos acordado que algum mais alongamento de sua vida estivesse, e se curasse no logar d'Alcochete em Riba-Tejo, que sobre outros houveram por logar fresco, e de singular disposição para sua saude, onde estando já alguns poucos de dias, sentindo-se fraco e apressado d'accidentes e fraquezas que ácerca d'elle e de todos testemunhavam bem sua morte, disse, e encommendou aos Infantes seus filhos, e á outra nobre gente de seu conselho: que por quanto se sentia já no extremo de sua vida, e para tal Rei como elle não convinha morrer em aldeias e desertos, mas na mais principal cidade e na melhor casa de seus reinos, logo o levassem á cidade de Lisboa, e aposentassem dentro do seu castello

d'Alcaçova, que então mandava muito ennobrecer, e assi se cumpriu.

E passados alguns dias em que sentiu melhora-mento, os Infantes seus filhos por seu mandado, e por sua devoção, o levaram com grande acatamento e muita obediencia á capella maior da Sé, e o poze-ram em todo seu estado ante o altar do Martyr S. Vicente onde seu corpo jaz, por que El-Rei por ser d'elle muito devoto, ante de sua morte se quiz d'elle em sua vida despedir, e ali ouviu com muita devoção missa solemne em que com grande efficacia encommendou a Deus sua alma. E por que a dita capella maior a este tempo estava por sua ordenança, e com suas despezas começada e não ainda acabada, por tal que no acabamento d'ella, depois de sua morte não houvesse mingua ou tardança, logo ante que d'ella se partisse, mandou em ouro amoedado trazer todo o que por vista de bons officiaes pareceu que para sua perfeição abastaria, e á offerta da missa mui devotamente o offereceu, e encomendou ao ve-dor da obra, que d'ella nunca desistisse até se de todo acabar, como acabou, segundo agora se vê.

E da Sé foi de caminho visitar a igreja de Santa Maria da Escada, que elle, pegada com o mosteiro de S. Domingos, novamente mandou fazer, e em que tinha singular devoção, e depois de se despedir da Imagem de Nossa Senhora, e com inteiro conhecimento de sua morte encommendar a Ella sua alma, foi levado ao castello d'onde partira, onde poucas horas ante de seu fallecimento, sendo já em poder de religiosos e outros ministros de sua consciencia, poendo por caso as mãos em sua barba real, por que a achou algum tanto crecida, a mandou logo fazer, dizendo que não convinha a Rei, que muitos haviám de vêr, ficar depois de morto espanoso e disforme; e feito tisto,

o dicto glorioso Rei acabou logo sua bemaventurada vida com mui claros signaes da salvação de sua alma, a quatorze dias d'Agosto, vespera d'Assumpção da Virgem Maria Nossa Senhora, do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e quatrocentos e trinta e tres: e foi cousa assaz maravilhosa, e de singular exemplo de sua devoção, e de grande prognostico de sua bemaventurança, que em tal dia tambem nasceu, e n'elle cumpria então idade de setenta e sete annos, e em tal dia em batalha campal, em que se cumpriam quarenta e oito annos, venceu n'este reino El-Rei D. João de Castella, com que segurou seus reinos e estado: por cuja memoria mandou allí novamente edificar o mosteiro de Santa Maria da Victoria, que vulgarmente se diz da Batalha; e em tal dia, em que se cumpriam dezoito annos partiu de Lisboa, quando em Africa passou e tomou aos imigos da Fé a mui nomeada cidade de Ceuta; no qual dia do seu fallecimento o sol foi crys em grande parte de sua claridade; e assim tambem foi o sol crys, o dia que a Rainha D. Philippa sua mulher falleceu primeiro que elle em Sacavem; e assim o dia em que seu filho El-Rei D. Duarte, seu filho maior e herdeiro, falleceu depois em Thomar. E como quer que a memoria de suas mui reaes exequias deve mais propriamente em sua chronica ser registada: porém porque foram as mais excellentes e mais cerimoniaadas que até seu tempo n'estes reinos a rei d'elles se fizeram; e foi já obra e officio do mui excellente seu verdadeiro e legitimo filho e successor El-Rei D. Duarte, cuja vida e feitos é minha tenção aqui escrever, não leixarei de as tocar brevemente.

Na hora de seu fallecimento eram presentes seus filhos, o Infante D. Duarte, primogenito e herdeiro, e o Infante D. Anrique, e o Infante D. João, e o In-

fante D. Fernando: porque o Infante D. Pedro tambem seu filho, a este tempo era em Coimbra; e do pranto e lamentações que ao tempo de sua morte os Infantes seus filhos por mingua de tal padre, e os vassallos por perda de tal Rei deviam fazer, escuso de as especificar: sómente saiba-se, que em caso que nas mortes dos Reis e Principes geralmente se fazem sempre signaes de grandes sentimentos, na d'este glorioso Rei, assim em prantos e lagrimas, como na tristeza das vestiduras de todos se fez por muitos com muita especialidade de dôr. Cá o reino foi todo coberto de vaso e burel, e não era sem causa, porque reinou tanto tempo, e com vida tão prolongada, que a nobre gente e povo do reino eram já n'elle, e por elle, por criação e bemfeitoria, todos reformados.

E o Infante D. Duarte, sendo n'este officio de tristeza com os Infantes seus irmãos occupado, e esquecido por isso do outro para que o sceptro real já o chamava: parecendo que se não lembrava do que á sepultura d'El-Rei seu padre cumpria, foi por Frei Gil Lobo seu confessor, espartado, reprimendo-lhe assim bem e honestamente como devia, algumas palavras que em bocca de Rei não cabiam, e a real coração não convinham, com que nos olhos seus, e de todos cada vez mais lagrimas renovavam: pedindo-lhe que nas outras cousas, que mais eram necessarias, entendesse.

Cessou o Infante e seus irmãos do pranto em que estavam, e enxugando os olhos com as razões das mais necessidades que se offereciam, se recolheu com os Infantes e com os do conselho que ahi eram a uma camara, onde consultaram a maneira que se logo teria na sepultura do corpo d'El-Rei, que em seu testamento dispozera ser enterrado no mosteiro de Santa Maria da Victoria, que elle em memoria da

batalha que venceu, ali novamente fundara como já disse. Na qual cousa houve votos desvairados, porque a uns parecia que logo ante de o corpo mais se corromper, fosse em uma azemula levado ao dito mosteiro, e isto pareceu abatimento de tão excellente Rei; outros diziam que se enterrasse n'aquella cidade de Lisboa, e que os ossos com devida honra fossem trasladados depois, que o sahimento se faria logo no mosteiro da Victoria, posto que seu corpo ahi não estivesse. E a uma d'estas cousas e a outra, houve justas e razoadas contradicções; e finalmente foi accordado que o corpo d'El-Rei fosse, como foi logo, metido em um ataúde de chumbo bem soldado, por ser metal de corrupções conservativo, e encaixado em uma tumba de páo coberta de veludo negro com cruces brancas por cima: e assim esteve na salla até á tarde.

E como a noite sobreveiu, o corpo d'El-Rei foi trazido ao patim do castello, e ahi posto em umas andas de grande magnificencia para o caso corrigidas: as quaes os Infantes, e condes, e outros grandes senhores cobertos já de triste livré de burel, tomaram sobre seus hombros, e n'ellas com solemne procição allumiada de tochas sem conto, o levaram com espantoso pranto á Sé, onde o leixaram ante o altar de S. Vicente em outra tumba mais alta, a que subiam por degraus, feita e guarneçada n'aquella perfeição, como para tal pessoa e tempo convinha: d'arredor da qual sempre arderam tochas em grande abastança. E a capella onde estava foi sómente coberta de pannos de dó; e n'ella emquanto o corpo ali esteve ficou ordenança que certos do conselho o acompanhassem, e assim muitos frades da observancia, e outros religiosos o guardassem continuamente, de dia e de noite por repartição, resando e

orando sempre, rogassem a Deus por sua alma. E seus capellães eram assim ordenados, que nunca a capella estava sem n'ella mui devotamente as oras e officios divinos se dizerem. E em cada um dos dias que o corpo d'El-Rei assim esteve, ordenadamente se diziam por sua alma trinta missas, d'ellas resadas, e outras cantadas: e cada semana uma vez se fazia por elle saimento solemnisado com vesperas e missas, a que o collegio da Sé, e toda a outra clerizia e ordens da cidade eram presentes.

CAPITULO II

Como o Infante D. Duarte foi alevantado por Rei, e como foi aconselhado que n'aquella hora se não alevantasse.

Ao outro dia depois do fallecimento d'El-Rei, que eram quinze dias d'Agosto, o Infante D. Duarte depois d'haver com os Infantes seus irmãos concelho e deliberação sobre a maneira que ao diante havia de ter, como principe mui catholico e prudente fallou ante manhã com seu confessor aquellas culpas de que sentiu sua consciencia gravada, e tomou o Santo Sacramento, para com a limpeza d'alma que devia, tomar o sceptro real que o já esperava; e estando-se para isso vestindo de ricos pános e reaes, como para tal dignidade e ao auto seguinte convinha, chegou a elle mestre Guedelha, judeu, seu physico e grande astrologo, e lhe disse:

«Parece-me senhor, que vos aparelhaes para logo entrardes na real successão que vos por direito per-

tence, peço-vos por mercê, que este auto dilateis até passar o meio dia, e n'isso prazendo a Deus fareis vosso proveito, e será bem de vosso reino, porque estas horas em que fazeis fundamento ser novamente obedecido mostram ser mui perigosas, e de mui triste constellação, cá Jupiter está retrogrado, e o sol em decaimento com outros signaes que no Céu parecem assaz infelices.»

O Infante lhe respondeu :

«Bem sei, mestre Guedelha, que do grande amor que me tendes vos nascem esses cuidados de meu Estado e serviço, e eu não duvido que a astronomia seja boa, e uma das sciencias entre as outras permittidas e approvadas, e que os corpos inferiores são sujeitos aos sobrecelestes; porém o que principalmente creio, é ser Deus sobre todo, e que com sua mão e ordenança são todas as cousas; e portanto este cargó que eu com sua graça espero tomar, seu é, e em seu nome, e com esperança de sua ajuda o tomo, a Elle só me encommendo, e á Bemaventurada Virgem Maria Sua Madre Nossa Senhora, cujo dia hoje é, e com muita devoção e devida humildade peço a Deus que me ensine, favoreça, e ajude a governar este seu povo, que me quer ora encommendar, como sentir que seja mais seu serviço.»

E mestre Guedelha tornou dizendo :

«Senhor, a Elle praza que assim seja; como quer que não era grande inõveniente sobreserdes n'isso um pouco para se tudo fazer prosperamente, e como devia.»

E o Infante lhe respondeu :

«Não farei pois, não devo, ao menos por não parecer que mingoa em mim a esperança de firmeza que em Deus, e sua fé devo ter.»

E logo mestre Guedelha affirmou que reinaria

poucos annos, e esses seriam de grandes fadigas e trabalhos, como foram, segundo ao diante se dirá.

O Terreiro dos Paços d'Alcaçova onde o Infante pousava foi mui altamente corrigido para n'elle ser alevantado e obedecido por rei; ao qual sahiu em vestiduras reaes, e mui ricas, acompanhado de mui nobre gente vestida por aquella ora de pannos e corrigimentos de festa e alegria, como é de costume.

Assentou-se o Infante em uma cadeira real, posta sobre um cadafalso alto acostado ao longo do paço da Gallé, e cercada dos Infantes e d'outros senhores e officiaes postos na ordenança que a cada um para tal auto pertencia; e o conde de Vianna, D. Pedro, primeiro capitão de Ceuta, que a este tempo era n'este reino, por ser alferes mór, tomou a bandeira real, e a teve á mão direita d'El-Rei revolta em sua haste até que D. Alvaro d'Abreu, bispo d'Evora, acabou de propoer a arenga que em tal cerimonia é costumada e necessaria; acabada a qual o bispo se poz em giolhos, e lhe quizera logo beijar a mão: mas o Infante por seu habito e prelacia, lh'a não quiz dar; o qual Infante D. Duarte ao tempo que foi por Rei alevantado, cumpria idade de quarenta e dois annos, e em se recolhendo para seu logar lhe disse o Infante:

«Bispo, se vos bem parecesse eu queria que no cabo d'este auto queimassem aqui ante mim umas poucas d'estopas, por lembrança e comparação que esta gloria e pompa do mundo assim dura pouco, e passa mui brevemente.»

«Parece-me, senhor, disse o bispo, que a memoria e conhecimento que d'isso tendes, escusa por agora outra cerimonia.»

E a El-Rei pareceu bem. E logo o conde D. Pedro, depois de os reis d'Armas darem pregões e gritas de silencio, despregou a bandeira, e em voz alta deu

tres vezes o acostumado pregão declarando por Rei o Infante D. Duarte; a qual voz depois que o conde acabou, continuaram bradando os Infantes e senhores, e toda a outra gente que hi era, beijando-lhe logo todos as mãos por legitimo e verdadeiro Rei, e fazendo-lhe toda a outra cerimonia e acatamento que á perfeição d'aquelle auto cumpria; e d'ali se recolheu El-Rei para seus Paços, e o conde com todos os senhores a cavallo e muito povo andou com a bandeira despregada por toda a cidade, dando nas praças d'ella mais assignadas os mesmos pregões, acabados os quaes, tomaram a bandeira e a pozeram solta sobre a Torre da Menage do castello, onde esteve até noite, que se El-Rei tornou a seu Paço, deixou as vestiduras reaes, e tomou dó de preto, e os Infantes tomaram burel, segundo sempre até aqui se costumou: porque depois, em tempo d'El-Rei D. Manuel, por cujo mandado esta chronica se compoz, geralmente determinou e mandou, que por nenhum Rei nem principe, nem por outra alguma pessoa se não trouxesse em seus reinos burel sob certa pena, e assim se cumpriu.

CAPITULO III

Das feições corporaes, virtudes e costumes d'El-Rei D. Duarte.

E porque as proporções corporaes dos Principes passados, e suas virtudes e costumes alguns historicos as costumáram pôr no cabo de suas historias, e muitos mais nos principios: eu n'este passo seguirei a opinião dos mais; e portanto é de saber que El-Rei D. Duarte foi homem de boa estatura do

corpo, e de grandes e fortes membros: tinha o acatamento de sua presença mui gracioso, os cabellos corredios, o rosto redondo e algum tanto enverrugado, os olhos molles, e pouca barba; foi homem desenvolto e costumado em totalas boas manhas, que no campo, na côrte, na paz, e na guerra a um perfeito Principe se requeressem: cavalgou ambalas sellas da brida, e de ginêta melhor que nenhum do seu tempo: foi mui humano a todos, e de boa condição: prezou-se em sendo mancebo de bom luçtador, e assim o foi, e folgou muito com os que em seu tempo bem o faziam: foi caçador e monteiro, sem mingoa nem quebra do despacho e aviamento dos negocios necessarios: foi homem alegre, e de gracioso recebimento: foi Principe mui catholico e amigo de Deus, de que deu clara prova a boa vontade e grande devoção com sempre recebia os Sacramentos e ouvia os Officios Divinos, e cumpria mui perfeitamente as Obras da Misericordia: foi mui piedoso, e manteve mui inteiramente sua palavra como escripta verdade: amou muito a justiça: foi homem sesudo e de claro entendimento, amator de sciencia de que teve grande conhecimento, e não por descurso d'escolas, mas por continuar d'estudar e lêr por bons livros: cá sómente foi grammatico, e algum tanto logico: fez um livro de Regimento para os que costumarem andar a cavallo: e compoz por si outro aderençado á Rainha D. Leonor, sua mulher, a que intitulou o *Leal Conselheiro*, abastado de muitas e singulares doutrinas, especialmente para os bens d'alma: foi, e nasceu natural e eloquente porque Deus o dotou para isso com muitas graças: no comer, beber e dormir foi mui temperado, e assim dotado de totalas outras perfeições do corpo e d'alma.

CAPITULO IV

De um singular conselho que o Infante D. Pedro enviou a El-Rei D. Duarte seu irmão, ante de o vêr depois de ser alevantado por Rei.

Foi avisado o Infante D. Pedro na cidade de Coimbra, onde estava, do extremo da vida em que El-Rei D. João seu padre estava ; e como quer que poz toda diligencia para o ir vêr, em chegando a Leiria foi avisado de seu fallecimento : e por não poder já ser no alevantamento e obediencia geral de El-Rei seu irmão, se deteve alli os dias que sómente lhe foram necessarios para aparelhar a si e aos seus de dó, como o tempo e caso requeria ; e não esquecido da obediencia, amor que a seu irmão devia e tinha, lhe enviou uma carta desculpando-se com muito acatamento por não ir mais azinha, e culpando o impedimento que houvera, e outra carta com um conselho, cujo verdadeiro treslado (porque o merece, e por louvor do Infante) me pareceu razão assentar aqui, e é este :

«Muito alto e poderoso Principe. Por Ayres Gomes da Silva soube como dia de Santa Maria fostes com a graça de Deus alevantado, e obedecido por Rei d'estes reinos, e para tão tristes novas, como foram as passadas, do fallecimento d'El-Rei meu Senhor e Padre, não podiam sobrevir outras de mór prazer e conforto meu, se não estas, que após elle soes meu Rei e Senhor, cá por serdes a pessoa d'este mundo que eu mais amo, praz-me muito cobrardes tal honra, que a vós só pertence : e eu, e vossos reinos e vassallos cobramos em vós tal Rei, que segundo meu juizo, tomando todo o que em vós ha juntamente, não sei ou-

tro algum para tal encargo, nem tão pertencente. E porque, Senhor, este é o tempo em que principalmente se requiere bom conselho: eu entre os muitos trabalhos do corpo, que este tempo causou, tomei este da alma para vos com elle servir; e bem sei que ante muitos e bons conselheiros, especialmente ante vosso grande saber valerá pouco, mas não leixei por isso de o fazer: porque ainda que vosso alto entender, e a muitos do vosso conselho dê a vantagem em conhecer, aconselhar e determinar sobre os grandes feitos, não ha hi algum d'elles, nem a vós mesmo se se podesse dizer, a quem conheça superioridade de vos verdadeira amar e conselhar com resguardo de todo vosso bem e serviço; e n'isto tomei este esforço, porque muitas vezes vi e ouvi que aquillo em que o siso cança, o amor se esforça e o acaba.

«O primeiro de meus conselhos e mais principal seja, Senhor, que agradeçaes a Deus com grande efficacia e mui continuamente esta mercê com todas as outras que vos fez: e quanto vos Elle n'este mundo mais levantou com honra, tanto mais vos abaixeis ante Elle por humildade e com temor de seus Juizos, e que sempre vos trabalheis de serdes obediente e fiel servidor ao Senhor, de cujas mãos, sobre tantos, tal dignidade recebestes: e asi bom e proveitoso vigario aos reinos, e pessoas que vos encommendou. E como quer, Senhor, que visse muitos livros com singulares doutrinas aos Reis e Principes, quaes devem ser, e vós d'elles tenhaes muitos: porém porque me parece que fallam geralmente das virtudes que a todo homem pertence, eu entre todas escolherei aquellas que ante Deus, e os que verdadeiramente julgam, fazem o Rei mais glorioso. A primeira, que o Rei seja catholico e muito firme na fé, e que por cobrar o bem que ella promete, faça, segundo ella manda, todas as suas obras; a se-

gunda, que ame, guarde e faça guardar Justiça, sem embargo do odio, afeição, ou remissão; a terceira, que seja forte, defendendo sua terra dos imigos manifestos e escondidos, e de todos os damnificadores e malfeitores estrangeiros e naturaes: que cometa taes feitos que sejam com serviço de Deus, e com honra e proveito seu, e de seus reinos; a quarta, que seja verdadeiro por coração e por palavra, principalmente nos grandes feitos; a quinta, que seja grado de vontade e por obra, segundo abranger sua renda: não tomando a uns por dar a outros, nem dando tanto um dia, que por todo o anno não tenha que dar, nem tanto a um ou a poucos, que os mais fiquem sem receber mercê: dando principalmente a áquelles em que conhecer merecimentos de serviços ou bondade, não lhe esquecendo os que, por amor de Deus ou segundo Deus, o requererem, e em seu dar ou negar seja despachado; a sexta, ser gracioso e de bom acolhimento aos naturaes e estrangeiros, sem familiariedade dissoluta; a setima, ser diligente sobre a providencia e bom regimento da sua terra, poendo em ello homens por experiencia virtuosos e sabedores, e que amem a elle e ao bem commum; a oitava, que seja firme em seus bons propositos e determinações, não se mudando, salvo por mui claras e grandes aventagens: e porque, Senhor, estas vos outhorgou Deus; com outras muitas virtudes, trabalhae e pensae como n'ellas creçaes e as conserveis: pelas quaes, com a graça de Nosso Senhor Deus, o vosso nome será glorioso, e vosso reino bemaventurado.

«E leixando, Senhor, de mais escrever, nem tocar os geraes conselhos que a todo tempo pertence, ainda torno a este do começo do vosso reinado, e parece-me que n'elle deveis ter certos cuidados e avisos; o primeiro é que porquanto El-Rei meu Senhor e Pa-

dre não falleceu em disposição de perfeitamente encarregar sua consciencia, vós tenhaes proposito e cuidado, de mais e melhor que poderdes o satisfazerdes por elle: e que assi como em sua vida lhe fostes o melhor e mais obediente filho que eu conheci, assi agora depois da morte lhe mostreis verdadeiro amor, e muito mais nas cousas que aproveitarem a sua alma, que nas cerimoniaes de mundo, como quer que estas ás taes pessoas, nas cousas que o requerem, não se hão de escusar: sobristo, Senhor, vos lembre que assim como esta herança com a graça de Drus e sua benção succedeis, assim em especial soes em cargo de suas dividas e encargos; deveis mais, Senhor, ter grande aviso e bom conselho sobre a ordenança e regra que tereis: e tomareis, ácerca de vossa pessoa, casa e estado, para que seja a serviço de Deus e bem vosso e de vossa terra: e assim o executardes e cumprirdes logo, porque n'estes começos de necessidade, se fazem sempre mudanças e novas ordenanças, e mais sem empacho e escandalo que depois; e porque, Senhor, vos farão agora muitos e mui desvairados requerimentos e petitorios, e vos darão conselhos em muitas cousas, e de muitas guisas: cumpre que esguardes a todo com grande descrição, e as cousas que vos mui claramente não parecerem boas e razoadas, não nas outhorgueis nem determineis logo, nem as que certo não parecerem más e desarrazoadas, não as negueis, ante as espaçoes: para depois que estiverdes com melhor repouso e mais sem fadiga as determinardes como deveis; porque em todo tempo d'innovações e de tantas alterações, algumas cousas vos podem parecer justas que o não serão.

«E assim pelo contrario deveis mais, Senhor, esguardar a vós mesmo, e conhecerdes de vós, que tenção e proposito é o vosso: e se sentirdes que é muito

ardente e aficado para correger e emendar as cousas erradas : cuidaẽ então que ó vosso cuidado e trabalho não é sómente de uma hora, e que vos cumpre por tal maneira trabalhar que o possaes muito tempo fazer; e se por ventura sentirdes vossa vontade cançada e enfraquecida com o peso dos grandes cargos, e não ligeiros de remediar, offerecei-lhe os muitos maiores que El-Rei vosso Padre, e outros Principes passaram e passam, e esforçae-vos no muito siso e virtude que vos Deus deu, com que soes a bastante para soffreres tanto como o que no mundo mais soffreu: e para descargo d'estes dois cuidados, muita ajuda vos fará encarregardes as cousas de vosso reino a taes pessoas, como atrás na setima virtude vos apontei, ficando as maiores alçadas e suas determinações a vós sempre reservadas; e como quer, Senhor, que estas cousas outros de vosso conselho vo-las tenham ditas, eu por isso vo-las não leixei de escrever: porque me praz e prazera sempre ser do conto dos que vos bem aconselharem; e se alguma cousa d'isto lhe esqueceu de vos dizerem, porque entendo que de todo vos cumpre serdes bem lembrado, não me pareceu que faria o que a vós devo, se vo-lo não dissesse ou escrevesse logo, por offerta e signal do grande e verdadeiro amor que vos tenho: porque conheço que grande impressão faz na affeição e na fama os primeiros conhecimentos da pessoa: e ainda que até aqui vos conhecessem por muito bom e muito virtuoso Infante como fostes, todos porém esguardam e esguardarão que Rei sereis; e por tanto, Senhor, vós trabalhaes com todas forças e cuidado como as primicias de vosso reinado sejam apraziveis a Deus, e a vossos sujeitos proveitosas, e crescendo em melhor por muitos annos, acabeis em seu serviço, e leixeis vossos reinos ao Infante meu Senhor vosso filho, como desejaes; e a Santa Trin-

dade vos outhorgue todo esto, com effeito de todos outros vossos bons desejos.»

O qual conselho do Infante D. Pedro El-Rei louvou muito, e o fez por singular registrar em um seu livro, que comsigo sempre trazia, de cousas familiares e espezias.

CAPITULO V

Como o Infante D. Pedro veiu á côrte, e como juraram o Infante D. Affonso por Principe, e como se acordou e fez a trasladação do corpo d'El-Rei D. João para o mosteiro da Batalha.

PARTIU-SE El-Rei de Lisboa para os paços de Bellas, onde o Infante D. Pedro lhe veiu fazer reverença, e el disse muitas e mui notaveis palavras de muito amor e grande obediencia: e El-Rei o recebeu mui graciosamente, e lhe acrecentou muito na honra que lhe foi a fazer, e d'ahi se partiram ambos para Cintra, onde a Rainha D. Leonor sua mulher, e seus filhos estavam; e hi fez o Infante a El-Rei a menagem, e deu a obediencia na forma que os outros Infantes a tinham feita: e o Infante D. Affonso filho primogenito, legitimo herdeiro d'El-Rei, que era menino, foi logo ali jurado em auto solemne pelos Infantes e outros principaes por herdeiro dos reinos depois da morte d'El-Rei seu padre.

E este Infante foi o primeiro filho herdeiro dos reis d'estes reinos que se chamou Principe, porque até elle todolos outros se chamaram Infantes primogenitos herdeiros; e logo em Cintra acordou El-Rei o tempo da trasladação do corpo d'El-Rei D. João seu padre, que seria em Lisboa aos vinte e cinco dias d'Outubro logo

seguinte; para o qual por cartas e recados, que para isso enviou, foram com El-Rei na cidade juntos todos los prelados e abbades bentos, e muitas ordens e cabidos, e infinda clerezia do reino, e assim todos los Infantes, e o conde de Barcellos seu irmão, e seus filhos os condes d'Ourem e d'Arrayollos, e todos los outros grandes nobres, e outra muita gente do reino, e vieram alli tambem a Infante D. Izabel, mulher do Infante D. João, e a condessa de Barcellos, e a condessa d'Arrayollos, e outras grandes senhoras e donas do reino, e não vieram alli a Rainha nem a mulher do Infante D. Pedro, porque ambas a este tempo eram prenhes de muitos dias.

Pousou El-Rei nos paços da Moeda, e como foi tempo de ir ás vespéras da trasladação, sahiu a pé muito coberto de dó preto, e com elle todos los sênhores e nobre gente que alli eram cobertos todos de burel ordenados em procissão, com um silencio mui triste: e se havia rumor, era de todos los sinos de todas las egrejas e mosteiros da cidade, que não cessavam de tanger; e foi tanta a gente que coube n'esta ordenança, que os primeiros eram já á porta da Sé, e os derradeiros não acabavam de sahir dos paços.

As portas da Sé eram todas fechadas, e sobre uma das janellas da capella de Santo Antonio estava o mestre frei Rodrigo, da ordem de S. Domingos, confessor do Infante D. Anrique, que fez um sermão por modo de perguntas ao povo, dito com tanta invenção de tristeza, com que moveu todos para muitas lagrimas e espantoso pranto com que entraram na Sé, e se alojaram na ordenança em que cada um havia d'estar.

A Sé de dentro era toda coberta de pannos negros, e os andaimos das naves cheios de tochas acesas, e no cruzeiro estava feita uma eça grande e alta, e mui triumphante, cercada de muitas tochas, e a bandeira real

d'El-Rei acompanhada das bandeiras das armas de todos os Reis e Principes que por sangue e parentesco com El-Rei tinham alguma razão, postas n'aquella devida precedencia que umas ás outras de razão tinham. E El-Rei e os Infantes com outros grandes senhores como entraram, assim com muitas lagrimas, tomaram as andas e a tumba em que o corpo d'El-Rei d'antes estava, e a trouxeram á eça e a pozeram sobre um assentamento que para isso estava ordenado, que por todas as quatro quadras foi cercado de bispos e abbades benitos revestidos em pontifical, e doze religiosos que com senhos tribolos sempre encensavam sobre a tumba; fez aquelle officio com grande solemnidade D. Fernando, arcebispo de Braga, e acabou-se com grande devoção e muito maiores prantos: nos quaes porque alguns fidalgos e outras pessoas se chamavam desamparados, El-Rei que o ouvia lh'o estranhou muito e defendeu que alguns criados d'El-Rei seu padre não uzassem em sua vida de tal nome, porque elle os ampararia e lhes faria bem e mercê como cada um o merecesse ou tivesse merecido; ficou aquella noite com o corpo d'El-Rei, o Infante D. Pedro por ser filho maior após El-Rei, o qual teve sua guarda com muitos senhores e fidalgos, tendo vigilia de noite com seus capellães e com outra muita clerezia que foi para isso junta.

Ao outro dia, porque El-Rei sentiu que a detença do officio havia de ser grande, e os dias eram já pequenos, foi por isso muito cedo na Sé, acompanhado como devia; disse missa o arcebispo D. Fernando, em pontifical, e á offerta a que veio se offereceram pela alma d'El-Rei mui ricas cousas d'ouro e prata, brocado e seda, pertencentes á capella, e frei Gil Lobo, grande letrado, fez o sermão com thema ao auto conforme.

Acabada a missa foi ordenada uma solemne procis-

são com infindas cruces, em que todos os clérigos e religiosos levavam tochas acesas nas mãos, e El-Rei, os Infantes, e condes puzeram as andas e tumba em que o corpo d'El-Rei estava em uma carreta que á porta da Sé estava em grande perfeição concertada; e logo a procissão abalou: após a qual adiante da carreta seguiam a destro cinco cavallos grandes e mui formosos, com ricos paramentos, levados por homens de nobre sangue, a saber, o primeiro e dianteiro coberto de damasquim branco e vermelho, brosladas n'elle as armas de S. Jorge; o segundo ia com paramentos de damasco vermelho e azul, em que as armas reaes d'El-Rei iam brosladas; o terceiro ia com semelhantes paramentos de panno e côres, em que o moto e letra d'El-Rei, *de por bem*, ia em muitas partes broslada; o quarto ia com outros taes paramentos, em que iam pilriteiros broslados, que foi a devisa d'El-Rei que tomou pela Rainha D. Filippa sua mulher; o quinto ia todo coberto de damasquim negro, sem algum broslamento; após os quaes cavallos seguia logo a carreta que El-Rei e os Infantes, e outros grandes senhores com suas mãos faziam mover: e após ella seguiam logo doze cavallos em que iam cavalgando doze nobres homens que levavam as bandeiras e armas d'El-Rei, e o dianteiro foi Pedro Gonçalves, veador da Fazenda, que levava a bandeira real em sua haste emburilhada, derribada sobre o hombro: e dos outros, um levava o elmo, outro o estandarte, outro o guião, e outro a lança, e outro a fxa, e assim as outras armas, salvo que o derradeiro levava solto um balsão preto com a haste sobre o hombro, cujas pontas iam pelo chão arrastando; e após elle seguiam grandes companhas cobertas todas de burel, fazendo tão grande pranto que se não podiam ouvir sem muito espanto, dôr e tristeza.

Na rua Nova se fez um pulpito, em que um mestre

em theologia, em chegando a elle a carreta, fez um sermão para o caso muito louvado: acabado o qual seguiu a procissão até junto com S. Domingos, onde em um cadafalso que se para isso ordenou, o doutor Diego Affonso Mangancha, que era letrado e bem eloquente, tanto que a carreta chegou, fez outro sermão cujo thema foi — *Et nos moriamur cum eo* — com que trouxe para o caso cousas mui notaveis e assaz bem ditas; acabado o qual a procissão seguiu até ser fóra da porta de S. Vicente, d'onde se tornou com muita gente, e leixaram a carreta que foi logo posta a quatro grandes cavallos que a levaram, com a qual foi El-Rei e os Infantes e outros grandes homens, todos a cavallo, e com elles vinte e quatro pessoas de religião, que com tochas acesas nas mãos iam com o corpo d'El-Rei, rezando suas oras, rogando a Deus por sua alma, e assim chegaram ao mosteiro d'Odivellas; no meio do qual estava uma eça com pannos de dós, tochas e bandeiras, pelo modo e maneira que era a da Sé de Lisboa, e D. Abbade d'Alcobaça com outros abbades e religiosos estavam fóra do cerco do mosteiro revestidos e com cruces em ordenança de procissão, esperando o corpo d'El-Rei, o qual El-Rei e os Infantes levaram com grande cerimonia e acatamento ao mosteiro e o pozeram na eça: e àquella noite o vigiaram muitos religiosos com orações continuas e devotas, e o acompanhou e guardou o infante D. Henrique, com todos os commendadores da ordem de Christus, e com seus moradores.

E ao outro dia disse D. Abbade missa em pontifical, e á offerta se offereceram por os Infantes e outros senhores grandes e ricas cousas pela alma d'El-Rei; no qual dia se partiram e foram a Villa Franca de Xira, e na egreja d'ella era feito outro tal corregimento como o d'Odivellas, d'onde D. Alvaro d'Abreu, bispo de

Evora sahiu a receber o corpo d'El-Rei, acompanhado de muitos abbades e collegios, e muita outra clerezia: e assim o levaram até a eça, onde depois das vespervas ditas, ficaram por ordenança certos religiosos para de noite sempre rezarem, e o Infante D. João que acompanhou o corpo do Rei com os commendadores e cavalleiros da ordem de Sant-Iago, e com outros muitos fidalgos e pessoas honradas de sua casa.

E ao outro dia disse o bispo missa em pontifical, e accabado o officio caminharam para Alcoentre, e sempre n'aquella ordenança de religiosos e cerimoniaes como partiram de Lisboa.

E d'Alcoentre sahiu o bispo da Guarda a receber o corpo d'El-Rei, revestido em pontifical e mui acompanhado de clerezia, e o levaram á egreja, que assim mesmo estava corregida como as outras; e ditas as vespervas, ficaram de noite os religiosos ordenados, e por guarda do corpo o Infante D. Fernando, acompanhado dos seus e dos criados d'El-Rei seu padre; ao outro dia o bispo da Guarda disse missa em pontifical; e n'esta jornada e nas outras passadas sempre ás offertas das missas, por El-Rei e pelos Infantes se offereciam ricas vestimentas e calices, e outras joias para serviço da egreja.

Acabada a missa se partiram e foram ao mosteiro d'Alcobaça, d'onde sahiu a receber o corpo d'El-Rei em devota procissão D. Abade com seu convento e acompanhado de muita outra clerezia: e depois das vespervas ditas, além dos religiosos que eram ordenados, ficou ali em sua guarda o conde de Barcellos seu filho natural, com seus fidalgos e cavalleiros.

E a outro dia, em amanhecendo, ouviu El-Rei missa rezada, e não se fez outro officio, porque o maior era aquelle dia reservado no mosteiro da Batalha, para onde logo partiram.

E em chegando á ermida de S. Jorge, onde foi a batalha, acharam já hi os cavalloos assim guarnecidos e aparelhados, e os cavalleiros a cavallo, assim como quando partiram da Sé de Lisboa; e n'aquella mesma ordenança seguiram até o mosteiro, acompanhados de muita gente: porque muitas pessoas que para isso foram chamadas, e assim os procuradores das cidades e villas, e alcaides do reino, não poderam por seus impedimentos ir a Lisboa, e vieram alli.

O mosteiro assim na eça como na cera e bandeiras, e nos outros cumprimentos estava aparelhado como a Sé de Lisboa, que disse. Sahiram fóra em procissão a receber o corpo d'El-Rei todolos bispos em pontifical, e assim toda a outra clerezia, revestidos com capas e vestimentas as mais ricas, e com muitas cruces: e como o corpo chegou a elles, esteve quedo; e El-Rei e os Infantes e condes se deceram, e da carreta tomaram a tumba sobre seus hombros, e a levaram com grande reverencia, e a poseram na eça de dentro do mosteiro.

Disseram-se muitas missas, e á maior que o bispo d'Evora disse em pontifical, se offereceram, e com razão, muitas mais cousas e mais ricas das que até alli foram offerecidas, segundo ainda hoje parecem no thesouro d'aquelle mosteiro. Disse o sermão mui conveniente e mui auctorizado Frei Fernando d'Arrotea, da ordem de S. Domingos, pregador d'El-Rei D. Duarte. O pranto que sobre o corpo d'El-Rei se fez foi assaz maravilhoso e de grande espanto e sobeja tristeza, e por brevidade o não descrevo assim particular como passou.

CAPITULO VI

Como El-Rei se foi a Leiria, onde lhe foi dada a obediencia e feitas as menagens, e d'ahi se foi a Santarem ter côrtes, e do que n'ellas fez.

TANTO que a missa e os officios foram acabados, porque no logar havia grande pestenença, El-Rei por conselho de todos leixou no mosteiro certos prelados e outras pessoas d'auctoridade, que sepultaram com grande solemnidade o corpo d'El-Rei, e se partiu logo para Leiria onde em auto publico, depois que por D. Alvaro de Abreu, bispo d'Evora, foi feita uma arenga, por os procuradores do povo lhe foi dada a obediencia para que vinham, e os alcaides dos castellos e fortalezas lhe fizeram as menagens que deviam, e os prelados por si e por seus procuradores lhe reconheceram senhorio, segundo uzo e costume d'estes reinos de Portugal.

Quizera El-Rei, por conselho de muitos, espaçar as côrtes para d'hi a um anno, e para assim ser não fallem razões e fundamentos necesarios e proveitosos: ao que contrariou o conde d'Arrayollos por tal maneira, e com inconvenientes de tanta mais força se logo se não fizessem, que prouve a El-Rei estar por seu conselho: e por tanto não quiz despedir os povos e fidalgos sem côrtes, para que eram chamados; e para as ter e fazer, como cumpria, se partiu logo para Santarem, onde as fez, e ouviu os povos e fidalgos, e lhes desembargou seus capitulos e requerimentos o mais graciosamente que pôde, mostrando-lhes em todo claros signaes de grande amor e muitas bondades, de que todos partiram alegres e mui contentes, consolando-se na morte do padre que perderam, com a vir-

tuosa vida do filho que cobraram : porque todos davam muitas graças a Deus.

CAPITULO VII

Como El-Rei com seu conselho entendeu nas cousas da justiça, e seu estado e fazenda, e mandou fazer moedas.

COMO El-Rei acabou as côrtes, começou logo d'entender nas cousas da justiça e fazenda como principaes de seu estado : e porque desejou fazê-lo com prudencia e bom conselho, a muitas pessoas principaes de seu reino o pediu sobre isso, em pessoa e por escripto ; e visto o de todos, escolheu de cada um o que lhe melhor pareceu.

Como quer que estas doutrinas geraes não duram, porque são sempre sujeitas ás mudanças e necessidades que os tempos cada dia trazem consigo, que fazem fazer outras especiaes : e com tudo El-Rei poz muito seu cuidado nas cousas da justiça, que em seus dias mandou inteiramente guardar, e entendeu em mandar correger e abreviar as ordenações do reino, e em seus dias não se acabaram.

El-Rei D. Affonso seu filho as mandou depois reformar em cinco Livros, que por serem confusas, em alguma parte mingoadas, El-Rei D. Manoel nosso senhor as mandou abreviar e declarar, em singular ordenança e perfeição.

Ordenou mais mui regradamente sua casa em que, como piedoso e virtuoso filho, recebeu os criados de El-Rei seu padre, e cada um nos officios e cargos que tinham, e a muitos agasalhou com officios e benefi-

cios, casamentos e mercês, porque todos vivessem contentes; e para bom exemplo de os grandes e nobres de seu reino não fazerem despesas desmasiadas em vestidos e arreios sobejos, ordenou mais que para vestidos de sua pessoa se não comprassem, em cada um anno, mais de quinhentas dobras em pannos, assim de lã, como de seda; ordenou mais para ter quem lhe ajudasse a soportar os trahalhos e encargos do reino, e acompanhar sua côrte, como a seu estado convinha, que continuadamente andassem na côrte com elle um dos Infantes e condes, e bispos, e que por giros cada uma d'estas tres calidades servissem a quarteis do anno; e assim se compriu em toda sua vida; e tomando n'estas cousas assento, os Infantes, condes, e prelados, que por então ordenados não eram ficar na côrte, e assi os procuradores dos povos, se partiram d'ella; e El-Rei todavia ficou em Santarem, despachando as confirmações das doações e privilegios, e graças para que era requerido; e assim entendeu em outras cousas, até o mez d'Agosto do anno seguinte de mil e quatrocentos e trinta e quatro annos; no qual tempo fez outro chamamento para fazer, como fez, no mosteiro da Batalha as exequias annaes d'El-Rei seu padre; pero não foi de tanta gente, nem com tanta solemnidade como foi o da sepultura e trasladação.

E acabadas as exequias El-Rei se foi logo a Lisboa, onde tirou o dó que trazia: como quer que depois por cousas tristes que lhe recreciam, sempre o trouxe, como adiante pela historia se verá.

E assim mandou fazer moedas novas, a saber, leaes de prata de lei de onze dinheiros, de que oitenta e quatro pesavam um marco, e escudos d'ouro de dezoito quilates, de que cincoenta faziam peso de um marco.

CAPITULO VIII

Como El-Rei enviou seus embaixadores ao Concilio de Basilea, e a causa porque o dicto Concilio se ordenou, e o que n'elle foi determinado.

No começo do reinado d'El-Rei D. Duarte, era presidente na Igreja de Roma o Papa Martinho quinto; o qual por bem da christandade ordenou que da fim do Concilio Geral de Constancia, em que elle fôra criado Papa, a cinco annos logo seguintes, se fizesse e celebrasse outro Concilio Geral em Basilea, cidade d'Allemanha: porque nas cousas da Igreja e da Fé se semeavam e naciã, nas provincias do mundo, tão hereticos entendimentos e tão errados fundamentos, que para se todo conformar com a sancta fé catholica, pareceu assim mui necessario. E ante do tempo dos cinco annos o Papa Martinho acabou santamente sua vida, e succedeu em seu lugar no Pontificado Romão, o Papa Eugenio quarto, que logo aprovou o dito Concilio de Basilea, estando em Italia; na qual cidade, para proseguimento do dicto Concilio, se juntaram com o Imperador d'Allemanha Segismundo, alguns cardeaes e pessoas outras principaes, que por suas cartas convocaram assi todos os Reis e Principes christãos: ao que El-Rei D. Duarte por occupaões do reino não pôde logo satisfazer, e dilatou a ida de seus embaixadores que para isso ordenou, até o anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos trinta e cinco: os quaes foram o conde d'Ourem seu sobrinho, filho do conde de Barcellos seu irmão, e com elle D. Antão, bispo do Porto, que depois foi cardeal, e o mestre Frei Gil Lobo, da ordem de S. Francisco, e o doctor

Vasco Fernandes de Lucena, e o doctor Diego Afonso Mangancha, e Frei João, da ordem de Santo Augustinho, e com estes ordenou outra muita e mui nobre companhia, que providos por certo tempo de seus ordenados e assi de letras de cambo para o que lá mais andassem, fizeram d'estes reinos sua viagem por terra até a Italia, onde acharam o Papa Eugenio: o qual por quanto teve causas e lidimas razões que sobrevieram, não sómente recusou ir ao Concilio de Basilea como aprovára, mas ainda o revogou, e com acordo e consentimento do Imperador de Constantinopoli que se chamava João Paleologo, e do patriarcha grego que seguiram suas partes, ordenaram que o Concilio se fizesse, como fez, em Italia, na cidade de Ferrara, e d'hi por pestenença que sobreveiu se mudou a Florença e Sena; mas o Concilio de Basilea, depois d'algumas vezes convocar e mandar citar o Papa Eugenio, e por não ir a elle, á sua revelia e com accordo do Imperador d'Allemanha que o dicto Concilio sustentava, criaram novamente por Papa Amadeu, duque de Saboya, homem velho e de sancta vida, que por servir a Deus em vivendo tinha renunciado a seu filho legitimo do dicto ducado com a pompa do mundo, e estava em religião com certos nobres homens apartado, e chamaram-lhe o Papa Felice quarto: o qual em quanto o Papa Eugenio viveu, não desistiu do Pontificado, e houve na Igreja de Deus cismas, e por morte do dicto Eugenio, succedendo á Cadeira de S. Pedro o Papa Nicoláo quinto, o dicto Felice por asosego e concordia da Christandade, de sua propria vontade renunciou o Papado, e se someteu a Nicoláo que, por ser grato a seu bom proposito e sancta vida, aprovou todas as cousas que em sendo Papa ordenára, e o criou cardeal e delegado exlatere em toda sua terra, onde acabou santamente.

E tornando a meu proprio fundamento de que sahi, os ditos embaixadores deram suas cartas de crença ao Papa Eugenio, cuja parte levavam, em mandado que sustivessem e favorecessem, do qual foram em nome d'El-Rei com muita benignidade e assignados favores recebidos; e porque ao tempo que chegaram a Ferrara, onde o Concilio se principiou, ainda o imperador e patriarcha gregos não eram a elle vindos, e sua vinda se contrariava com grande istancia pelo Concilio de Basilea, o Papa Eugenio, pelos esforçar e conformar com sua vontade, enviou a elles um cardeal e outros grandes letrados gregos e latinos, e com elles o dito D. Antão, bispo do Porto, e Frei João de S. Thomé, que por sua muita sciencia e grande agudeza foi chamado e havido por outro Augustinho; e foi de tanta efficacia esta embaixada ácerca do Imperador e patriarchas gregos, que pospostos os impedimentos do Concilio de Basilea que os retardavam, houveram por bem vir-se todavia ao mandado e obediencia do Papa Eugenio, que os recebeu com aquella solemnidade e cerimoniaes que devia, e com outros grandes signaes de sobejo prazer e devido amor.

A este Concilio do Papa Eugenio vieram de muitas partes muitos religiosos e grandes letrados, assim gregos, como latinos, onde depois de pôr muitas vezes haver antre uns e os outros arduas questões e dificeis contendas, finalmente os gregos convencidos com razões, e principalmente alumiados da graça do Espirito Santo, vieram de sua propria vontade na sentença e determinação dos latinos, de que além d'outras cousas em que estavam cegos, e em ácerca da Fé levaram seus juizos da verdade alumiados. Principalmente confessaram o Espirito Santo proceder do Padre e do Filho e não do Padre sómente como elles tinham, e assi confessaram que a Consagração se devia fazer

em pão asmo, e não formentado, como tambem tinham, como quer que no dito Concilio foi determinado, que por isto não a Fé inconveniente algum, se guardasse o costume.

E assim confessaram haver hi lugar de purgatorio, e que o Papa de Roma era de Jesus Christo verdadeiro Vigario e legitimo Successor de S. Pedro, e ter no mundo, nas regiões dos christãos, o primeiro lugar, ao qual assim a Igreja Oriental, como Occidental devia com razão e de necessidade obedecer.

E n'este Concilio os armenios e indios se conformaram tambem com a Fé.

E acabadas estas cousas, para as cidades de Ferrara e Florença e Sena a que o Papa com torvações de pestenença se soccorria, o patriarcha grego falleceu, e foi pelo Papa e cardeaes com muita magnificencia e grande solemnidade soterrado: e o Imperador se tornou para Grecia, e o conde d'Ourem e os outros embaixadores, depois de despedirem com o Papa as cousas d'El-Rei, mui benigna e graciosamente com prazer de sua Santidade, se foram ao Concilio de Basilea com cartas d'El-Rei para o Imperador e para o Concilio Geral.

E é de saber, por bom exemplo e gloriosa fama de El-Rei D. Duarte, que uma das cousas mais principaes porque mandou tão honrada embaixada a um Concilio e ao outro, foi por em seu nome requerer a paz e concordia antre os Reis de França e Inglaterra, que n'aquelle tempo haviam antre si cruas guerras: e por suas cartas e instrucções que sobre isso enviou, não somente offereceu para medaneiros e com suas despesas seus embaixadores, mas ainda se necessario fosse, em pessoa prometeu de o ir ser e do Papa Eugenio e seu Collegio, e do Imperador grego a que os embaixadores primeiramente sobre isso fallaram, e as-

si do Imperador Segismundo e Concilio de Basilea, a que tambem o foram pedir e requerer.

Foi El-Rei D. Duarte muito louvado, e por toda a Christandade encommendado por muito virtuoso.

N'este Concilio estiveram o conde d'Ourem e os embaixadores ácerca de um anno, assim em suster a parte do Papa Eugenio, como em requerer as embaixadas que sobre a paz e assesego dos Reis haviam d'hir.

E porque o Imperador Segismundo que n'estas cousas, como pessoa mais principal, com virtudes e poder entendia, falleceu n'este tempo, e succedeu no imperio dos allemães, com algum alvoroço, Alberto, seu genro, Rei de Bohemia e d'Ungria: o conde de Ourem não tendo esperança de haver effeito sua mais estada, se despediu do Concilio e com sua companhia foi visitar o Sepulchro Santo de Jerusalem, e o bispo D. Antão e os outros embaixadores se tornaram em Italia a despedir com o Papa Eugenio as cousas que em nome d'El-Rei lhe tinha concedidas; e Sua Santidade, por o serviço que o dito bispo lhe fizera e por haver n'elle merecimentos para isso o fez cardeal; e os outros embaixadores se vieram para Portugal.

E porque um bispo de Vizeu, que lá era procurador d'El-Rey, susteve, como em seu nome, a parte do Papa Felice e contrariava a do Papa Eugenio, por prazer d'El-Rei e mandado do Papa, foi privado do bispado e outro provido d'elle.

E ante as cousas que se requereram e o Papa outorgou foi, que os commendadores e cavalleiros das ordens de Christo e d'Aviz, futuros e não presentes, podessem casar: e esta graça, por fallecimento de dinheiro se não despediu; e depois em tempo d'El-Rei D. Manuel nosso senhor, e por sua intercessão e requerimento, foi pelo Papa Alexandre sexto concedida e tirada, e houve effeito.

E assim outhorgou o Papa que os Reis de Portugal se podessem para sempre coroar e ungir, como os Reis de França e Inglaterra: e d'esta graça não vi nem ouvi dizer que até este tempo se uzasse.

E o Papa Eugenio vendo que o Concilio de Basilea não cessava, antes proseguia na cisma em grande detrimento da Republica Christã, teve intelligencias com D. Luiz, Delfim que então era de França, filho d'El-Rei D. Carlos, que com muita gente d'armas foi sobre o dito Concilio e por força o desfez. E o Papa Felice, com favor do duque de Milão, Philippe Maria seu genro, se veiu a Italia, e em vida do Papa Eugenio sempre se chamou Papa, e por sua morte desistiu do Pontificado e se sumeteu á obediencia do Papa Nicolau quinto que o succedeu, como atraz fica apontado.

CAPITULO IX

Como El-Rei leixou de fazer as festas que no poer do Sancto Oleo a seus filhos ordenava: e esto por El-Rei de Napoles e El-Rei de Navarra e o Infante D. Anrique, irmãos da Rainha, serem presos em Italia; em que se contem a causa d'este feito.

N'ESTE anno de mil quatro centos trinta e cinco, estando El-Rei em Lisboa, propoz de mandar poer, com grande solemnidade e manificencia o Santo Oleo a seus filhos; e tendo ordenadas grandes festas, e feitas para isso muitas despesas, e os Infantes e a gente principal do reino a dia certo percebidos, desistiu de tudo, e os percebimentos que tinha d'alegria e prazer converteu em outros tantos de dó e tristeza. E a causa d'isto foi ser certificado que

El-Rei D. Affonso, Rei d'Aragão e de Napoles, e El-Rei de Navarra, D. João, e o Infante D. Anrique Mestre de Sanct-Iago de Castella, irmãos da Rainha D. Leonor sua muiher, foram no mar presos de genovezes, com outra muita e mui nobre gente, e eram postos em poder do duque de Milão, Philippe Maria, que de Genova tambem era senhor.

E como quer que as causas e fundamentos da prisão d'estes Reis pareça materia remota d'esta em que entendo, porém porque o não é de todo e parece cousa estranha e nova, Reis d'Hespanha serem assim presos em Italia, para sua declaração tocarei d'ella aqui brevemente alguma cousa; para o que é de saber, que El-Rei D. Fernando d'Aragão, Infante que foi de Castella houve quatro filhos e duas filhas todos legitimos, a saber, D. Affonso, primogenito e herdeiro, que foi Rei de Napoles, e D. João Rei de Navarra, que depois por fallecimento de successor legitimo descendente, succedeu os reinos d'Aragão e Sicilia, e o Infante D. Anrique, mestre de Sanet-Iago, que foi em Castella, que na batalha d'Olmedo foi ferido, de que logo morreu, e o Infante D. Pedro mais moço, que de uma bombardada falleceu em Italia, no cerco de Napoles, e a Rainha D. Maria, mulher primeira d'El-Rei D. João de Castella, e a Rainha D. Leonor, mulher d'El-Rei D. Duarte de Portugal, cuja é esta a memoria.

Ficou El-Rei D. Affonso, por morte d'El-Rei D. Fernando, pacifico successor dos reinos d'Aragão e Sicilia: e como era de grande coração e desejador de grandes empresas, prouve-lhe mais a gloria da guerra que a doçura da paz. E depois da morte d'El-Rei seu padre quatro annos, se passou a Sicilia, com fundamentos de novidades em que emprenheu.

E no reino de Napoles e d'Apulha reinava então a

Rainha D. Joanna, á qual em muitas fortunas que passou, não falleceu animo e esforço viril com que as soffreu, com quanto sua mocidade foi com deshonestos amoras defamada: a qual não podendo soffrer os encargos e regimentos do reino consentiu ser casada com Jacobo, conde de Marca, que em virtudes e geração era dos principaes de França; e por elle usar no reino e ácerca d'ella mais do que a Rei e Barão cumpria, ella por usar com mais licença e menos contradição de sua vontade o engeitou e repudiou de marido, e com ajudas que para isso teve o lançou fóra do reino; e por se valer em seu proposito, porque não tinha legitimo successor, adoptou por filho e na successão do reino de Napoles a El-Rei D. Affonso, que o possuiu e governou algum tempo; mas ella, ou não contente do trato que El-Rei lhe fazia, ou por seguir novidades, que por ventura eram de sua condição, estimando-se por sujeita e captiva do que tomara por filho, ordenou de o lançar fóra do reino: e sendo para isso favorecida d'alguma parte d'elle e ajudada do duque de Milão, que com suas forças e d'outras potencias de Italia armavam grande frota e aparelhavam muita gente para cercar El-Rei na cidade de Napoles; por elle se não sentir tão forte para sem grande perigo seu e dos seus o resistir, se partiu do reino e se tornou a Valença d'Aragão, onde se refez com grandissimo poder, e outra vez tornou em Italia para cobrar o reame por força, de que sahira como enjuriado. E depois de adquirir algumas fortalezas d'elle, cercou por mar e por terra a cidade de Gayeta, que de gente do duque de Milão e de genovezes era sustentada: pelo qual o duque de Genova, por livrarem de sujeição a cidade a elles encommendada e darem as vidas a seus vassallos e naturaes que n'ella eram asperamente cercados, ordenaram dar-lhe soccorro por mar; da

qual cousa sendo El-Rei sabedor, e como a frota contraria era já apparelhada no mar e de muito menos poder e força que a sua, determinou antes que a dita frota chegasse a Gaeta de a ir receber e pelejar com ella.

E por tirar escandalos e competencias, que sobre a capitania mór recreciam, elle quiz ser e foi só capitão do mar e da peleja: a qual, antre as frotas depois de juntas foi mui crua, onde El-Rei, não por mingoa do poder, mas por astucia dos genovezes, finalmente foi vencido e preso; porque os genovezes, como houveram vista da frota d'El-Rei, conhecendo bem no poderio e aparelhos d'ella, que se d'alguma cautella não uzassem, claramente seriam vencidos: acordaram das carracas da sua conserva maiores, afortalezar tres das mais armas e melhor gente que traziam; e estas por astucia já praticada.

Ao tempo da peleja não aferraram nem se ajuntaram tanto, que dos contrarios podessem ser aferrados: mas mostrando já sentiam seu desbarato, fizeram em outra banda como fugidas, cheias de medo; pelo qual El-Rei e os da sua frota, havendo a victoria por certa, começaram uzar das condições d'ella, em matar e ferir, prender e roubar.

E sendo já a gente d'El-Rei descuidada-da peleja e intenta sómente no despojo, as tres carracas de que descuidavam, mui armadas e percebidas meteram suas vellas e com vento á pôpa, pelos signaes que traziam investiram com grande força a não d'El-Rei D. Afonso e a d'El-Rei de Navarra e a do Infante D. Anrique, e as combateram assi rijamente, que se renderam e com ellas toda a outra frota, que se deu em poder dos genovezes; os quaes, como quer que no primeiro commetimento fingissem ser vencidos, porém como sentiram o manhoso soccorro que esperavam,

uzaram assi de suas mãos, que mereceram de ser e foram dos Reis vencedores.

Era hi tambem em outra não o Infante D. Pedro, irmão d'El-Rei, que depois de vêr seu vencimento, se acolheu a uma galé que o salvou e poz em Cicilia.

Foram presos El-Rei D. Affonso e El-Rei D. João e o Infante D. Anrique, irmãos, e com elles cem pessoas de titulo e mui principaes, afóra outra muita e mui nobre gente, com os quaes foram os genovezes descercar Gaeta e se tornaram com grande triumpho e alegria a Saona, que era de Genova: d'onde pelo seu capitão do mar, El-Rei e seus irmãos e a mór parte dos prisioneiros d'estima, foram levados a Milão e postos em poder do duque Philippe Maria, que com sua costumada grandeza de coração e muita nobreza os recebeu e tratou, não como a presos, mas como irmãos e senhores; e não tardaram muitos dias, que fallando El-Rei e o duque antre si as cousas que lhes cumpriam, o duque, ou por virtuosa nobreza de que quiz usar, ou por segurança de seu estado, houve por bem não sómente poer El-Rei e seus irmãos em suas liberdades e envial-os de sua casa com dadivas e joias sem estima, mas ainda deu a El-Rei toda ajuda e favor que pôde para com menos difficuldade e mais sua honra haver, como houve, o reino de Napoles, onde depois El-Rei falleceu sem legitimo herdeiro: e porém por instituição de testamento que fez, leixou por seu herdeiro no reino de Napoles a El-Rei D. Fernando seu filho bastardo que o succedeu, parte por isto e principalmente por riquezas e armas em que ficou abastado e mui poderoso.

E assi que por esta causa não fez El-Rei D. Duarte em Lisboa as festas que desejava: porque tomou dó, e todalas as cousas de prazer e alegria, durando seu reinado, lhe foram assi contrairas, que todas se lhe

convertiam em paixões e tristeza; e ao tempo que como Rei tomou o sceptro real, assim o prognosticou mestre Guedelha, como se atraz disse.

CAPITULO X

De uma falla que o Infante D. Fernando fez a El-Rei, em que houve fundamento a ida sua e do Infante D. Anrique sobre a cidade de Tanger em Africa.

PORQUE na tenção e fundamento que El-Rei D. Duarte teve, de mandar os Infantes D. Anrique e D. Fernando seus irmãos sobre a cidade de Tanger em Africa, achei muitas opiniões: por brevidade poerei aqui sómente a que mais aprovada me pareceu: porque é de saber, que dos quatro irmãos Infantes que ficaram a El-Rei D. Duarte, o Infante D. Fernando era o menor, que ao tempo do fallecimento d'El-Rei D. João seu padre, além do seu assentamento, não tinha de terras, salvo a Athouguia e Salvaterra do Campo de Santarem; e depois por fallecimento de D. João Rodrigues de Siqueira, mestre d'Aviz, foi provido por El-Rei d'aquelle mestrado e despensado pelo Papa para o ter, como teve em comenda.

E porque lhe parecia que com estas cousas, ainda em honra, terras e rendas era desigual em muita parte aos Infantes seus irmãos, mostrava de si grande descontentamento, e para abrir caminho de accrecentar mais seu estado, fallou um dia, em Almeirim, a El-Rei n'esta maneira:

«Senhor. Claros são a todos os muitos trabalhos e

grandes cuidados que, pelo amor que nos tendes, tomaes por nos manter na honra e estado em que nascemos e merecemos: e mais por ventura do que vossos reinos e fazenda o soffrem: e que isto satisfaça aos Infantes meus irmãos, pela honra que por suas mãos dignamentê ganharam, eu não sou satisfeito; porque, posto que arrezoadamente seja abastado de mantimento, sei que sou esfaimado da honra e de meus proprios merecimentos para a haver.

«E como quer, senhor, que vosso reino foi assaz grande para berço em que nos criassemos de pequenos, agora é mui pequeno para nos criar em grandes, como a nós cumpre; e por isto e porque, por graça de Deus vos crecem cada dia filhos a que é necessario que provejaes: e tendes vossos reinos em assosego, e com os reis visinhos e alongados segura a paz, e eu sou mancebo que ainda não fiz por mim cousa porque ouse chamar-me eu filho de tal padre ou irmão de taes irmãos: eu, senhor, vos peço por mercê que queiraes me dar vossa benção e licença para me ir fora d'estes reinos, onde Deus e minha ventura me guiarem. E prazendo a Elle, meu proposito é ir ao Santo Padre, ou para o Imperador, ou para França, onde pela mais largueza das terras terei eu em meu acrecentamento, ainda que seja com meu trabalho, maior esperança. E para aqui descarregarei a vós de despesas e cuidados, e a mim procurarei honra e proveito, como sou obrigado.

«E se cousa em algum tempo de minha vida sobreviesse para que meu serviço vos seja necessario, e eu o soubesse: havei senhor, por mui certo, posto que fosse Imperador d'Allemanha ou Grecia, que não cumpria para isso vosso recado: porque, pelo amor que vos tenho e a lealdade que vos devo, eu vos viria logo servir como fiel vassallo.»

El-Rei d'estas palavras que ouviu ao Infante ficou triste e suspenso, porque lhe pareceu que o Infante não era contente do que tinha, e sabia que seus reinos não estavam em disposição para, sem desfazimento de sua corôa lhe poder dar mais. E porém, com graciosa contenença, lhe disse:

«Irmão, rogo-vos muito que tal licença me não requeiraes: pois sabeis que vossa partida de meus reinos, ou faria a mi abatimento, parecendo que vos não tratava n'elles como devo e vós mereceis, ou a vós pouca honra e louvor: cá pareceria não me amardes como é razão, partindo-vos de mi sem justa causa; e posto que não tenhaes tantas terras como mereceis, eu sempre o emmendarei com outras mercês, de guisa que o vosso estado sempre tenha aquelle reparo e conservação que fôr possível; porque em caso que a tenção com que vos moveis seja boa, não se leixará d'entender ao contrario, e que satisfaça a vós e contraia a mi: cujo senhorio parecerá que, por duro e aspero ou não proveitoso, o não podeis supportar, e que o faça por a terra do reino me ficar mais livre para mi e meus filhos: e isto Deus sabe que não é assi, porque onde eu, por cumprir com o amor e obediencia que sempre tive a El-Rei meu senhor, e pelo que relevava a descargo de sua alma, trabalhei de agasalhar, contentar e acrecentar todos seus criados, que devo eu fazer a vós, a que além de serdes seu filho legitimo, sei que por vossos merecimentos vos amava muito? E vós irmão bem sabeis, como em vida d'El-Rei meu senhor não tinheis mais que Salvaterra e Athougua e vosso assentamento: e depois houvestes, por meu aviamento, o mestrado d'Aviz, com que é razão que por agora vos contenteis, consirando como este reino é pequeno, de que El-Rei meu senhor e vosso padre deu muita parte a

aquelles que lh'o ajudaram a ganhar e defender; e deveis poer mais ante vosso juizo como o Infante D. João vosso irmão é muito contente do mestrado de Sanct-Iago, que de renda é menos que o d'Aviz que vós tendes, e que da corôa á sua pessoa se deu sómente os Paços de Bellas; porque as mais terras e rendas que tem houve-as em casamento como sabeis. E se este proposito já tinheis em vida d'El-Rei meu senhor, a elle o devieis então requerer e não agora a mi, a que muito contradiz. E sobrisso, por haverdes a benção da Rainha nossa senhora e madre, n'estes reinos vos deveis antes de contentar do pouco, que nos estranhos do muito: porque á hora de sua morte, como mui prudente e que nos muito amava, assi nol-o aconselhou e mandou a todos por sua benção, e assi o fizera a vós se foreis em idade para isso».

«Senhor, (respondeu o Infante) Deus sabe que minha tenção nunca foi, nem será fazer cousa em que vossa mercê receba desserviço, nojo, nem desprazer, mas tambem com isto espero de vós não sómente como de meu principal senhor, mas como de irmão e padre, que queiraes minha honra e acrescentamento, pois sabeis que ainda por mim não fiz cousa que pareça de cavaleiro; porque vós e os Infantes D. Anrique e D. Pedro meus irmãos fostes na cidade de Ceuta na tomada da cidade, e o Infante D. João foi depois no descerco da cidade, em cuja empresa e perigo merecestes e vos deram a honra da Cavallaria que tendes: e eu fico só, em maior idade da que então ereiss em a ter, nem vejo esperanza para isso.»

E a isto lhe disse El-Rei que sobresevesse alguns dias, e que depois de n'isso melhor consirar, lhe tornaria a resposta.

CAPITULO XI

Como El-Rei dissé ao Infante D. Anrique a tenção e requerimento do Infante D. Fernando, e a resposta que o Infante lhe deu.

Dos Infantes que na côrte eram ordenados andar, o Infante D. Anrique, por mais despejado, era o mais residente; porque depois de cumprir seu giro, folgava, por comprazer a seus irmãos, de servir os seus d'elles.

E um dia o apartou El-Rei e lhe disse todo o que passára com o Infante D. Fernando, em que seu espirito recebia muita fadiga: cá não achava para seu contentamento meio algum expediente; porque se lhe não desse a licença que lhe pedíra, andaria sempre carregado e descontente: e se lh'a outhorgasse, pareceria que a causa d'isso seria seu máo trato com que não podia viver no reino. Rogando muito ao Infante D. Anrique que fallasse sobrisso com seu irmão o Infante D. Fernando, e por seu descanço o tirasse d'este proposito.

«Senhor, respondeu o Infante, n'isto e em todo o que em mi fôr, sempre farei o que Vossa Senhoria mandar; porém a mi parece que o Infante meu irmão, no que vos requiere, não faz menos do que vós lhe deveis e a elle cumpre; porque não é razão, sendo filho de tal padre e neto de taes avós, que gaste assi sua vida, sem fazer n'ella alguma cousa de louvor por que mereça e haja honra; e por tanto, quanto a mi, não lhe dou culpa em seu descontentamento: pois, sem honra, deve haver sua vida por mal empregada; e pois, senhor, se atravessa este caso, repetirei meu fundamento mais alto, como quem de mais dias o tem cuidado:

«Vós, a Deus graças, com a firmeza das pazes de Castella, tendes assi vosso reino em paz e asseseço, que por agora não ha outro receio de que se siga nem espere o contrario; n'elle ha muita e boa gente, e nós quatro Infantes que vos fazemos pouco serviço, em respeito do muito que vos poderíamos fazer. Peço-vos, senhor, por mercê, pois Deus por sua graça quiz que não sahisseis da successão d'El-Rei nosso senhor e padre, que tambem não sahiaes da sua tenção, que foi, depois de assentar as pazes com Castella, buscar taes empresas e conquistas a seus vassallos, com que não perdessem o exercicio das armas e cavallaria em que eram acostumados; porque como mui prudente sabia, que muitos Reis e Principes com sua longa ociosidade e segurança de paz, nos primeiros reveses da fortuna cahiram torpemente no mundo de seus estados e senhorios. Os exemplos d'esto vos não allego, de que os livros são cheios: e mais sei que d'estes e dos que são para um Principe virtuosamente viver, vossa memoria é um claro registo.

«E posto que o credito commum seja que a empresa de Ceuta foi por nós honradamente armar cavalleiros, cuido, segundo sua muita prudencia e grandeza de coração, que esse foi o achaque; mas, depois do serviço de Deus, a causa e fundamento principal foi a que disse, por em seu reino se não perder o uso das armas, que houve por certa segurança e acrecentamento de sua corôa e estado. Pelo qual, senhor, vós tendes tempo mui desposto para servir a Deus e salvardes seguramente a alma, e accreentardes muito em vosso nome e estado: nós somos, o Infante D. Fernando e eu em vosso reino, sem impedimento de mulheres e filhos; dae-nos licença para passarmos em Africa, onde com nossos criados e servidores, e com os cavalleiros das ordens de Christo e Aviz que temos,

guerreando os infieis, serviremos a Deus e a vós, a quem, como principal movedor, pertencerá todo este louvor e merecimento. E com isto sei que o Infante D. Fernando assegará em sua mudança e sem vosso trabalho e fadiga: e a gente de vossos reinos para quando vos cumprir, tereis exercitada como deve e vós deveis querer».

« Bem sinto irmão, disse El-Rei, que do grande amor que me tendes e desejo de minha honra e salvação procedem as razões que me dizeis, e ainda são as que conveem a um tal Principe e tal Cavalleiro como vós soes; porém, ao presente, os tempos em que estamos o não padecem, porque ás gentes de meu reino é agora mui necessario repouso com que, em suas fazendas e forças, cobrem o que nos trabalhos passados perderam; e certo, se assim não fosse, a mi pareceria desagardecer a Deus o beneficio da paz: e des-hi minha fazenda, pelas grandes despezas que d'ella sahiram, está mui gastada; e sobrisso sabeis com quanta difficuldade e despezas Ceuta se mantem, com outros inconvenientes que muito impedem para não ser razão de se isso cumprir. E por tanto vos rogo, leixados estes movimentos, que todavia faleis ao Infante D. Fernando, e na melhor maneira que poderdes lhe repouseis a vontade, não lhe tocando nada d'esta pratica em que estivemos: porque seria causar-lhe mór alvoroço, com que me desse mais fadiga».

E o Infante D. Anrique, como a principal virtude que tinha e que mais estimava era a obediencia a El-Rei, cumpriu em todo seu mandado; mas o Infante D. Fernando, como quer que sobre sua partida não importunasse a El-Rei em pessoa, não leixava de se agravar d'isso em sua ausencia, e a pessoas de que El-Rei o soubesse, o que El-Rei muito sentia.

CAPITULO XII

Como o Infante D. Anrique pelo grande desejo que tinha da passagem d'Africa, teve maneiras como a Rainha o ajudasse a haver licença d'El-Rei para isso.

O Infante D. Anrique foi Principe a que Deus dotou de todas as virtudes da alma e das do corpo. A natureza lhe não foi escassa : em especial era de mui esforçado coração, com que sempre zelava e procurava grandes empresas. E certo, se elle fôra em alguma grande potencia, cuja governança estivera sómente á sua disposição, bem poderíamos congeiturar que seu estado e cuidado não tivera outro respeito, salvo conquistas virtuosas.

Este Principe, como viu a materia da passagem d'Africa movida, como quer que fosse então denegada, não leixava de a revolver em sua memoria, e como cousa que lhe parecia que Deus inspirava, trabalhava buscar caminhos e razões para ir ao effeito d'ella, e para isso servindo El-Rei na Côrte, como era seu costume, sabendo o grande amor que tinha á Rainha sua mulher e a muita parte que lhe de si dava, consirando quanto em seu proposito e em outro mais difficil ella com sua discrição e virtudes lhe podia com El-Rei muito aproveitar : tomou por invenção servi-la mais continuadamente e com mostranças de mór amor do que antes fazia ; e a Rainha vendo-se estrangeira e sentindo quanto El-Rei era afeiçoado aos Infantes seus irmãos e em especial ao Infante D. Pedro, antre o qual e ella já havia duvidas de suas boas vontades, estimou por muito seu interesse e segurança haver para si o coração do Infante D. Anrique, a que para

isso respondia igualmente com obras e virtuosos signaes de amor.

E conhecendo o Infante que tinha já ganhada sua boa vontade, trabalhou mais para o fim de seu desejo a colher para si com uma especialidade de mercês e favores, a esses principaes da côrte com que entendia que El-Rei tinha mais familiaridade e a quem em seus conselhos dava mais credito; com os quaes, antre as cousas que principalmente praticava, assim era quanto desejava que El-Rei seu senhor fizesse em Africa alguma façanha que ficasse em sua memoria para sempre, e o grande desejo que tinha de o n'isso servir, confirmando-os por suas exortações em sua vontade para lhe não resistirem, quando o caso se commettesse. E sendo já o Infante pungido de seu desejo e assi triste pela tardança do effeito que se não procurava, vendo para isso tempo desposto, fallou á Rainha, dizendo:

«Senhora. Quanto vos Deus fez de mais alto e de mais nobre sangue, tanto deveis desejar mais honra e accreentamento de môr estado a El-Rei vosso marido; porque seu louvor accreenta no vosso, e muito mais na honra de vossos filhos. E por a Rainha minha senhora e madre ser a isto conforme, nunca em seu desejo propoz alguma bemaventurança á honra: e esta, sobre todas, desejou a El-Rei meu senhor, e a nós seus filhos; e deu-lh'a assim Deus em todos os dias de sua mocidade e velhice, como creio que ouvirieis e sabeis».

«Leixou por graça de Deus a El-Rei meu senhor, vosso marido, em asosego com seus vassallos e em paz com os christãos, em que ficou o honroso senhorio de Ceuta, como porta aberta de honra e gloria por que elle entrasse, e ácerca da guerra dos infieis, seguisse suas pegadas, em que acharia honra sem so-

berba e merecida salvação para a alma, e grande e louvada herança seus filhos; e para sua mercê isto cumpre, além da obrigação com que o deve fazer, tem a melhor disposição que nunca Príncipe teve, assi pela geral paz que ha com todos, como pela muita gente de seu reino desejosa d'honra: e somos mais o Infante D. Fernando e eu, irmãos despejados para escusarmos sua pessoa e o servirmos em qualquer cousa que elle mandar. E sobrisso no reino ha muita abastança de mantimentos e muitas armas, que ao menos para haver razão de se alimparem, seria necessario e proveitoso fazer-se uma grossa armada.

«Quería, senhora, que Vossa Mercê não sómente houvesse por bem mover eu isto a El-Rei meu senhor, mas ainda que com elle me ajudasseis; porque, além da certa honra que se ganha, ainda não é sem seu proveito e vosso passarmos em Africa: cá se Deus nos der victoria dos imigos de sua Fé e lhe tomarmos algum logar junto com Ceuta: d'alli com sua ajuda os guerrearemos por tal maneira, que hajam por seu proveito e saude leixar-nos sua terra e nós a cobrar-mos, como os mouros da Hespanha fizeram a nossos antecessores, e lá viveremos accrecentando cada dia a Nosso Senhor Jesus Christo e á Bemaventurada Virgem Maria sua Madre, mais casas d'oração em que sejam louvados e adorados: e a El-Rei meu senhor mór louvor, e á corôa de seus reinos mais honrada herança, e a vossos filhos ficarão estes reinos mais livres para n'elles poderem viver como a suas honras e estado pertence».

E a Rainha depois de bem ouvir o Infante lhe respondeu:

«Vós irmão soes d'El-Rei meu senhor, e eu não sei no mundo quem mór honra e mais bem lhe deva com razão desejar que vós e os Infantes vossos irmãos:

vós lhe podeis isso requerer ; porque, se a natural fraqueza de meu entendimento me não engana, o requerimento em si é justo, honesto e sancto, e tal que bem parece que o cuide e faça um tal Principe e tão bom Cavalleiro como vós soes : e se sobrisso entenderes que minha intercessão póde aproveitar, eu por serviço d'El-Rei meu senhor e por vossa honra e prazer, me despoerei a isso com boa vontade».

CAPITULO XIII

Como o Papa enviou a El-Rei a Bulla da Cruzada, e do que o Infante D. Anrique sobrisso lhe fallou, obrigando-o á licença da passagem em Africa: e como El-Rei, a requerimento da Rainha e sem conselho, lh'a deu.

EM o começo do anno de mil quatrocentos trinta e seis, estando este negocio assim movido e suspenso, El-Rei se foi a Estremoz: onde veiu a elle, por delegado do Papa Eugenio, D. Gomes, portuguez, que então era D. Abbade em Florença e depois por seus merecimentos foi prior de Santa Cruz de Coimbra; o qual antre outras cousas com que veiu trouxe a El-Rei a Bulla da Cruzada contra os infieis, a qual no Concilio de Ferrara o conde d'Ourem requerera e se concedeu.

O infante D. Anrique foi com ella mui alegre, e para o requerimento que emprendêra e desejo que trazia sentiu-se mui mais esforçado; porque lhe pareceu que este proposito lhe espirara Deus no coração para o no principio mover, e que agora esta mensagem era Divina e não vinha, salvo para sem contradição se

acabar. E a verdade é que El-Rei D. Duarte mandou ao Papa requerer esta Cruzada: que não para se logo cumprir, mas com fundamento de a ter, para quando visse tempo e disposição para poder guerrear os infieis, e então a publicar. E com tudo o Infante fervendo em seu apetito, apartou-se com El-Rei só por um campo, que se faz antre o mosteiro de S. Francisco d'Estremoz, e lhe disse:

«Senhor. Peço-vos por mercê que hajaes por bem de me dizer, a que fim pedistes e vos veiu esta Cruzada».

«Irmão. Praz-me, respondeu El-Rei, dizer-vos minha tenção. E eu consirei como El-Rei meu senhor e padre, cuja alma Deus haja, começou esta conquista d'Africa tão prosperamente: e como seu desejo era, por serviço de Deus a proseguir; e ainda sabeis, que se por nós outros não fôra torvado, com sua muita velhice o quizera poer em effeito. E como eu, por graça de Deus, sou n'este reino e n'aquelle senhorio seu successor, pareceu-me assim por servir a Deus e por não passar minha vida ociosa, como por accrecentar em minha honra e haver sua benção, que devia em algum tempo, por armas e força, continuar aquella empreza: e porque senti que este Santo Padre Eugenio, pela obediencia que lhe tenho, tem amôr a mi, e a meus reinos e vassallos grande affeição, enviei-lhe pedir esta Cruzada para a ter por resguardo em ajuda de meu proposito, para quando me cumprisse.»

«Senhor, respondeu o Infante, não espereis mais tempo, porque este é para isso o melhor e mais aparelhado, que nunca podeis ter. Estão vossos reinos, por graça de Deus, pacificos e bem regidos, providos e abastados de gentes, armas e mantimentos: tendes filhos, que Deus guarde e defenda, para succederem após vós esta herança que vosso padre e avós ganha-

ram: tendes mais nós outros vossos irmãos, que mantendes com muita vossa custa e trabalho, em que vos podemos melhor servir, que n'este serviço de tantos beneficios; peço-vos, Senhor, por mercê, que o não dilateis para outro tempo e conformae-vos com a Santa Escriptura, que nos conselha, emquanto temos tempo, obrarmos boas cousas.»

El-Rei era mui prudente e muito desejoso de servir a Deus; e que de uma parte sua vontade e as razões do Infante o vencessem, da outra era forçado das grandes difficuldades que no caso sentia, para não poder cumprir: e disse-lhe:

«Irmão. Bem sabeis como El-Rei meu Senhor casou tão pouco a duqueza de Borgonha minha irmã, e lhe deu em casamento duzentas mil corôas, não contando o grande gasto e muita despeza que nas festas e em sua passagem se fez: e como tambem se despendeu muito de sua fazenda e de seus vassallos na viúda da Rainha minha mulher, asi nas festas que se n'esta villa fizeram, como em dadas e mercês que fez aos que com ella vieram: e asi no casamento de meu irmão o Infante D. Pedro, e depois nas exequias e enterramento do corpo d'El-Rei meu senhor, e nas satisfações e casamentos de seus criados, e agora no grande cambo que mandei fazer ao conde d'Ourem meu sobrinho e aos outros embaixadores que com elle foram; pelo qual senti minha fazenda minguada e sem aquella sustancia que para semelhante cousa cumpria; e eu queria escusar de lançar pedidos aos povos, especialmente para tal guerra, que é mais de minha vontade, que a elles necessaria; porém tanto que a Deus prouver de se isto melhorar, Elle sabe que a mi não esquece de o n'isso servir.»

Respondeu o Infante:

«Senhor. Vós obraes assim tudo bem e com tanta

bondade e virtude, que de razão aquillo devemos louvar que Vossa Mércê fizer; porém lembre-vos que depois de serdes Rei, mandastes Pedro Gonçalves, veador da fazenda a El-Rei de Castella, que vos recebesse em companhia na guerra de Grada, de que, não querieis outra parte nem galardão, salvo o serviço que a Deus farieis e a honra que n'isso ganharieis: e se consentira e não se escusara de vosso requerimento, sei pela muita verdade que em vós ha, que, pospostos todos estes pejos e outros maiores, o foreis cumprir, não sem muita vossa despeza e trabalho; pois, Senhor, o que na casa alheia pedieis, sabeis na vossa o tendes muito melhor; e com todo, porque isto que direi não contradiz muito vossa tenção, a mi parece que vós deveis haver por bem que eu passe em Ceuta com aquella gente que vos bem parecer; e sei que o Infante D. Fernando folgará de me seguir: e em tanto veremos se, por alguma cautella, forças ou astucia, poderemos haver a vosso poder a cidade de Tangere, ou algum outro lugar ao menos; na guerra que fizermos estimaremos a gente com que se o caso offerecer vos convirá pelejar: e se cobrarmos o lugar, por ser da qualidade e forças que é, ganhar-se-ha n'ellé boa parte de vossa conquista: e quando assim não succeder, nas forças dos contrarios sentiremos se é abastante vosso poder para os conquistar: e se o fôr, como prazendo a Deus será, então passareis mui poderosamente com todo vosso reino, e, ou lhe dareis batalha em que os vencereis, ou lhes tomareis as fortalezas e sojugareis a terra, como virdes que será mais vossa honra, serviço e proveito.»

Com estas razões e com outras que o Infante fazia mui aparentes, prouve a El-Rei dar-lhe licença e consentimento que passasse em Africa, sem accordo nem aprovação de seu conselho; como quer que a opinião

de muitos, por mais verdadeira, foi que aquellas razões e outras de mór efficacia não moveram a El-Rei de sua primeira firmeza, que era não consentir na passagem, se não entreviera n'isso a Rainha por parte do Infante D. Anrique: o qual, por a mais obrigar e inclinar n'este caso a seu desejo, fez com o Infante D. Fernando que ambos adoptassem como adoptaram por filho, o Infante D. Fernando, filho segundo d'El-Rei e da Rainha, que depois de suas mortes, por virtude da dita adopção, succedeu e herdou toda sua herança d'ambos: e do Infante D. Fernando não houve mais que Salvaterra do campo de Santarem, que era sua de juro.

CAPITULO XIV

Como El-Rei e o Infante accordaram a gente com que passariam em Africa, e a provisão que lhe dariam, para que conveiu a El-Rei lançar pedidos aos povos.

QOM a licença que o Infante teve d'El-Rei para passar, foi mui alegre: cá depois que foi no primeiro descerco de Ceuta, em que o Infante D. João seu irmão foi com elle, sempre seu coração foi guerreado do desejo de tornar em Africa, e ainda por este proposito que elle atou em sua alma com firmes nós de muita fé, affirmou que mudaria seu acostumado signal em tres letras, que diziam I. D. A.; porque, por parte significassem seu nome, a saber, Infante D. Anrique, e todas juntas declarassem a ida em Africa que sempre desejava. E para poer logo em effeito, depois de sobrisso haver com El-Rei muita

pratica, acordaram que passasse com quatorze mil homens, tres mil e quinhentos homens d'armas e quinhentos besteiros de cavallo, e dois mil e quinhentos besteiros de pé, e sete mil piões, e quinhentos serviçaes: aos quaes não se acordava dar mais que o só mantimento; ao que foi contrariado para a comparação da tomada de Ceuta, em que as gentes houveram soldo e mantimentos e, além d'isto, as pessoas principaes, segundo a gente que levavam, asi houveram mais suas vantagens em dinheiro.

E finalmente se tomou assento que se desse soldo e mantimento e mais graças aos capitães, por respeito da gente que levassem: e para esto orçando El-Rei e seus officiaes as despezas que seriam necessarias, achou muito áquem d'ellas sua fazenda; para soprimento do qual acordou soccorrer-se a seus povos, os quaes, por seus procuradores, foram por seu mandado juntos para côrtes em Evora, aos quinze dias do mez d'Abril, onde na oração publica que o douctor Ruy Fernandes, em nome d'El-Rei, propoz, em sustancia concludío, que assi como muitos reinos e potencias por continua guerra, assi outros por longa paz se perderam: pelo qual El-Rei, por serviço de Deus, honra e acrecentamento maior seu e de seus reinos, e por se n'elles não perder o proveitoso exercicio das armas e tambem por cumprir mandado e obediencia d'El-Rei seu senhor que na fim de seus dias l'ho muito encommendára, e asi por honestamente se escusar a alguns Principes a que tinha obrigação e lhes não dar ajudas para christãos, porque era requerido, tinha com a ajuda de Deus, determinado enviar em Africa os Infantes seus irmãos; e porque sua fazenda por então não podia tamanho gasto soprir, lhes rogava e encommendava que o quizessem ajudar para isso com dinheiro, para que trouxe authoridades e exemplos de Reis e Principes an-

tigos, que para conquistas, não de tamanho merecimento e obrigação, foram de seus povos, com suas riquezas, grandemente ajudados.

E depois de os procuradores sobrisso haverem seu conselho, lhe outhorgaram para esta passagem um pedido e meio, que logo foi lançado e tirado: não sem grande murmuração e descontentamento do povo, cujas vozes e lamentações por interpostas pessoas que folgavam não com boa tenção de o publicar, feriam a alma d'El-Rei com muita tristeza. É certamente nas primeiras escusas, que de sua bondade e prudencia nacião, bem parece que lhe inspirava Deus na vontade que revogasse e não concedesse a ida: porque para vêr que a não havia então por seu serviço, bem lhe mostrou claros signaes: porque além do desazo que em todas as cousas para isso havia, e ainda no primeiro conselho que em Almeirim teve, em que publicamente declarou o que secretamente tinha determinado, fallando no Infante D. Fernando, que ia e era presente, logo ex-improviso, como quer que era inverno, lhe arrebetou muito sangue dos narizes e assi a Diogo Lopes de Souza, que tambem era presente; o que foi prognostico e agoiro verdadeiro de sacrificio de seu corpo, e sangue de muitos que no feito se seguiu, como adiante se dirá.

CAPITULO XV

Dos capitães e fidalgos e pessoas principaes que El-Rei para este feito ordenou, e o provimento que a isso se deu.

DEPOIS d'El-Rei prover sobre navios, armas e mantimentos necessario, como para o caso cumpria, consultou sobre as pessoas principaes que n'este feito o bem serviriam: e logo por suas cartas os percebeu; em que achei de senhores e fidalgos e outra nobre gente estes, cujos nomes, por sua memoria e honra de seus successores e bom exemplo aos por vir, houve por necessario aqui declarar.

Primeiramente os Infantes D. Anrique e D. Fernando: D. Fernando, conde d'Arrayollos, filho do conde de Barcellos, seu irmão, que foi por Condestabre: D. Alvaro d'Abreu, bispo d'Evora: Vasco Fernandes Coutinho, marichal: João Rodrigues Coutinho, meirinho mór: Diogo Soares, seu irmão: Alvaro Vaz de Almada, capitão mór do mar: Gomes Nogueira: Ruy Gomes da Silva, alcaide mór de Campo Maior: Martim Vaz da Cunha: Lopo Dias de Lemos: D. Fernando de Menezes: Frei João, provincial do Carmo, que depois foi bispo de Ceuta e bispo da Guarda: Diogo Lopes de Sousa: Ruy Dias de Sousa, seu irmão: Lyonel de Lima: João Falcão, irmão do bispo d'Evora: D. Duarte, senhor de Bragança: Pedro Rodrigues de Crasto, e estes todos da casa d'El-Rei.

E da casa do Infante D. Anrique, foram estes: D. Fernando de Crasto, governador de sua casa: D. Alvaro de Crasto, e D. Anrique de Crasto, seus filhos: D. Pedro de Crasto: D. Alvaro de Crasto: D. Fernão de Crasto: D. Fadrique de Crasto, irmãos, filhos de

D. Alvaro Pires de Crasto : Ruy de Sousa, alcaide mór de Marvão : Gonçalo Rodrigues de Sousa, seu filho, commendador da Ordem de Christo : João Alves da Cunha : Ruy de Mello, que depois foi almirante : Gonçalo Tavares : Pay Rodrigues d'Araujo ; assi foram muitos cavalleiros e commendadores da Ordem de Christo, e outra muita e nobre gente que o Infante D. Anrique tinha em sua casa e pelo reino, que foi a mais e melhor que, até seus dias, nenhum Principe d'estes reinos de Portugal sem corôa teve ; e o Infante D. Fernando percebeu seus criados e os commendadores da Ordem d'Aviz, e além d'estes se offereceram outros para servir com os Infantes : assi como Fernão de Sousa e João Telles que viviam com o Infante D. Pedro, e Alvaro de Freitas e João Fogaça, commendadores de Sanct-Iago, que eram do Infante D. João, sobre os quaes ainda El-Rei mandou cavalleiros de sua casa com poderes abastantes, que por seu mandado correram a Costa de Biscaya, Esturias, Frandes, Inglaterra e Allemanha a buscar navios e gentes, para n'esta passagem o virem servir por seus fretes e soldos, que lhes mui bem pagaria.

CAPITULO XVI

Como El-Rei pediu ao Infante D. Pedro, e ao Infante D. João, e conde de Barcellos, seus irmãos, conselho sobresta passagem, e lhes disse as razões que o a ella moviam.

PORQUE El-Rei determinou esta ida dos Infantes em Africa, sem conselho do Infante D. Pedro e do Infante D. João, e do conde de Barcellos seus irmãos, e de outros principaes do reino, e sa-

bia que elles se haviam d'isso por mui agravados : porque, em alguma maneira parecesse que não era contra seu prazer e conselho, se foi a Leiria no mez d'Agosto, no anno de mil quatrocentos trinta e seis, d'onde todos estes sendo juntos, e tambem os outros Infantes, lhes falou n'esta maneira :

«Irmãos. Com a graça e ajuda de Deus, eu queria que o Infante D. Anrique e o Infante D. Fernando meus irmãos, que aqui estão, passassem em Africa fazer guerra aos infieis: e as razões em que me fundo, vos direi brevemente, sobre as quaes folgarei ouvir o que vos de isso parece. Primeiramente, porque, louvado seja Deus, tenho paz com todos christãos, e a ociosidade é grave peccado, e des hi é justa causa para me escusar d'El-Rei d'Aragão e d'El-Rei d'Inglaterra para lhes não dar ajuda que me requerem contra os christãos seus comarcãos com que teem guerra, e por cumprir a vontade e desejo d'El-Rei meu senhor, nosso padre, cuja alma Deus haja: e por satisfazer ao erro que, contra o serviço de Deus podemos ter por lhe contrariarmos, depois da tomada de Ceuta, sua passagem em Africa; como quer que então assi pareceu bem e necessario, por elle já não ser em idade para por si tamanho feito reger, nem ter condição para ser n'elle regido: e des hi porque o bom nome e nobre exercicio d'armas que, no tempo d'El-Rei meu senhor, a gente d'estes reinos por merecimentos cobrou, não se perca em meu tempo, por negligencia; com que não sómente minha fama, por fraqueza, seria abatida, mas ainda a corôa d'estes reinos não estaria por isso muito segura: e tambem porque os Infantes meus irmãos, pungidos do nobre sangue de que descendem, como desejosos d'accrecentar mais suas honras e estados, me requeriam muitas vezes licença para se ir fóra de meus reinos; pareceu-me que esta empresa, em que isto

podiam conseguir, com muito serviço de Deus e honra minha e sua, lhes era para isso mui conveniente: moveu-me mais a isso vêr tão nobre gente e tão esforçados capitães e cavalleiros, como Nosso Senhor para este feito me ordenou, cuja bondade d'armas muitas vezes experimentada da grande esperança de mui certa victoria dos inimigos. E prazera a Deus, que d'este começo se fará em sua terra tal proseguimento, porque elle seja dignamente servido e sua fé muito mais conhecida e exalçada. Ajuntei mais a meu propósito, saber a grande divisão que ha antre os reis e principaes d'África, nossos contrairos que, com seu desacordo, dão causa e disposição a nós, para com menos difficuldade e mais nossa vantagem os guerrearmos; e des hi consirando a milagrosa maneira que Nosso Senhor teve em dar, com tão segura victoria, nas mãos d'El-Rei meu senhor a cidade de Ceuta, e os estragos e mortindades que, depois nos cercos d'ella, os infieis de nós receberam: certo parecem claros signaes da vontade de Deus, que ha por seu serviço não se leixar, antes que se prosiga, esta conquista. Tambem não me esqueço, em meu proposito, as muitas despezas de minha fazenda e grandes perigos, mortes e captiveiros de meus naturaes, com que se Ceuta sustem; e como a principal causa d'isto seja ter por visinhos contrairos, Tanger e Alcacer, não é de duvidar que muita parte d'estes males e gastos se escusaram, sendo tomados e postos em nosso poder. E por vêr para isso boa disposição, pareceu-me que o não devia mais porlongar; a qual cousa, sabido meu fundamento, não sómente acordou muita parte dos do meu conselho, a que o fallei e movi: mas ainda meus confessores, a que a verdadeira tenção de minha alma não escondi, m'o louvaram, aprovaram e aconselharam. Mas porque isto ainda de todo me não satis-

faz, sem primeiro vol-o notificar e vêr vosso conselho: por isso vos fiz aqui vir para sobre isso m'o dar-des, especialmente vós, irmãos meus, Infante D. Pedro, e Infante D. João, e conde de Barcellos; porque dos outros tenho já sabido seu parecer.

CAPITULO XVII

Do voto e conselho que o Infante D. João deu á proposição d'El-Rei, sobre a passagem dos Infantes em Africa.

N'ESTE conselho houve poucas vozes, porque n'elle era sómente os Infantes e condes de Barcellos e d'Arrayollos: porque o conde d'Ourem era ainda no Concilio, como atrás se disse: dos quaes o Infante D. Anrique e o Infante D. Fernando, por movedores do caso, como suspeitos, não deram n'elle voz, e assi mesmo se escusou o conde d'Arrayollos, por ser já ordenado e elle se convidar para a passagem; pelo qual a primeira voz ficou ao Infante D. João; porque do conselho que El-Rei D. João seu Padre teve em Torres Vedras sobre a tomada de Ceuta, se costumou depois, que pela mór parte as pessoas principaes dessem votos e conselhos á derradeira: e segundo esta regra, o conde de Barcellos devêra primeiro dar sua voz, mas o Infante D. João, por ser seu genro e ter o conde em lugar de padre, sempre lhe deu a honra da precedencia em sua vida; o qual disse a El-Rei seu parecer n'esta maneira:

«Senhor. A mim parece que siso, nem Cavallaria não convem em todo; porque suas regras são mui desvairadas, que a do siso deffende deixar o certo

pelo não certo, e a paz pela guerra, e a regra da Cavallaria muitas vezes o aventura e o aconselha pelo contrario. E, para fundamento do que direi acho que quatro cousas principaes são, a cuja fim totalas cousas d'este mundo se devem fazer, a primeira por serviço de Deus, a segunda por honra, a terceira por proveito, a quarta por prazer e gosto; segundo as quaes, o siso deffende esta passagem e a guerra d'ella, e que Vossa Mercê a não deve fazer: para o qual digo, quanto ao serviço de Deus, que certo é que tão grande feito, como este que empredeis, sem lançardes pedido encuberto ou manifesto a vossos vassallos, não se pode fazer: e no que cada um que houver de ir despender em sua fazenda, além de vossos fretes, soldos e mantimentos ordenados, se verificará e aprovará o que digo, que não pode ser cousa mais contraira ás determinações dos Sanctos Padres, em tal guerra, nem mais imiga das Obras da Mizericordia, que, sobre todas, nos são encommendadas, e a vós muito mais, porque guerra, de sua qualidade e condição mata de fome o farto, e de sede o que tem de beber, e desveste o vestido: e assi descorrendo por todas, as destrue: o que, por brevidade leixo.

«Pois, Senhor, provede bem na conta que dareis a Deus, n'este officio que vos deu de governar e defender seu povo, sendo vós causa da destruição de suas pessoas e fazendas e desolução de vossa justiça, com a qual de necessidade haveis contra os malfeitores de dispensar e não executa-la, como sobre todos sois obrigado: o que é tamanho mal do povo, que, se Deus ouvir os seus rogos, certo não devieis ousadamente tal guerra commeter; e não digo contra mouros, mas contra judeus, que ei por infeldade mais abominavel.

«E posto que, sem pedido, se podesse fazer, o que

d'uma maneira ou d'outra é impossivel: ainda deveis, Senhor, consirar, em caso que vossa tenção e d'alguns outros seja servir a Deus n'esta guerra, que essa não é a de todos; ca uns irão por desejo de honra, outros com esperança de ganho, e os mais, que são piões e gente miuda, porque o reparo que tinham ganhado para suas mulheres e filhos levam comsigo para o não tornar, e não lhes fica a esperança de seus suores e trabalhos em que se mantenham: e estes irão arrenegando, forçados de vosso medo, sem limpeza e liberdade das vontades, que em tal guerra de necessidade se requiere; pois Senhor, quem matasse mouro-com tal tenção, não pecaria menos que se fosse christão: pelo qual, dar ao Démo tantas almas, certamente mais deve ser desserviço, que serviço nem louvor de Deus.

«E ainda, Senhor, se por doutrinas e ensinações de Jesus Christo e de seus Apostolos nos havemos de reger, esta guerra dos mouros não está muito certo se é d'ella servido; sei porém que a Santa Escripura, por pregações e virtuosos exemplos de vida, os manda converter: e se por outra maneira Deus fôra servido, permittira e mandára que, em seus erros e damnada contumacia uzamos de nossas forças e ferro, até serem convertidos á sua fé; e isto ainda não vi, nem ouvi que se achasse em authentica Escripura. E as indulgencias e remissões de peccados que para esta guerra o Papa outhorga, não tem effectuosa força de Lei para obedecer, nem de regra para de necessidade seguir: cá estas presopõem necessidade que aqui não ha; e santa vontade e boa devoção que os menos n'ella levam. E mais bem sei que por mil dobras que enviemos a um cardeal para fazermos uma mui pequena obra de misericordia, no-las enviará outhorgadas do Papa, com graças muito maiores. Nem os mi-

lagres que n'esta guerra ás vezes parecem e por ventura se fazem, não os hei por certo testemunho de ser a vontade de Deus que a façamos, porque taes e maiores se fizeram e fazem em terra e sangue de christãos contra christãos: o que, por qualquer interpretação, não é serviço de Deus, e porém seu incompreensivel Juizo o permite assi; porque se nas taes guerras não interviessem evidentes milagres, a milicia e ingratição dos homens é tamanha, que mais attribuiriam á sua fortaleza e saber as victorias, que á Potencia Divina.

«Pelo qual, Senhor, pois n'este caso o desserviço de Deus é tão certo e o serviço tão duvidoso, por esta cabeça digo que tal guerra por siso não deveis commetter: e quanto á segunda parte, se é honra fazer d'ello, digo, Senhor, que o siso vo-lo deffende; porque certo é que a principal honra e estima do reino e povo o está sómente no rei, por cuja honra e louvor seus filhos, reinos e vassallos são tambem honrados e louvados: e assi pelo contrario.

«E porque Deus, por sua infinda bondade e pelos grandes e immortaes merecimentos d'El-Rei nosso Senhor e Padre lhe deu tanta honra e victoria, em que nós, seus filhos e seus reinos e naturaes temos muita parte, que pelo mundo não é escondida: certamente que assás seria de reprender quem buscaesse caminhos escorregaveis em que, asinha caindo, a podesse perder; e d'esto nos deu exemplo Nosso Senhor, que sendo do imigo ao Pinacolo levado, e d'elle por a vã gloria amoestado e induzido que se lançasse a fundo, porque os Anjos o guardariam, para que seu pé não fôsse offendido; posto que Nosso Senhor soubesse que dizia verdade, não o quiz fazer, respondendo-lhe: não tentarás a Deus teu Senhor.

«E pois assi é que vós Senhor sois, por vossas mãos e herança, tão honrado e estimado por todo o

—~~~~~
mundo, e vossa corôa está posta em um tão alto Pinacolo de honra: não é bom conselho que a faças voar d'aqui com vossa hoste a Bellamarin; cá possível é, o que Deus nunca queira, que os Anjos de todo não terão cargo de sua salvação, e receberéis por isso quebra e mingua; e por pequena que fôsse, segundo é grande vossa perfeição e limpeza, mais vos abateria que aos outros Principes uma mui desguerrada fugida.

«E por tanto, pois já tendes a honra tão certa e segura, e n'esta empreza a buscaes tão duvidosa e com perigo certo: pela regra que disse, tal feito, por isso, não deveis commeter.

«E quanto á terceira causa do proveito, por esta, Senhor, menos o deveis de fazer; porque no ganho dos infieis e tão longe, ha muita duvida e incertidão: e a perda, a que eu chamo despesas vossas e de vossos vassallos, porque primeiro a recebemos, está mui conhecida, não fallando ainda nas outras perdas maiores, que Deus deffenda, que são mortes, doenças e captivos, que nas taes cousas sempre recrecem e se hão de presopoer; porque fazendo esta empreza tão certa e tão segura, como já temos a de Ceuta, ainda lançadas bem as contas do bem e do mal e das perdas e ganhos, não seria para vós e vossos reinos certo proveito. E mais ei, Senhor, por perda, a vós e a vossos reinos, a que por esta passagem se podia seguir; porque bem vêdes as voltas d'España e a dôr rezente da guerra passada, que a brandura da paz presente ainda não mitigou.

«Por ventura os que se dão agora por vossos amigos, vendo-vos sem a nobre gente e boa que quereis mandar, esforçar-se-hiam como imigos para vos darem muito trabalho, e por ventura darieis causa a se perder o d'áquem, por não ganhar o d'álem: e perder

com tudo Portugal, por cobrar Tanger e Arzilla, não seria honrado nem proveitoso escambo.

«Assi, Senhor, que pois o damno e a perda parece manifesta e o proveito duvidoso, não é razão que este feito, por siso, hajaes de commeter.

«E quanto ao quarto fundamento do gosto e prazer, se por elle o deveis de fazer, certo n'esta guerra eu vejo muitas despezas, trabalhos, cuidados, perigos do mar e da terra, mortindade, feridas, aleijões, doenças, captiveiros, fomes, sedes, frios e quenturas demasiadas, com outras semelhantes paixões, que são cousas com que a alma em que é a casa dó prazer se entristece e anoja.

«Pelas quaes quatro cousas e razões, o siso por sua regra deffende o proseguimento da guerra d'Africa, e que Vossa Mercê a não deve emprender; mas a honra, Senhor, tem por si outras taes quatro razões pelas quaes parece que proseguir esta guerra é serviço de Deus, honra, proveito e prazer. E quanto á primeira se é Deus servido, certo é que, para governança do mundo foram tres estados ordenados, a saber, Oradores, Lavradores e Deffensores: e n'esta derradeira qualidade cabeis vós, a que não abasta deffenderdes vosso povo do mal, mas ainda é necessario que offendeis e impuneis os máos: e esto por justiça e por armas; e será por justiça onde vossa jurdição e obediencia se ostende: mas por armas, sómente se entende contra os mouros, que verdadeiramente são dictos máos, pois que a verdadeira Fé não teem nem querem ter, e injustamente possuem a terra do Senhor, a que não conhecem nem dão os dinos louvores que devem.

«E se contra christãos de direito não podemos, e contra mouros por razão, não deveresmos fazer guerra: certo, Senhor, vosso officio de deffensor

cessa, porque assi como os lavradores sem lavar, e os oradores sem ordens e beneficios não podem viver nem directamente se chamar de taes nomes: assi a vida dos deffensores, que é sua honra e fama, sem directa guerra não pode muito durar; pelo qual, não cumprindo o officio que vos é dado, não merecereis o galardão que vos Nosso Senhor por elle promete, quando diz: quem quizer vir após mi, negue si mesmo e tome sua Cruz e siga-me.

«E esta empresa de tantos trabalhos e perigos que por a Sancta Fé quereis tomar: é verdadeira Cruz que haveis de levar, com a qual negaes a vós mesmo na privação das deleitações da carne que renunciáis, e seguis o Senhor por limpa vontade, sancto proposito e meritorias obras, com que vós e os que vos seguirem merecereis ir após elle á Bemaventurada Gloria, que todo bom deve desejar e querer.

«Item, Senhor, para crermos que n'esta guerra Deus é servido e que vós a deveis proseguir, não ei por de pequeno credito e efficacia as piedosas indulgencias que a Sancta Igreja, dos thesouros da mizericordia, por remissão dos pecados, n'esta guerra outhorga: e os evidentes milagres que Nosso Senhor, por salvação dos que a seguem mostrou e cada dia mostra e faz.

«E quanto á segunda parte da honra, certo, Senhor, a mi parece os que em vosso estado e preminencia são postos, não pode, quanto á bemaventurança d'este mundo, ser dictos bons e honrados, se honra de Cavalaria por seus degraos e merecimentos não alcançam: a qual directamente sem guerra ou peleja se não pode haver; e ainda quanto esta fôr de mór difficuldade e mais perigosa, tanto sua victoria será mais estimada e louvada, e os que a houverem de mór honra e louvor, pelo qual, Senhor, se nome de

bom e honra desejaes, como é razão e vos obriga o real sangue que tendes e de que decendeis, buscae e tende guerra. E porque agora contra christãos não tendes, louvado seja Deus, justa querella de guerrear, contra Grada, por sua conquista pertencer a El-Rei de Castella, não tendes justiça: certo não ha outra no mundo mais razoada, conveniente e legitima que a de Bellamarim que é d'Africa; a qual, por ganhardes nome de bom e honrado, a honra vos aconselha que a deveis proseguir.

«E quanto é á terceira causa do proveito, certo, Senhor, a mi parece que pouco proveitoso é ninguém esconder e guardar thesouros, que emfim logo de uma maneira ou de outra se perde; porque a moeda de sua condição, ou por ventura pelo azougue com que é misturada, com um pequeno movimento de guerra ou alvoroço de festas, ou outras taes vaidades, asi se vae toda em fumo, que d'ella outra cousa não fica senão os sacos vazios e sujos. Mas o grande thesouro licito e proveitoso que um leal coração deve procurar, asi é haver grande terra com muita gente e nobres cidades, villas e castellos; e isto se não póde conseguir, salvo por uma de tres maneiras, a saber, ou por doação, ou por compra, ou por força e tomadia: e por doação é caso desesperado, porque já não ha tanta nobreza nos Reis e Príncipes, por muitos reinos e principados e senhorios que possuam, que não queiram ante o alheio, que dar o seu: e por compra não é para ter esperança, porque os thesouros d'este reino não abastariam para compra de grandes terras e senhorios. Pois, senhor, não vos fica outra em que possaes esperar se não ganhardes as terras por vossas armas e força: e para isto pois, as dos christãos e amigos não deveis, nem as outras mais pertencentes, como já disse, que as dos imigos e infieis

d'Africa, cuja guerra deveis proseguir ; ao que se poderia dizer para o contrariar, que este proveito em fim, se converteria em conhecida perda, por sêmos poucos e não mui ricos e mal aparelhados, e querer-mos conquistar gente infinda, rica, manhosa e esforçada : e que, em caso que Deus nos desse poder e forças para os desbaratar e tomar seus logares e terras, com que as povoariamos, ca nos vencidos, quanto mais infieis, não era para ter esperança, cuja lei, costumes, lingua e modo de viver são tão contrairos a nós, a que por odio natural nunca obedeceriam.

«A isto, senhor, respondia que os que com taes razões este proposito contrariassem, não creio que dos grandes e semelhantes feitos que no mundo passaram houvessem conhecimento e noticia ; porque certo é, que no reino de Macedonia, com que Alexandre sómente empredeu a conquista de toda a redondeza do mar e da terra, e a sojougo, não havia gente, forças e riquezas que fosse siso nem razão cometê-la ; e porém o esforço e ousadia de um coração gentio e infiel, abastou sómente para isso ; e Roma que do mundo foi senhora pacifica, sabido é com quão pouca gente e riquezas os senadores d'ella começaram seu senhorio. Mas a fortuna, porque além da muita prudencia com que governavam lhes achou grandeza d'animo para commeter, os ajudou e prosperou como sabeis. E, para não buscar e trazer exemplos alheios e emprestados, certo é que El-Rei nosso senhor e padre, cuja alma Deus haja, se, com a cidade de Lisboa e com ajuda d'outros poucos bons servidores todo o outro poder d'Espanha por batalha não commetêra, por ventura hoje não possuireis os reinos que possuís. Pois, senhor, menos deveis d'esta empresa desistir por sermos pobres : ca os abastados nas necessidades e contentes das vidas que teem não buscam com suor e trabalho os

haveres estranhos ; mas os que das proprias riquezas são minguados, procuram com mór cuidado e mais diligencia as alheias ; e esta cobiça que, sem resistencia, rompe a fortaleza dos mouros, e sem mêdo se põem ás pontas das lanças, muito é necessaria para tal feito: isso mesmo por sermos d'armas e artilherias mal reparados, não é para vosso caso pejo que embargue ; porque os contrairos que temos em nossa contenda são muito pior que nós: ca não sómente carecem das armas, mas muito mais do exercicio d'ellas, de que lhe temos grande vantagem.

«E assi digo que sua diversidade de lei, costumes e linguagem, não impidem para vencidos obedecerem ; porque assi o eram quando no tempo d'El-Rei D. Rodrigo a Espanha ganharam, e por isso não houve christãos, dos que sujugaram, por muito aborrecida que a Aravia lhe fosse, que a não entendesse para obedecer e servir no que lhe mandavam.

«Pelo qual, senhor, parece que a honra por estas razões conselha e aprova esta guerra, para a haverdes de proseguir, e além da fortuna, achando-vos ousado, vos ajudará ainda quem tal feito com boa esperança e limpa vontade commeter.

«Claro é que no cuidado, regimento e ordenança d'elle haverá grande prazer, e na victoria e prospero effeito haverá muito maior ; e perdendo n'elle as vidas com tenção de servir a Deus, ganharão logo outras que serão para sempre mais vivas, havendo aquelle supremo prazer e deleitação da visão de Deus, sobre que não ha outro.

«Fiz, senhor, estas duas proposições e pejos de pro e contra, a que n'este caso trouxe aquellas cousas que o grande amor que vos tenho m'ensinou, cuja determinação leixo a vós que só no mundo por fé, siso, bondade e discrição devieis para isso ser escolhido

e nomeado: pondo-as nas balanças de vosso santo proposito e claro juizo. E encomendae-vos a Deus e á Bemaventurada Virgem Maria sua Madre, e ao Anjo S. Miguel para que carreguem n'estas cousas que disse sobre a que fôr mais seu serviço, para essa seguirdes; porque em qual d'estas me affirmaria, leixo por agora de o escolher e determinar. Fique, como disse, a determinação a vós, a que n'isso e em todo o que mandardes vos hei sempre d'obedecer e servir lealmente.»

CAPITULO XVIII

Do voto e conselho que o conde de Barcellos, irmão natural d'El-Rei, lhe deu sobre este caso da passagem.

COMO o Infante D. João se calou, o conde de Barcellos disse seu parecer n'esta maneira:

«Senhor. O Infante D. João tem com muita agudeza e grande prudencia dito tudo o que n'este caso para o corpo e para a alma, e para a honra e proveito, e para este mundo e para o outro se pode por uma parte e por outra n'elle dizer; e porém como quer que as quatro razões que pela honra derradeiramente propoz sejam assás frolidas e apparentes, e tenham côr de verdadeiras, eu me affirmo nas outras primeiras quatro do siso; porque n'ellas ha froll verdadeira sem fingimento, e fructo de gosto sem amargura nem contradicção: pelas quaes de meu conselho e parecer, digo que esta guerra não devieis por agora seguir, e perdô-me vosso appetite e vontade, se os contradigo; porque do siso e da verdade e da honra, aconselhando-vos d'esta maneira, sei que serei bem relevado, e em nenhuma cousa reprehendido».

CAPITULO XIX

Do voto e conselho que o Infante D. Pedro deu a El-Rei, contradizendo a ida d' Africa.

Conde como acabou seu voto, o Infante D. Pedro começou o seu n'esta maneira:

«Como quer que em totalas cousas, muito Excellente Principe, eu tomaria por mais proveito e mór segurança para mi, antes vos obedecer e servir que aconselhar: muito mais e de melhor vontade o faria n'este feito, em que a determinação, segundo vejo, vae já diante do conselho: o que, nos semelhantes feitos e que tanto relevam, não devia assi de ser; porque n'este negocio, pela casa que já teem feita em vossa vontade, certo é que quem vos n'elle aconselhar em contradicção mais poerá escandalo que contentamento em vossa alma: e que isto em todos seja geral, sabeí que nos Reis e Principes é proprio e especial.

«E porque isto me parece mais cumprimento que se faz a nossas pessoas, que necessidade de nosso conselho n'este feito: e tambem porque sei, sendo eu fora d'este reino, que Vossa Mercê em vida d'El-Rei, meu Senhor e Padre, que Deus haja, tendo com meus irmãos e sobrinhos sobre este caso conselho fostes aconselhado que esta guerra se não devia fazer: certo por estas duas razões assás amoestado era não darvos; mas ha hi outras duas que, com maiores forças me constrangem que o faça; ca uma é a grande fé e muita lealdade que vos devo, em quanto na terra fores meu Supremo Rei e Senhor: e a outra o singular e verdadeiro amor que vos tenho, que me obriga, pospostas todas contrariedades e paixões, que mui

desenganadamente vos diga, de fóra, o que a alma verdadeiramente me dentro sentir que seja vosso serviço, honra e accreentamento de vosso estado. Pelo qual, Senhor, obedecendo ao que n'este feito me mandaes, digo que já não faço duvida em ser bem e serviço de Deus os mouros imigos da Fé serem guerreados, com tanto que este bem não traga comsigo damnos e males muito maiores: despoerdes-vos a elles por servires a Deus e accreentar em vossa honra, logo em meu juizo o despensaria, se o podesseis fazer.

«E o poder não tomo aqui por mais, que se tivesseis dinheiro, que é nervo principal e parte formal d'este negocio, para soprirdes vossas despesas e a provisão necessaria aos que n'elle vos houvessem de servir; mas eu, como dizem, ladrão sou de casa, onde sei que o não ha vosso: pois de vossos povos sabei que, para guerra tão voluntaria publico nem secreto o não podeis tomar sem grande cargo de vossa consciencia, o que não deveis de fazer. E para mudardes moeda em vosso proveito, com damno de todo vosso reino, não podeis como rei: pois não deveis como justo e christão; assi que este, como cimento principal da passagem, fallece. Mas, posto caso que passasseis e tomasseis Tanger, Alcacer, Arzila, queria, Senhor, saber que lhe farieis; porque povoardelas com reino tão despovorado e tão minguido de gente como é este vosso, é impossivel: e se o quizesseis fazer, seria torpe comparação, como de quem perdesse boa capa por máo capêlo; pois era certo perder-se Portugal, e não se ganhar Africa.

«E para os destruides ou fazerdes guardar com atalhos, parece-me que seria publicardes sem encuberta vossa mingua e fraqueza: e mais não darieis com isso bom exemplo aos infieis para de suas von-

tades se converterem á nossa Fé, quando vissem seus logares cheios de misquitas, prosperados em seu poder, e no nosso com nossas Igrejas, logo despovoados e destruidos; porque se Vós, Senhor, tivesseses esta conquista d'Africa, como Castella tem a de Grada, em que cada lugar de mouros que se toma se faz logo defensão e recebe amparo d'outro de christãos seu visinho, havel-o-hia por bem; mas vós não podeis álem tomar logar em que possam viver homens vossos, que com temor dos imigos ousem sahir fóra, nem aproveitar a terra.

«E isto, Senhor, causa não terdes nem poderdes lá ter o senhorio do campo, sem o qual toda conquista será com razão de muito perigo e pouco proveito. E bem creio eu que os Reis d'estes reinos vossos antecessores, segundo eram mui ricos e mui poderosos e de valentes corações, e dos imigos da Fé proprios perseguidores, não lhes passára esta empreza pelas memorias, se n'ella não viram mais destruição que accreentamento de seus reinos; porque, como prudentes, esguardariam que o Principe ou Senhor, para conquistar reinos estranhos de necessario ha mister pôder com que se faça senhor dos campos, para os livremente correr e se aproveitar das preas e despojos d'elles, e, com pequeno poder, não se deve fiar em palanques nem artelharias, que convem mais para segurança dos conquistados que para honra nem proveito dos conquistadores.

«E esta gente que ordenaes, se vae tomar algum lugar de salto, como alguns fizeram, é mui perigosa ventura: cá, para se fazer com honra, proveito e segurança, convem outros rodeios e cautellas secretas, para engano dos imigos, de que não uzaes: e por este só caso, álem d'outros, vos haveria grande reocio.

«E para cercarem Tanger, certo, senhor, é commettimento muito para temer; porque a cidade é grande e povoada de muita e nobre gente, e a vossa, além de não ser abastante para a cercar toda em torno, ainda não é poderosa de resistir e se deffender dos cercados, quanto mais dos mouros de fóra que vierem em seu soccorro: o que, segundo esta passagem se divulga, não faço n'isto duvida, antes me affirmo que de Tripoly e da Berberia até Meca, não ficará mouro de peleja que ahi não venha disposto para morrer; e assi os nossos cercadores se achariam cercados, cujo soccorro a vós e a vosso reino seria mui duvidoso, ou por ventura impossivel: porque havia de ser quando fosse com frota, dinheiro, artelharias e armas, que vós não tereis mais das que mandardes: e sobre tudo por mar, que não tem certidão nem prazo.

«E, para a tomarem salteada, não é d'esperar que d'armada tamanha e tão publica, da que é para Africa, não sejam os mouros bem avisados, e até saberem o fim d'ella, que não estão para deffensão e offensão bem percebidos e aparelhados: mais para dar, que para receber damno.

«E aqui senhor, não me esquece o que para contrariar estes receios se póde dizer: a saber, que o preço da grande honra é sómente trabalho e grande perigo, e que os notaveis e honrosos feitos não se acabaram nunca sem muito risco e grande ventura. Mas a isto, senhor, digo eu que o tal aventurar não ha de ser de todo posto em ventura, especialmente para quem livremente vae commeter e não é commetido; mas ha de ter tanta parte na razão e boa prudencia, que n'ella logo se veja clara esperanza do prospero succedimento: e para esto ao menos a vós conviria estardes primeiro ao exame com vossos imigos, para

em vosso altô juizo e conselho cotejardes vosso poder, gentes e forças com as suas, e asi estardes á conta com vossa fazenda, reinos e vassallos; para saberdes o soprimento e ajuda que vos farão, e como vol-a farão. Cá por maneira querereis fazer esta passagem, que a guerra d'ella, ante que a façaes aos imigos, ficará primeiro com vossos vassallos e naturaes?

«E eu, senhor, ei esta empresa d'Africa e Bellamarim por tão ardua e difficultosa, que a vós e aos Reis d'Espanha todos juntos com vosso poder e postos em um accordo, daria bem que fazer: quanto mais a vós só, que ainda que a conquistasseis não terieis gente com que a povorasseis e sostivesseis, nem fortalezas em que a deffender.

«Pelo qual, senhor, concrudo que meu parecer é que agora nem em algum tempo Vossa Mercê não se deve entremeter n'esta guerra d'Africa, para n'ella procurarades de ganhar mais do ganhado; porque, esguardadas bem suas condições e degrãos porque a ella vão, certo a meu juizo não é serviço de Deus nem proveito, nem honra d'algum: antes o contrairo d'isto n'ella se offerece a todos mui manifestamente; e pois aqui, senhor, o principal intento é servir a Deus, peço-vos por mercê que saibaes como o deveis fazer, e não como quereis ou podeis».

CAPITULO XX

Como pareceu que El-Rei queria estar pelo conselho do Infante D. Pedro, e da consulta que por isso fez ao Papa, e da resposta que lhe veiu; e como El-Rei enfim não leixou de proseguir e aviar a armada para a passagem.

EL-REI tinha o Infante D. Pedro e seu saber em grande reputação e auctoridade, e não era sem causa; porque n'este reino e nos estranhos onde andára, assi fôra de todos estimado; e por tanto, ouvindo seu voto, em que de todo contrariou a ida dos Infantes, foi a elle muitó inclinado, e pareceu que queria estar por elle: especialmente antre os muitos inconvenientes que n'isso havia, lhe mordeu muito a consciencia os pedidos que para isso lançára; porém para com mais descargo e segurança saber o que devia fazer, e porque tambem assi foi acordado, escreveu logo ao conde d'Ourem, que ainda do concilio de Basilea não era vindo, que pelo doctor Vasco Fernandes fizesse prepoer e saber do Papa e cardeaes se era licito fazer guerra aos infieis e lançar para ella pedidos aos povos, com mostrança e fundamento que por esta determinação El-Rei esperaria até então com seu proposito.

O conde d'Ourem era já em caminho para este reino, e d'elle se tornou com este recado ao Papa Eugenio, que era em Bolonha: e propostas em Consistorio estas perguntas, depois de se haver sobrisso madura deliberação, lhe deram a resposta por escripto n'esta sustancia :

«Que os Livros dos Sanctos Canones porque a Sancta Sé Apostolica se regia, El-Rei em seus reinos

os tinha, e assi leterados que os bem entenderiam, com quem n'este caso se devia aconselhar; e com tudo, satisfazendo a seu desejo, lhe diziam brevemente que, se a questão era dos infieis que occupam as terras que foram de christãos, em abatimento da Religião Christã, tornando as sanctas igrejas em malditas misquitas, e fazendo outras abominações: a estes não era duvida, com auctoridade do Papa poder-se e dever-se fazer guerra; e que os doutores theologos por mais segura cautella diziam n'este caso que os imigos deviam pelos christãos primeiro ser amoestados e, se podesse ser, convertidos por pregações e por exemplos de boa vida, e que quando em suas contumacias as palavras sanctas os não commovessem, com armas os poderiam forçar ou guerrear. E, se porventura a questão era dos infieis que occupam as terras que nunca foram de christãos, que em tal caso se fazia distincção: que ou elles faziam damno e nojo aos christãos, ou não: e se o fazem, que licitamente lhe podiam fazer guerra, e se o não faziam que directamente lh'a não podiam fazer; por que a terra e abundança d'ella é do Senhor, que faz nacer o sol sobre os bons e máos, e dá de comer ás aves do céo: salvo se fossem idolatras ou pecassem contra natura, ca então poderiam ser punidos; porque a Lei da natureza manda adorar um só Deus, que assi puniu Sodoma e as outras cidades, posto que fossem gentios.

«E que, em qualquer caso que o Principe possa fazer guerra aos infieis, deve ser com piedade e discricção, e que não desponha o povo christão a manifesto perigo sem evidente necessidade; porque, se per sua sobeja audacia ou por má providencia se seguissem mortes e danos, gravemente pecaria: mas quando o Principe fizesse o que devia e provesse os casos que podessem acontecer e seu povo aventurasse

onde fosse tempo e lugar e com razão: em tal caso, posto que por desventura ou por juizo escondido de Deus, ou por algum caso não cuidado percesse muita gente em guerra justa, não peccaria.»

E quanto era, se o Principe podia lançar pedido a seu povo para fazer guerra justa a infieis, se respondeu:

«Que o Principe, segundo direito, pôde em duas maneiras fazer guerra justa: uma é justa necessaria, que se faz para deffensão da terra: e outra justa voluntaria, para conquistar terra de infieis; e que a guerra necessaria podia o Principe fazer á custa do seu povo: mas a guerra voluntaria não podia nem devia fazer, salvo a sua propria despeza; porque ainda que do mal muitas vezes naça bem: assi como do peccado de Adão, a Encarnação do Filho de Deus: porém com tudo o mal se não devia fazer, com fundamento que d'elle naceria bem; e que por tanto El-Rei para esta guerra d' Africa não devia lançar pedido a seu povo, posto que com o dinheiro d' ella esperasse ganhar toda Africa.»

Acabando El-Rei por Agosto estes conselhos em Leiria, e assi despachando para Roma os avisos que disse, se tornou no Setembro logo seguinte a Torres Vedras onde a Rainha ficava: e aos dezoito dias d'elle do anno de mil quatrocentos e trinta e seis pariu uma filha, que chamaram D. Leonor, que depois foi Imperatriz d'Alemanha.

E como quer que El-Rei em Leiria mostrasse desejo e tenção ácerca d'esta passagem vêr primeiro a determinação do Papa, porém como foi com a Rainha, ou por cumprir o que lhe requereu, ou por satisfazer a promessa dos Infantes, sem embargo, lembrança dos conselhos passados e do que mostrou que queria esperar, determinou pôr em effeito seu primeiro

proposito ; e a resposta do Papa que atraz fica somada por vir a tempo que o feito era já chegado á conclusão, não foi sómente bem vista : de que El-Rei foi de todos muito prasmado, por ter conselho e pedi-lo a taes pessoas, de cousa em sua vontade determinada, e que por contrariada que fosse, já não havia de deixar de fazer. E d'este erro se guardem muito os Reis e Principes, como de certa queda de reinos e senhórios ; porque da culpa que El-Rei n'este caso teve, vimos que a morte, com dôr e tristeza, segundo a opinião dos mais lhe deu despois a paga, como adiante se dirá.

De Torres Vedras partiu El-Rei ter o inverno a Santarem, não cessando de dar á armada todo possível aviamento : ca uma parte d'ella se aparelhou e fez prestes na cidade do Porto, para o conde d'Arrayollos e os fidalgos e gente d'aquella comarca n'ella embarcarem : e a outra em Lisboa, onde El-Rei, passada a Paschoa do anno de mil quatrocentos trinta e sete, se foi de Santarem para a fazer melhor despachar.

CAPITULO XXI

Como os Infantes partiram de Lisboa, e do regimento particular que El-Rei deu ao Infante D. Anrique, e como chegaram a Ceuta, e do que logo fizeram.

SENDO os Infantes prestes em Lisboa com sua frota, gente, armas, mantimentos e artelhas, aos dezasete dias d'Agosto do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos trinta e sete, foi El-Rei e os Infantes e toda a outra nobre gente da côrte ouvir missa mui solemne á Sé : e como

foi acabada, o bispo d'Evora D. Alvaro d'Abreu, assi revestido em pontifical como a disse: e El-Rei e os Infantes sahiram da Sé em mui devota procissão: e o bispo levava a bulla da Cruzada nas mãos, e diante d'elle um cavalleiro armado, com a bandeira de Christus, e foi assi todo levado até á não capitôa, que estava davante a cidade, onde ficou entregue ao Infante D. Anrique. E, depois de muitas orações se dizerem e se fazer absolução plenaria, se volveu a procissão: e El-Rei ficou na não, onde comeu aquelle dia, e os Infantes com elle; e a frota logo se moveu toda para Restello, e se fez prestes com as vergas altas. E aos vinte e dois dias d'Agosto foi El-Rei ouvir missa a Sancta Caterina de Riba Mar, onde os Infantes sahiram dos navios para elle: e, acabada a missa, El-Rei se foi á não do Infante D. Anrique, onde comeu, e com elle seus irmãos; e depois de comer, El-Rei se despediu d'elles com muitas lagrimas que houve nos olhos de todos, e lhe beijaram as mãos, e os enviou com a benção de Deus e a sua. E em se querendo El-Rei recolher ao batel para sahir em terra, chamou o Infante D. Anrique e lhe deu um regimento escripto todo de sua mão, álem do outro geral seu que levava: o qual, sobre todo, lhe encommendou e mandou que guardasse; e o Infante o tomou e leu logo perant'elle, e prometeu, quanto lhe fosse possivel, de o cumprir; e dizia d'esta maneira:

«Irmão. Como, prazendo a Deus, chegardes a Ceuta, logo me escreve; porque, por mar e por terra, porei taes paradas porque cada dia possa haver boas novas e recados de vós. E, como hi fordes, da frota que levaes fareis tres partes, e em cada uma metereis a mais pouca gente que poderdes: a uma d'estas partes enviareis sobre Alcacer, e a outra sobre Tanger, e a outra sobre Arzilla; por tal que uns com receio d'ella

por se segurarem não hajam razão de socorrer aos outros.

«E como á frota derdes este aviamento, ordenae logo toda a outra gente por terra, com ázes regradas, enviando diante quinhentos ginetes que, legoa ou meia, como melhor virdes, vão diante pelos portos mais seguros que souberdes, até serdes sobre este lugar; porque, como fordes sobr'elle, segundo a muita artelheria e bons aparelhos que leuaes, logo com a graça de Deus, sou seguro de vós e de vossa gente.

«Outro si poreis vosso arraial sobre este lugar, com duas pontas que venham beber ao mar: e se a gente não fôr tanta que para isso baste, todavia uma das pontas do arraial venha ao mar: para da terra de áquem poderdes haver refresco, mantimentos e socorro, e terdes seguro recolhimento se vos cumprir.

«E como assentardes vosso arraial, d'ahi a tres dias vós trabalhae de combater o lugar mui rijamente: e se d'este primeiro o não poderdes tomar, d'ahi a outros dias o tornae com todas forças e aperto a commetter: e se d'este segundo combate se vos defender e o não tomardes, d'ahi a outros dias que vos bem parecer, com muita força e grande determinação o commette; e se vo-lo Deus der, como n'elle espero, ficareis n'elle com aquella gente que razoadamente abastar para o deffenderdes, e a outra me envie com a frota, por escusar a grande despeza que faz com seus fretes. E, se do terceiro combate o não poderdes tomar não esteis mais sobre elle dia nem hora, e recolhei-vos logo com toda vossa gente á frota, e vinde-vos a Ceuta, onde me esperareis até o Março que vem; porque, prazendo a Deus, então irei com quantos ha em meus reinos.»

Este regimento encommendou El-Rei ao Infante

que lesse muitas vezes e não sahisse d'elle: e o Infante lh'o prometeu, como se atraz disse.

E acabado, porque o vento era bom, o Infante mandou levar as ancoras e desfraldar a frota, e seguiu sua viagem, que acabou em quatro dias; porque aos vinte e sete dias d'Agosto, a horas de gentar, chegou a Ceuta (de que era capitão D. Pedro de Menezes, primeiro capitão d'ella) onde achou já o conde d'Arrayolos e outros fidalgos, que com elle embarcaram no Porto.

Sahiram os Infantes dos navios e se foram logo directamente á Igreja de Sancta Maria d'Africa, onde estiveram em vigilia e devoções a parte d'aquelle dia e noite: e a outro dia ouviram missa e se foram aposentar á cidade, d'onde no outro dia com toda a gente sahiram em mui solemne procissão, e o bispo d'Evora em pontifical, e foram á Ribeira tirar da não a bandeira de Christus e d'El-Rei, e as trouxeram com grande solemnidade a Sancta Maria a Maior, onde o bispo, por guarda e devoção, com toda a clerezia da hoste e cidade ficou aquella noite.

E a chegada dos Infantes não foi tão secreta que logo não fosse mui divulgada, especialmente pelas terras e moradores d'aquellas comarcas mais chegadas a Ceuta. E estes, temerosos do damno que podiam receber, ora o Infante estivesse na cidade, ora passasse em Tanger, como já antre elles era certificado: por se segurarem, enviaram logo ao Infante D. Anrique seus alfaqueques, pedindo-lhe paz e offerecendo-lhe especificados tributos d'ouro e prata, gados e pão; e o Infante, como magnanimo e de virtuoso coração lhes disse: como quer que passasse n'aquellas partes, mais por fazer guerra aos infieis, que por lhes dar paz: porém, porque a elle não convinha mostrar suas forças contra os vencidos e sogei-

tos como se faziam, que lhe prazia recebe-los por vassallos e servidores d'El-Rei seu Senhor; pelo qual fez com elles contracto acerca dos tributos e pagas d'elles, em que sômente entraram os de Benamade; porque com os da terra d'Alfageja e os das Cabillas de Beneigem e de Beneguym, como quer que o re-quessem, não se concertou.

CAPITULO XXII

Como o Infante fez alardo, e da pouca gente que achou, e como foi aconselhado que não commettesse o cerco de Tanger, e o não quiz fazer.

E porque o tempo se chegava para o Infante proseguir o fim porque alli fôra, fez alardo por si a toda a gente de sua ordenança, e ainda não achou cumpridos dois mil de cavallo e mil besteiros e tres mil piões: d'onde, para cumprimento dos quatorze mil homens que lhe foram ordenados falleciam oito mil; e a causa de tamanha quebra não foi uma mas muitas; porque a gente do reino que foi percebida, houve esta ida por tão pezada, que a mais quiz encorrer nas penas de perderem as fazendas, que lhes foi posta, antes que se riscarem de perderem com ellas as vidas: e principalmente houve grande fallecimento de diuheiro; porque a fazenda d'El-Rei, nem os pedidos não abastaram, nem o dinheiro dos orphãos que se mais para isso tomou: e tambem deu grande torva a mingoa dos navios que falleceram nos fretes, que com os feitores d'El-Rei tinham contrata-dos; porque os de Flandres e Allemanha foram im-pedidos por guerras que entre si haviam, e os de Bis-

caya por defesas dos officiaes d'El-Rei de Castella que o contrariaram.

E esta gente e frota, ao tempo que os Infantes partiram de Lisboa, bem pareceu que com a do Porto mais não era abastante para o feito que se emprendia: e, para mais ajuda e mór soprimento d'isso, foi acordado que a gente a que no reino fallecesse embarcação, fosse por terra ao Estreito de Gibraltar, e ali em alguma maneira passariam: para que se houve consentimento e mandado d'El-Rei D. João de Castella.

Mas o Infante D. Anrique crendo que a mais da frota com que havia concerto de fretes, todavia viria e a gente poderia com tempo passar, e des-hi por inconvenientes e difficuldades que se poz á passagem por terra, receiando principalmente impedir-se por isso sua ida, elle a apressou, como se disse, parecendo que o fazia mais com apetição que por razão; pelo qual vendo em Ceuta tanta mingoa de gente para tamahas forças contra que era sua tenção e contenda, teve conselho sobre o que faria: e os mais de todos lhe conselharam que, até o notificar a El-Rei, devia sobreser e não commetter cousa tão duvidosa e de tanto perigo, e que, em tanto, poderia fazer aos mouros a guerra e damno que bem lhe parecesse. Mas o Infante, sendo de contraria opinião, disse:

«Bem sei que, para tão grande feito, esta gente é assás pouca: mas parece que Deus ordena e ha por bem que nos assi como aqui aportamos, tomemos por seu serviço este trabalho, para mais accrementamento em nossas honras, e ante elle maiores merecimentos; e por tanto havei por certo que, ainda que menos gente tivesse, eu não estaria n'esta cidade pela maneira que me aconselhaes, nem leixaria de proseguir o feito para que venho».

CAPITULO XXIII

Como o Infante mandou fazer os caminhos que atravessam a Ximeira, para ir a Tanger mais directo, e o inconveniente que houve a se não fazer: e como o Infante partiu de Ceuta e foi por Tutuão e Val d'Angera até Tanger, e na ordenança em que sahiu e foi.

POR quanto o caminho para Tanger se encurtava mais atravessando a serra da Ximeira directo a Alcacer, e era muito fragoso, pelo fazer seguro e despachado o Infante mandou João Pereira com mil homens, antre de cavallo e de pé, a tentar de o fazer.

E sobre o Porto da Calçada, que é caminho d'Almarça, houye com os inimigos peleja assás perigosa e travada, em que o capitão dos mouros, que se chamava Jále, sobrinho de Focem, alcaide de Alcacer Ceguer, foi morto com outros muitos dos seus: e dos christãos morreu um só, e foi Ruy Diz de Sousa ferido com outros poucos; de que veiu nova ao Infante, por rumor não certo, como os christãos vinham em desbarato, perseguidos dos mouros.

E, como aquelle a que não fallecia esforço, acordo e para o caso grande saber, sahiu logo com muita presteza e singular ordenança, na qual chegou até o Porto de Lião, onde, sem a affronta que esperava, recolheu João Pereira com a gente que lhe encommendára; e d'elle soube como por aquelle caminho, por suas asperezas e resistencia perigosa que tinha e lhe podiam fazer, não podia passar; acordou, ainda que muito rodeasse, ir por Almunhacar e a Torre do Negrão, e des-hi a Tutuão, e des-hi pelo Val d'Angera.

E, porque o Infante D. Fernando, por ser doente, não estava em disposição de ir por terra, foi-se por mar até Tanger, com a frota.

E o Infante D. Anrique, domingo oito dias de Setembro, depois de ouvir missa e pregação da Cruzada, recebeu com todolos da hoste, por virtude d'ella, plenaria absolução: e á segunda feira logo seguinte, ante manhã, enviou diante por descobridores Ruy de Sousa e Gonçalo Rodrigues seu filho, com trezentos ginetes: e como foi dia, ao dar das trombetas, se poz a gente toda em armas, a qual guardou esta ordenança.

Sahiu logo primeiro o conde d'Arrayolos, sobrinho do Infante, com a ayanguarda, e após elle a carriagem: e estas em sahir pozeram até meio dia: e após elle veio D. Fernando de Castro, governador da casa do Infante D. Anrique, e seus filhos D. Alvaro e D. Anrique, que com sua gente levavam a ala direita: e logo após elle D. Fernando, o moço, veador do Infante, que por alcunha o chamaram Çagonho, que levava a ala esquerda: e após este sahiu a bandeira do Infante, que levava Ruy de Mello, que depois foi almirante, o qual esteve quedo fóra da porta, esperando a bandeira d'El-Rei, com que logo sahiu D. Duarte de Menezes, como alferes mór, em nome do conde D. Pedro seu pae que o era: e após ella, sahiu a bandeira de Christus, em nome da Cruzada, que levava João Falcão: e após ella sahiu logo a imagem de Santa Maria, e a imagem do Condestabre Nun'Alvarez, e o vulto d'El-Rei D. João, e logo o Lenho da Vera Cruz: e com estas reliquias e devoções sahiu o bispo d'Evora bem acompanhado de suas gentes e de muitos religiosos que alli eram: e derradeiro de todos sahiu o Infante com sua batalha, que seguiu a gente que disse até o Paul, que são quatro leguas de Ceuta, onde se alojou.

E á terça feira, na mesma ordenança partiu e foi assentar seu arraial em Tutuão, junto com os muros, da parte de fóra: o qual era despovorado; porque havia poucos dias que D. Duarte de Menezes, por aviamento do conde seu pae, fôra sobre elle para por força o tomar, e a gente não esperou cerco nem affronta, e D. Duarte entrou primeiro e leixou-o desportilhado.

E á quarta feira foi repousar a quatro leguas dentro, pelo Val d'Angera, onde se diz a Atalaya do Lião, em que acharam muitas e boas aguas e grande avondança de mantimentos. E á quinta feira andou outras quatro leguas pelo Valle acima, e se aposentou no cabo d'elle, em uma aldeia que se diz a Fonte dos Adays, em que acharam grande abastança de provisões. E n'este caminho até qui algum dos christãos não recebeu morte nem damno: e dos mouros que nas aldeias e e pelas faldras das serras topavam, foram alguns mortos e captivos.

CAPITULO XXIV

Como o Infante chegou a Tanger e assentou seu arraial e do combate e peleja que se logo azou em chegando.

A sexta feira, treze dias de Setembro, abalou d'alli o Infante para Tanger, que eram tres leguas, com sua gente mui regrada, e chegou a Tanger o Velho, que já era, como é, despovorado: onde já achou o Infante D. Fernando com a gente da frota.

E depois de havido conselho o que fariam, o Infante mandou mover a hoste pela praia, ao longo do mar,

e como passou além de uma grande ponte de pedra que hi estava, ordenou suas batalhas, e com grande esperança de victoria mandou desfraldar suas bandeiras e fez alli alguns cavalleiros, e foi assentar o arraial em um oiteiro contra o Cabo d'Espartel onde estavam grandes hortas e pomares, e muitos poços de boas aguas.

E em se começando a gente d'alojar sahiu uma voz com um rumor sem certidão; que as portas da cidade estavam abertas e os mouros fugiam; e a este alvoroço acudiram muitos de cavallo contra a cidade para a entrarem, e cometeram o feito mui ardidamente, e se metteram entre o muro e a barreira, e combateram as portas tão rija e ousadamente, que de tres juntas que eram, romperam duas; e a terceira que se diz o Postigo de Guyrer, cometeram com fogo: e, por ser forrada de ferro e sobrevir a noite, não foi entrada; e tambem porque os mouros a deffenderam mui bravamente.

E o conde d'Arrayolos por mandado do Infante foi recolher a gente que alli e na porta do castello e nas outras da cidade estava em combates repartida: em que morreram muitos cavallos e alguns christãos, e sahiram muitos feridos: entre os quaes foi o conde d'Arrayolos de uma sêta por uma perna, e o capitão Alvaro Vaz d'outra por um braço. E aconteceu n'este dia uma cousa que pareceu agouro e não bom signal, que foi que, em desfraldando as bandeiras, só a do Infante D. Anrique se rompeu, e a levou o vento até á haste em pedaços: sobre que logo houve murmuração que não dava para o feito boa esperança, especialmente vendo a cidade tão percebida, na qual estava por senhor e capitão Çala Bemçala, mouro de bom esforço e assás avisado, e com elle sete mil mouros de peleja; entre os quaes em especial havia muitos bésteiros de Grada.

E ao sabbado logo seguinte se acabou d'assentar o arraial, com vallo e repairos, como cumpria: e até sexta feira logo seguinte, que eram vinte dias de Setembro entendeu sómente o Infante em mandar tirar do mar as armas e artelherias e mantimentos que cumpriam para o combate; nem houve peleja ordenada, salvo quanto os que sahiam a dar guarda haviam com os mouros que topavam, alguns recontros e pelepas: de que uns e outros não sahiam sem damno.

CAPITULO XXV

*Do primeiro combate que se deu á cidade,
e como foi repartido*

Ea sexta feira que disse, tendo já o Infante, por conselho, ordenados e repartidos os combates e os tiros que contra a cidade se haviam d'assentar, assim da parte do mar como da terra, mandou ás trombetas fazer signal de combate.

Ao Infante D. Fernando foi primeiramente encomendada uma escala e ordenado seu combate á porta de Fez: e ao conde d'Arrayolos outra, que o havia logo de seguir: e ao bispo d'Evora outra, que havia de combater e entrar a cidade por um postigo que estava no Valle: e a quarta escala ao marichal a que, junto com o bispo, onde o muro era mais baixo succedia logo seu combate: e o Infante D. Anrique tomou da parte do castello, onde a maior resistencia se esperava, e se requeria a principal fortaleza; e levou para isso duas mantas sómente, sem alguma escala.

Começou-se o combate horas de terça, e por uns e pelos outros com muita ardidez e esforço, que du-

rou até cinco horas, em que se entraram logo as barreiras com grande risco e se combateram sem proveito as portas, que pelos mouros eram já de pedra e cal fortemente cerradas: e os combates ordenados das escalas não aproveitaram aos christãos, nem os cometeram, assi por serem curtas, como por não haver disposição de caminho porque ao muro podessem chegar; o que foi má providencia, e nos taes casos culpa muito de reprimir.

Mas o Infante D. Anrique, vendo que o commetimento por aquella vez não succedia como esperava, e que sua gente recebia dos mouros muito damno, a fez recolher: de que ficaram até vinte christãos mortos e quinhentos feridos: e mandou ficar as bombardas e engenhos em seus alojamentos juntos com o muro d'onde tiravam, cuja guarda encomendou ao marichal e ao capitão Alvaro Vaz e a outros, que, por estarem affastadas do arraial e pegadas ao muro, receberam dos imigos muita affronta e trabalho: e elles, na deffensão d'ellas e offensão que aos mouros faziam, deram de si claro testemunho de valentes cavaleiros.

CAPITULO XXVI

Como o Infante para dar o segundo combate entendeu em prover melhor os engenhos e artelharias, e d'algumas pelejas e commetimentos de batalhas que entretanto se seguiram.

CONVEIU ao Infante dar grande pressa no corregimento e emenda no defeito d'aquellas escalas e engenhos: e para isso enviou logo a Ceuta por outras maiores, e assi por duas bombardas grossas,

e pedra e polvora; porquanto as que tinha assentadas eram assi pequenas, que não faziam o damno que se requeria.

E enquanto se dava ordem a estas cousas, acertou-se Ruy de Sousa e Gonçalo Rodrigues de Sousa, seu filho, e outros, até sessenta de cavallo, sahindo á forragem, recontraram uma somma de mouros que já então mais recreciam, e assi esforçadamente os commeteram e mataram d'elles quatorze, e os mais pozeram em fugida. E em lhe seguindo o encalço, indo assi os mouros vencidos, toparam com outros muitos que vinham contra o seu arraial e em sua ajuda: por cujo esforço e soccorro os fugidos fizeram volta sobre os christãos, que não lhes podendo resistir se retraeram, e por virem afiados, ante de se recolherem mataram d'elles nove: no qual dia João d'Albuquerque, em outra parte a que sahiu, com salvamento dos seus matou dos mouros dez; e assi o faziam outras pessoas que sahiam á ventura por esse campo.

E no outro dia, porque os mouros sobrevinham em grande numero, sahiram fóra do arraial, de fidalgos e outra nobre gente até trezentos de cavallo, e toparam uma grande somma de inimigos com que pelearam mui ousadamente e os puzeram em desbarato, matando no encalço que durou meia legoa, até cento e cincoenta: e querendo seguil-o mais adeante, encontraram com outra infinda gente sua que vinha de refresco, d'onde em uma serra tinham seu arraial; e, por ser em numero mui desigual, foi aos christãos forçado volver, procurando cada um sua salvação na fugida, de que morreriam até cincoenta, em que entraram estes fidalgos; a saber: D. João de Castro, Fernão Vaz da Cunha, Gomes Nogueira, Fernão de Sousa, Martim Lopes d'Azevedo: e João Rodrigues Coutinho foi hi ferido, de que veiu depois morrer a Ceuta: e

os outros que vinham desbaratados foi ardidamente recolher o conde d'Arrayolos, que com receio do que se seguiu, já sahia dar-lhes costas e soccorro.

E n'este mesmo dia era fóra D. Alvaro de Crasto, e o Capitão, e Gonçalo Rodrigues de Sousa, e Fernão Lopes d'Azevedo, com setenta de cavallo: e, topando com quinhentos mouros de cavallo e muitos de pé, pelejaram com elles, e a seu salvo lhe mataram quarenta, e tornaram victoriosos a recolher-se com o conde e com os outros, que dos mouros vinham bem perseguidos.

E pela morte dos fidalgos e da outra nobre gente que com elles morreu, houve no arraial muita tristeza: e n'estas escaramuças e recontros se passaram, depois do combate, dez dias; e depois d'elles em uma segunda feira, derradeiro dia de Setembro, vieram dos mouros, segundo o testemunho dos Alfaqueques, dez mil de cavallo e até noventa mil de pé dos Enxouvios, que vinham soccorrer a cidade, e chegaram a um outeiro, junto e á vista do arraial.

E o Infante, vendo-os, acordou sahir fóra e dar-lhe batalha: para que apartou comsigo, em batalhas mui ordenadas, mil e quinhentos de cavallo, e oitocentos besteiros, e dois mil homens de pé; em que eram o Infante D. Fernando e o conde d'Arrayolos com a vanguarda, e assi iam as alas na ordenança com que partiram de Ceuta: e na reguarda ia o Infante D. Anrique, que diante de si levava a bandeira d'El-Rei e da Cruzada e a Imagem de Nossa Senhora; e assi sahiu fóra e se poz em determinação de peleja, sem os mouros o quererem commeter, salvo quanto de uma parte e da outra se soltaram alguns cavaleiros, que sem rota uns com os outros escaramuçavam.

E estando assi o Infante por tres horas, determinou de os commeter e moveu logo contra elles suas bata-

lhas, os quaes com signaes de medrosos logo volveram, e sem o quererem esperar se recolheram á serra d'onde vinham. E o Infante depois de estar um grande espaço no logar em que os mouros estavam, se tornou alegre para seu arraial; e porém pelos accidentes que já via o mandou d'hi em diante guardar com maior deligencia.

E á terça feira, primeiro dia d'Outubro, assomaram sobre o arraial aquelles mesmos mouros que d'antes vieram e muitos outros mais: e o Infante a que o coração por isso não fallecia, sahiu fóra na mesma ordenança do dia passado, para tambem dar-lhe batalha; mas os mouros por não ousarem ou por não aventurarem então a certa victoria, que ao diante esperavam, não fizeram contra os christãos movimento algum, e se tiveram em um teso: contra os quaes o Infante, desejoso já d'alguma boa contenda, mandou a seu irmão e ao conde seu sobrinho que com a gente da avanguarda que tinham fossem a elles, como foram, bandeiras tendidas; mas os mouros, vendo esta determinação dos christãos, vencidos de medo, leixaram com desacordo o cabeça que tinham, o qual o Infante D. Fernando com esforço tomou: sobre que logo tornou a recrecer muita mais gente contraíra, com que o Infante começou uma mui brava peleja: a qual, por a mui desigual multidão dos imigos não pode soffrer e conveio dar-lhe as costas, e com o melhor tento que pôde trabalhou de se recolher ao arraial.

E n'esta affronta o conde d'Arrayolos, que era em outra parte do commetimento, como acordado capitão e valente cavaleiro, accudiu rijamente em sua ajuda e soccorro, e ambos, desejosos de vingança, fizeram contra os mouros uma volta tão rija, que os pozeram em desbarato, e lhe seguiram o enlaço até onde o outro dia. E morreu alli seu capitão que antre elles era pes-

soa mui principal e de grande estima: e não seguiram mais o encalço, por não fazerem alguma desordem. E dos christãos morreram aquelle dia cinco: e dos mouros dezasete.

CAPITULO XXVII

De uma peleja que o Infante houve com os mouros de fóra, e do combate que os da cidade deram aos do arraial.

A quinta feira logo seguinte, tres dias d'Outubro, vieram contra o arraial os mouros, que eram já muitos mais: e assi como traziam mór ousadia, assi receiavam já menos sua chegada; mas o Infante com a cara tão segura e alegre, como que sempre prometia victoria, sahiu a elles na ordenança primeira, e por guarda do arraial leixou Diogo Lopez de Sousa, e João Alvres Pereira e seu filho Fernão Pereira, e Lionel de Lima, e João Pereira, Agostinho e Ruy Mendes Cerveira, e Fernão Lopez d'Azevedo, e Alvaro de Brito: aos quaes a mesma guarda do arraial, por aquelle dia, tambem pertencia.

E sendo os mouros tão chegados, que antre a praia e as batalhas haviam já falia com os da cidade: porque o Infante viu que tardava seu commetimento e não como fôra sua mostrança, mandou ás trombetas fazer signal de peleja, e fez logo mover as batalhas contra muitos mouros que em um teso estavam: e a ala esquerda, para que o Capitão e D. Duarte de Menezes se mudaram, foi sobre si da parte do mar: e, antre a ribeira e esta ala, uma pequena batalha, em que o marichal e seu filho eram: e o Infante D. An-

rique com a reguarda, ficou na metade. E com a voz e nome de Sanct-Iago, assi romperam tão bravamente por todalas partes os mouros, que os desbaratarem, e seguindo-os, fizeram n'elles grande estrago até legoa e meia, que durou o encalço : o qual principalmente seguiram os da avanguarda ; porque o Infante com a reguarda, sempre ficou com suas batalhas cerradas, com que os esperou e recolheu, até sol posto : e se voltou para o arraial.

E entretanto os mouros da cidade vendo que o Infante com a principal gente era fóra e que o arraial ficava por isso desacompanhado, abriram uma porta, porque vieram sobre elle, e pelejando mui aficadamente o commeteram : mas Diogo Lopez e os outros que o guardavam, lhe resistiram com tanto esforço e damno dos imigos, que não podendo elles já soffrer as mortes e feridas que das armas e tiros de fogo muitos dos seus recebiam, se recolheram á cidade.

E tanto os christãos são muito mais de louvar, quanto ao tempo da mór sua affronta vendo já tanta noite passada, haviam por sem duvida os Infantes serem vencidos e desbaratados ; porque em lugar de desmaio, como em caso de tanta desesperação podia acontecer, elles mostraram seus corações não cortados de medo, mas armados de mui novo esforço. Nem padeceu o Infante menos agonia onde andava, sentindo a pressa em que os do arraial estavam : aos quaes, como quer que enviava recados de boa esperança e grande ousadia, não soccorreu em pessoa ; porque houve por menos duvidosa a salvação dos christãos que estavam no arraial, que a dos que em poder dos mouros ficavam : pelos quaes houve por melhor esperar, até os recolher como disse.

E n'esse dia morreram muitos dos mouros e alguns foram captivos : e dos christãos falleceram sómente

cinco. E durando a affronta d'este dia, muitos do arraial, pessoas dinas de fé, certificaram que viram sobre os christãos estar no ar uma cruz branca.

CAPITULO XXVIII

Do segundo combate que se deu á cidade, e do effeito que houve.

A' sexta-feira logo seguinte, porque o Infante tinha já as escalas emendadas segundo lhe parecia, e concertado um castello de madeira, de que haviam de tirar espingardeiros e besteiros, determinou por um só lugar commeter outra vez a cidade: e para isso fez chegar as escallas e engenhos para um lanço do muro que das bombardas era mais derribado, e por isso mais baixo: onde fez fundamento dar juntamente todo o combate.

E ao sabbado que se logo seguia, como foi dia claro, mandou que todos se armassem e fizessem logo prestes, e ordenou que o Infante D. Fernando e o conde d'Arrayolos, e o Bispo d'Evora com suas gentes e com outros que lhe mais accrecentou, andassem a cavallo e fizessem costas ao arraial; para que, se os mouros de fóra quizezsem, durando o combate, socorrer aos da cidade, lhe fizessem com peleja aquella resistencia que cumpria: e toda a outra gente era a pé, salvo o Infante D. Anrique que só andava a cavallo, acubertado todo de malha: o qual, com muito acordo e grande esforço, fez chegar as escalas e engenho, e mandou aos trombetas fazer signal de combate; e com todo foi a isso tão mal provido, que das escalas só a do marichal chegou e pousou sobre o

muro, que dos mouros, com fogo d'alcatrão e muito linho que de cima lançaram foi logo toda queimada, com damno d'alguns christãos que já por ella subiam: e as outras nem o engenho de madeira não houveram aviamento nem disposição de chegar ao muro, e ficaram d'elle affastados.

E os mouros como sentiram que não eram os combatentes repartidos por todo o muro, e que por aquella só parte podiam receber damno, carregaram alli a maior defensão de besteiros e artelharia, com que feriram dos christãos muitos e mataram sete.

E o Infante vendo como não aproveitava e era grande perigo de ter alli mais a gente, a fez arredar, não fallecendo em sua cara mostranças d'alegria e segurança, como quer que sua alma começava dentro vestir-se de muita tristeza; porque ia sentindo os enganos da esperança de sua empreza.

E de não morrerem n'este combate dos christãos mais dos que disse, como quer que muitos fossem feridos, foi assás de maravilha; porque dentro na cidade, assi dos naturaes como de Grada, havia bem seiscentos besteiros e muitos trons, e uma bombarda, além da outra muita outra gente que dentro havia.

CAPITULO XXIX

Como o Infante quizera dar o terceiro combate, e como se estorvou pela gente contraira que sobreveiu.

COM todos estes revezes que o Infante recebia, elle, como Principe mui esforçado e cuja bondade e grandeza de coração todas estas difficuldades em sua determinação não enfraqueciam

nem embargavam, logo ao domingo mandou tirar dos navios uma escalla grande velha, que se achou e ficou em Ceuta, do tempo que aos mouros se tomou, e com ella duas allas a ella ordenadas. E porque era grande trabalho e muita detença tirar-se a madeira e levar-se em collos de homens ao arraial e por logares d'areia, detiveram-se n'este carreto e corregimento até a quarta feira logo seguinte.

E sendo já muita parte dos engenhos aparelhados para outra vez combater, certos escudeiros do conde d'Arrayollos que eram fóra á ventura, trouxeram ao Infante dois Almogavares captivos, dos quaes em certo soube que se lhe aparelhava muito trabalho e grande perigo, affirmando-lhe que El-Rei de Fez e El-Rei de Belez, e Lazeraque, e cinco Enxovias, e El-Rei de Marrocos, e Tafilete vinham no mesmo dia sobrelle, e cada um com todo seu poder, e que fariam de gentes, segundo diziam, até sessenta mil de cavallo e setecentos mil homens de pé.

Estas novas deram ao Infante muito cuidado e torvação: e tendo conselho o que n'isso se devia fazer, logo na mesma quarta feira, nove dias d'Outubro, a horas de meio dia, pareceram a totalas partes tantos mouros de cavallo e de pé, que sómente uma serra nem terra darredor não parecia d'elles vazia; pelo qual vendo que os captivos lhe tinham dito verdade, avisou logo á praia para que os mareantes se recolhessem logo com muita trigança aos navios, e a outra gente ao arraial, onde mandou bem armar todos: e ordenou que os de cavallo sahisse fóra com elle: e na melhor ordenança que lhe em todo pareceu poz suas batalhas por uma ladeira que acerca do castello estava, e sobre as tendas que o marichal e Alvaro Vaz, em guarda d'artelharia, alli tinham.

E n'isto os mouros de fóra cemeçaram de se che-

gar em grande numero, e os da cidade que do socorro tinham certo avizo e conhecimento, não faziam alguma provisão nem tento em sahir: e com grandes gritas e espantosos alaridos, como é seu costume, se juntaram todos, que com muita furia moveram logo contra onde estavam as bombardas, engenhos e escallas que o marichal principalmente guardava, e tanta foi a força com que commeteram e apertaram, que aos christãos, por salvar as vidas, conveiu leixar as tendas, bombardas e artelharias, que os mouros logo tomaram e recolheram: e elles retraeram-se ao Infante, o qual vendo tanta affronta e de gente em comparação tão desigual para a sua, acordou de não pelear com elles e recolher-se a seu arraial, onde o melhor que podesse se deffendesse; ca o contrairo parecera desesperação e fraqueza, em que seu coração nunca foi culpado: mas o Infante, logo então e depois, muitas vezes disse que se a Deus prouvéra ter alli a gente que lhe El-Rei seu senhor para o mesmo feito ordenára, com sua graça e por sua fé, a aquelles e muitos mais déra batalha, e com sua ajuda esperára haver d'elles segura victoria.

E porém o Infante ao recolher de sua gente, sempre por sua defensão ficou de traz: e vendo-se dos mouros mui affrontado, com poucos que o acompanhavam fez uma volta sobre elles, em que os feriu assi bravamente, que o não podendo soffrer lhes fez voltar as costas até as portas da cidade. E ao recolher ficou o Infante tão metido nos mouros, que correu sua vida e salvação grande perigo; porque lhe mataram o cavallo e ficou a pé: e lembrando-se Deus d'elle, quiz que um pagem do Infante seu irmão lhe deu outro cavallo, em o qual, com seu grande acordo e maravilhoso esforço, ferindo e matando nos contrairos, se salvou.

E n'esta volta mataram Fernandalvares Cabral, seu guarda mór, que como leal vassallo e esforçado cavalleiro perdeu a vida em defensão de seu senhor: e com elle morreram dos christãos n'esta pejeja vinte e tres.

CAPITULO XXX

Como o Infante e os seus foram dos mouros cercados e combatidos no palanque, e das muitas affrontas que padeceram.

TANTO que o Infante foi dentro de seu arraial, carregaram logo sobr'elle infindos mouros, que de todas partes e com grande ousadia começaram de o cercar a combater; pero Nosso Senhor deu tanto esforço e acordo aos christãos que com mortes e feridas assi os escaramentaram, que lhes conveiu afastar-se, maravilhados de tão grande resistencia e tamanha força em tão pouca gente; ca para na verdade ser ainda mais pouca, seguiu ao tempo que o Infante perseguido dos mouros se recolheu ao palanque, alguns fidalgos e muitos cavalleiros e escudeiros, e d'elles seus criados e outros, que fariam numero de mil, lhe fugiram e se recolheram aos navios; porque os bateis, por ordenança estavam sempre ao longo da terra: e o que n'estes houve de vituperio e covardice, houve de coração e louvor em D. Pedro de Castro que a frota guardava, e d'outros bons que o acompanharam: os quaes vendo a necessidade dos christãos se lançaram dos navios com elles dentro do palanque, com grande perigo e mais louvor.

É posto que o corpo e humanidade do Infante, pelos trabalhos e affrontas que passára, padecia com ra-

zão muito cançoso, porém sua alma e seu espirito, de noite e de dia sempre era prompto para não fallecer em cousa alguma das que em tal necessidade a um sollicito capitão e esforçado cavalleiro cumpria: e por isso não sómente fez logo afortalezar o arraial o melhor que foi possível, mas ainda com uma falsa alegria e duvidosa esperança, que em sua cara e palavras fingia, trabalhava confortar os christãos, de que muita parte sentia de desmaio cortados; porque, vendo-se cercados de cerco tão cru, e de salvação e piedade tão desesperado, alguns bradavam que todos se lançassem de ventura á praia, onde nos bateis alguns escapariam, sem todos morrerem como alli esperavam. Outros aborrecidos já de viver diziam que pois haviam como ovelhas de morrer em um curral, melhor sahiriam e morressem todos no campo como cavalleiros. Mas o Infante como Principe em que havia inteiro esforço e verdadeira fortaleza, e que toda sua fé e esperança punha em Deus, o não consentiu, dizendo que era cousa mais fundada em fraqueza e desesperação, que ardidez. E d'este voto foi o conde d'Arrayolos e alguns outros principaes e poucos, dizendo que estivessem como estavam, porque Deus por sua misericordia daria outro mais seguro caminho de sua salvação.

E o Infante quando proveiu sobre os mantimentos do arraial, achou que os não havia com que a gente razoadamente se podesse soste, mais que por dois dias: nem havia possibilidade d'outros se tirarem já dos navios dos quaes no principio se não tiraram, crendo que a todo tempo livremente o poderiam fazer; o que ao Infante e a todos muito entristeceu.

CAPITULO XXXI

Do Conselho que os Reis mouros antre si tiveram sobre o combate que aos christãos dariam, como deram.

No mesmo dia d'este combate passado, El-Rei de Fez e Maris e Lazeraque e alcaides dos mouros se juntaram todos, e tendo conselho sobre o que fariam, disseram alguns:

«Certamente não póde ser mais quebra de nossas honras nem mingoa maior da esperança com que aqui viemos, que ser necessario, para vencimento de tão pouca gente, termos ainda conselho: e porém, segundo o escarmento que em se defender nos deram, e o esforço que mostram para no-lo darem maior, é forçado que o tenhamos; porque estes homens, com quanto são tão poucos, não os achamos assi ligeiros de vencer como cuidavamos; ca sabeis que nossa presumpção era, que o só verem-nos abastaria para logo se darem por vencidos: ou ao menos que para em alguma maneira os leixassemos ir, moveriam algum partido, em que conhecessem nossa vantagem: o que ou por ousadia, ou soberba, ou mais certo sandice, não fazem; e crêmos que não é a outro fim, salvo que partiram de suas terras com tenção de morrer, mais que tomar as nossas para viver n'ellas: e isto não é por mandamento de sua Lei, para cumprindo-a se salvarem, mas é uma sandia presumpção que a estes sós de Portugal deu o desaventurado captiveiro de Ceuta, de que nos teem em tão pouca conta e estima, que em nossa deshonra e abatimento fazem o que vêdes, que é, sendo tão poucos, não sómente vir cercar tantos que sabiam que havia em T`anger, mas ainda o

fizeram com desprezo d'este nosso soccorro, que deveram haver por tão certo como agora o veem, fantasiando que com seu medo lhes haviamos de deixar nossas terras vasias de contenda e desamparadas de toda defensão. E porque isto, além de ser muita quebra de nossos estados e sobre tudo grande fraqueza de nossa Lei, convem que todos assi rijamente e sem medo os combatamos, e aos combates revezemos nossas gentes: que afadigados de nós, não hajam sómente rasão de respirar, e matemolos todos; porque no caminho de suas culpas hajam esta pena que merecem, ca suas forças não são mais que de homens, e hão-de cansar: e com isto poremos tal exemplo com que outros semelhantes se castiguem.

Este conselho pareceu bem a todos, e logo ao outro dia, quinta-feira, começaram de mudar para os palanques seus arraiaes e poer em ordenança suas batalhas para combate. E o que, com sua gente primeiro sahiu a bandeiras tendidas e com grande estrondo de estromentos, foi El-Rei de Fez, e após elle El-Rei de Bélez, e logo Lazeraque, que na casa de Fez era poderoso e grande, e mui astucioso Marin, e des-hi logo os Enxouvios com todolos outros, e com elles os da cidade que de sua vingança não eram esquecidos.

O Infante sentindo dos mouros esta determinação, bem consirou que para lhe resistir como cumpria sua gente, sem ajuda e graça de Deus não era poderosa: e para a impetrar, muito cedo ouvindo suas missas, a Elle mui devotamente se encommendou, e, com os giolhos em terra e as mãos e os olhos ao céu levantados, com perseveradas lagrimas de grande fé e muita devoção, sem alguma covardice fez sua oração n'esta maneira:

«Oh! Senhor, não por nossos merecimentos que ante ti não obrigam, mas por tua infinda misericordia

e costumada piedade, não te esquecendo a Paixão e tua Morte que por nossa salvação recebeste, lembra-te d'este teu povo christão, que por te servir sómente e exalçar mais tua Fé, está como vês tão affrontado e posto em tamanho perigo, onde cada um negou si mesmo e para te seguir traz sua cruz ás costas, como mandaste; e se no commetimento d'este feito, por algum teu segredo a nós escondido, tua vontade foi offendida, praza-te que eu sómente por todos padeça, e os outros por tua perfeita clemencia reserva com suas vidas, salvos para te servirem. E que eu, Senhor, tanto bem não mereça, permita-o assi tua Bondade e Justiça, ao menos porque esta gente infiel e contumaz haja com nossa salvação e victoria inteiro conhecimento do teu infindo Poder.»

Em acabando sua oração, poz-se logo a cavallo, e com muita trigança e prudencia ordenou sua gente repartida em combates, como a elle e aos christãos melhor pareceu. E porque viu que os mouros se apressavam já para combater, corria com muita viveza todas as estancias dos christãos, e com a cara prazenteira e segura os esforçava, dizendo-lhes palavras para o caso assi doces e proprias, com que dos corações de todos arrancava temor e espanto, se o alguém tinha, e prantava logo uma nova maneira de ardidez e esforço, como nas contenencias de todos bem parecia.

Começaram os mouros seu combate ao palanque com muita affronta, que durou quatro horas, em que deram muito trabalho e pozeram todas suas forças de fóra para entrar os christãos; mas prouve a Deus que muito maior resistencia e fortaleza houve nos de dentro para se deffender; porque lhe mataram e feriram infinda gente, e os fizeram por força affastar dos combates e recolher a seus arraiaes: e dos christãos

falleceram cinco ou seis, e alguns outros foram feridos.

CAPITULO XXXII

Como foram os christãos outra vez combatidos, e como se começou por os mouros de mover partido, que por salvação do arraial se desse Ceuta.

E como quer que pelos combates e affrontas passadas que os christãos receberam, segundo a desigual comparação de uma gente á outra, bem claro parecia que Deus os esforçava e defendia: porém porque sua defensão custava sempre tão cara, e a esperança de sua salvação era mui desesperada e perigosa, o Infante como mui prudente não cessava de ter sobre seu remedio praticas e conselhos, especialmente vendo-se elle e os seus atalhados do mar para não poderem tomar, nem tendo já para si nem para os cavallos mantimentos com que se podessem soste; pelo qual acordáram por menos mal, ainda que fosse com seu manifesto perigo, darem todos aquella noite que vinha pelos arraiaes dos mouros que da banda do mar jaziam, e com forças d'armas e peleja os romper: para com qualquer risco que se offerecesse se lançarem na praia, onde pelejassem até se recolherem aos navios aquelles que Deus para viver escolhesse.

E na hora que se isto determinou, seguiu-se para se não cumprir que um Martim Vieira, clérigo capelão do Infante, se lançou co os mouros, a que revelou todo o que estava ordenado; e elles o proveram de guisa, que aos christãos não pareceu possivel nem razão commetel-o.

E quanto este traidor e desaventurado sacerdote foi dino de tanta reprehensão como sua certa perdição merece: pois sendo official da memoria da Morte e Paixão do Filho de Deus, desconfiando de sua Misericordia arrenegou; tanto com razão louvaremos o arrependimento de um Elche, que andando muito tempo havia co os mouros, conhecendo seu erro, como quer que a salvação e vidas dos christãos visse em tanta duvida, se lançou no mesmo dia no palanque, e com signaes de muita contrição se tornou e reconciliou com a Sancta Fé que d'antes tinha, com tenção de n'ella acabar.

E á sexta-feira seguinte os christãos não foram combatidos dos mouros: posto que sem o ser, assás combate recebiam da muita fome e sêde, e grande desesperação que os afficadamente em totalas cousas perseguia.

E logo ao sabbado, como foi manhã, os Reis e alcaides mouros se juntaram, e tendo conselho sobre o que fariam, disseram uns n'esta maneira:

«Com quanto a força d'estes christãos parece assaz esforçada, e nossa mingoa e fraqueza seja tamanha: porém pelas grandes necessidades e mingoas em que já estão, sem esperança de soccorro, se os bem apertarmos, certo elles todos mortos ou captivos nossos são; mas que seria, se isto por ventura nos seria pior; porque com suas mortes não privamos a necessidade e conquista d'Africa, que tanto nos persegue: antes para sua vingança provocaríamos contra nós toda a outra christandade, que tendo por si Ceuta, tem, como sabemos, as portas abertas para muito nosso damno, sem nenhuma defeza; e por tanto consirado todo bem, a nós parece que o melhor seria leixarmo-los ir para suas terras vivos, se por si nos quizessem dar Ceuta com todos os nossos captivos que tem: e por aqui

cobrariamos o perdido, em que tanto bem e honra perdemos, e do passado alguma vingança nos ficaria: e sobre tudo, segurariamos nossa paz e repouso, tirando da mão d'estes a frontaria de Ceuta, que cada dia em tantas affrontas nos mette; e para isso se vos bem parecer façamos que os queremos agora combater, e ante do combate alguns lhe movam o partido, ao qual se por esta maneira não quizerem sahir, então façamos o que devemos, e sua sandice merece».

Este concelho pareceu bem a todos, e acordaram que assi se cumprisse, pelo qual logo todos com espantosas gritas e com signaes e palavras de certa victoria cercaram o palanque, postos em ordenança para outra vez combater, e ante de o porem em effeito, alguns d'elles principaes, pelo conselho já praticado, mostrando em suas altas bandeiras signaes de paz, se chegaram ao palanque, e com fundamentos que a ambas as partes pareciam razoados, moveram aos christãos o partido, a saber, que lhes dessem Ceuta com todolos captivos do reino, e leixassem o arraial com todalas artelharias, armas, cavallos, tendas e outras cousas que n'elle havia, e que livremente os leixariam embarcar e ir seguramente para suas terras.

E porque a extrema necessidade de morte ou captiveiro em que o Infante e os christãos estavam lhe aconselhava que qualquer caminho de liberdade e salvação que se offerecesse lhe parecesse justo e bom, prouve ao Infante com conselho dos principaes entender no trato, acerca do qual enviou sobre segurança a El-Rei de Fez, e aos capitães dos Enxouvios, Ruy Gomes da Silva, alcaide mór de Campo Maior, por ser prudente e bom cavalleiro, e com elle Pay Rodriguez, escrivão da fazenda d'El-Rei. E porque Çala Bemçala como as armas e combate que os mouros, com grande furia contra os christãos aparelha-

vam de ir, de todo contrariavam o effeito do concerto porque foram, doendo-se da morte ou captiveiro de Ruy Gomez, mostrando ao olho a crua determinação dos mouros, lhe aconselhava que até vêr o fim d'elle ao palanque não se tornasse, promettendo-lhe, se o caso não succedesse bem aos christãos, de a seu salvo o mandar poer em Castella; mas Ruy Gomez, em que havia muita vergonha e lealdade como bom fidalgo, e não lhe fallecia coração como a valente cavalleiro, nem menos fé e devoção para não receiar de morrer por serviço de Deus como catholico christão, teve em mercê seu conselho e offercimento como devia, e por agradecido; mas como cavalleiro em que havia as bondades que disse e outras muitas, se escusou d'elle, pelo qual na maior affronta que se esperava se lançou com muita honra e louvor no palanque, onde por suas mãos não ociosas fez o que sempre fizera, e para que tão louvada determinação o movera; mas os mouros como inconstantes e não verdadeiros, principalmente os não visinhos nem comarcãos a Ceuta, não quizeram esperar pela conclusão d'elle, antes cobrando por isso novo atrevimento, remeteram logo ao palanque, e por todas as partes o combateram mui affrontadamente, em espicial carregou tanto sua força sobre a estancia que o Infante D. Fernando governava, que sua entrada e desbarato esteve em mui pequena ventura; porque tanto se chegavam, que leixando as armas mais leves, pelejavam com as agumias e terçados; mas os christãos tomando já por salvação vingar suas mortes, assi lhes resistiram e se soccorreram uns aos outros com tanta defeza sua e offensa dos imigos, que desesperados elles da victoria que esperavam, com muitos mortos e feridos se affastaram a fóra, e para sua guerra com effeito ter verdadeiro nome de crueldade, porque por

sangue lhe não succedeu como cuidavam, tentaram-na por fogo, com o qual no mesmo dia commeteram o palanque, lançando-lhe muita lenha acesa e alcatrão, de que a maior parte da affronta e perigo foi na estancia de D. Fernando de Castro o Velho; mas pelo Infante foi a todos com tanto provimento e esforço soccorrido, que os christãos não sómente ficaram salvos, mas com grande estrago dos imigos se viram assaz vingados.

O Infante D. Anrique andava a cavallo, provendo as affrontas com palavras e soccorro de singular capitão, e pelejando n'ellas como valente cavaleiro. E aqui não é razão, por seu perpetuo louvor e bom exemplo de religiosos, que passe por esquecimento o grande esforço nas pelejas, e uma devota esperança para os que n'ellas morressem bem acabarem, que o bispo de Ceuta, que depois foi da Guarda, n'este combate e em todos os outros aos christãos accreentava, o qual com as muitas letras e boa eloquencia de que foi bem dotado: e assi com um viril coração que lhe não fallecia, vestido nas armas seculares, em que pelejando recebeu muitas feridas, e tambem-nas ecclesiasticas, como cumpria ás vezes os soccorria e esforçava com plenarias asoluções da Bulla da Cruzada, que trazia, e as mais os animava com o verdadeiro Corpo de Nosso Senhor, que a todos mostrava, dizendo em altas vozes, e com perennaes lagrimas nos olhos, palavras de tanto esforço, fé e devoção, que os christãos que o viam e ouviam, tão sem receio se dispunham aos perigos, que já não pareciam que pelejavam por livrar-se das mortes, mas que folgavam perder as vidas em tal auto, por n'elle salvar suas almas.

Este combate durou sete horas, em que os mouros com gente sua de refresco, sete ou oito vezes se revezaram, e os christãos para pelejar eram já tão poucos,

que escassamente havia para suprir um combate, ca todos postos no palanque, não acabavam de o reparar e prover como requeria; e emfim os mouros, não podendo soffrer a grande mortindade que padeciam, se afastaram para seus arraiaes; e n'este dia dos christãos morreram poucos, posto que muitos fossem feridos, e dos mouros assi em esta peleja como em todas outras passadas, segundo testemunho dos Alfaques, morreriam bem quatro mil.

CAPITULO XXXIII

Como os christãos começaram de mudar o palanque contra o mar, e das necessidades mortaes que soffriam, e como se concordaram com os mouros e lhe entregaram por a refens o Infante D. Fernando, e elles o filho de Çala Bemçala, e da maneira que se n'isso teve.

PORQUE o Infante viu que o palanque era maior de que cumpria, para de tão pouca gente como já era a sua ser bem defendido, acordou que se encurtasse, e para isso logo aquella noite, sem embargo da crua peleja e grande trabalho do dia passado, em lugar de descanso, conveiu a todos de que o Infante não foi o segundo, tomar as pás e enxadas nas mãos, com que fizeram um atalho forte e mais defensavel, do que á primeira estava; e ao domingo logo seguinte não houve combate, e os mouros não fizeram mais damno que guardar a praia, e as aguas que em poços darredor do palanque havia, e os do arraial eram já postos em tão apertada necessidade de mantimentos, que aos mais já tudo fallecia para comer, salvo

carne de cavallos, que por fallecimentos de lenha a comiam não cozida, e mal assada, porque a muitos conveiu matar as bestas, e desfazer as sellas e albardas, ao menos para com a palha aqueantarem as carnes sujas e desacustumadas, e as poderem com menos nojo comer, e da agua os do arraial eram já fallecidos de todo; porque dentro d'elle não havia poço que soprisse a cem pessoas, e a muitos apressados da morte, se viu o lodo nas bocas apertado dos beiços, com esperança de tirarem alguma humidade com que sos-tevessem as vidas; e se Deus, por sua infinda piedade, não acorrera com aguas do ceo, que algumas vezes cahiram, não é de duvidar que a mais da gente morrera com sêde; e porque a só esperança sua estava no mar, e que só lhe prometia algum caminho de sua salvação, acordaram de a noite do domingo alongarem um pedaço do arraial contra o mar, com fundamento de pouco a pouco darem com a ponta d'elle na agua; e certamente bem pareceu que por profecia inspirava Deus n'alma d'El-Rei D. Duarte esta grande necessidade em que se haviam de vêr, quando ao tempo que se o Infante d'elle despediu lhe deu o regimento que atraz se contem, da qual se o guardáram, poderam sem affronta ser livres e seguros; pois lhe amoes-tou, aconselhou, e mandou, que do arraial ambas as pontas, ou ao menos uma ficasse no mar, como para ponte de salvação e soccorro, vindo o feito ao que veiu.

Ao domingo e segunda-feira, e terça, andaram os mouros com os christãos em tratos de concordia, e a quarta-feira os Infantes com os do conselho que alli eram, finalmente se concordaram n'esta maneira:

«Que os mouros leixassem ir e embarcar livremente nos navios todos os christãos com seus vestidos só-mente, e a elles ficasse o arraial com armas, cavallos

e artelharias, e todalas outras cousas, e mais lhe fosse entregue a cidade de Ceuta com todolos mouros captivos que n'eila estivessem, e que ficassem em paz, a qual se obrigou o Infante que El-Rei dêsse por mar e por terra a toda a Berberia por cento annos; e para segurança dos christãos, e que sem contradição os leixariam ir, deu Çalla Bemçalla um seu filho em poder do Infante, e por o dito filho de Çalla Bemçalla ficaram em a refens Pedro de Taide e João Gomez do Avelar, e Ayres da Cunha, e Gomez da Cunha; e para seguridadade dos mouros, que Ceuta com os captivos lhe seriam entregues, se deu por a refens em seu poder o Infante D. Fernando.»

Como quer que o Infante D. Anrique, com um santo e proveitoso proposito, assás insistiu para ficar em a refens, e não seu irmão, com fundamento depois que os christãos visse salvos não consentir que Ceuta, nem outra cousa que muito relevasse se dêsse por elle, mas os do Conselho por justas causas que tiveram não deram a isso consentimento; e firmadas as escripturas, e dados a refens de uma parte e da outra, veiu Çalla Bemçalla ao arraial onde levou para Tanger o Infante D. Fernando, com assás de lagrimas e de tristeza dos que ficavam, acompanhado de alguns officiaes necessarios que lhe foram ordenados; e tendo Çalla Bemçalla seu filho pela mão, e entregando-o ao Infante D. Anrique, o Infante o tornou a fiar d'elle, dizendo:

«Que havia por bem que seu filho acompanhasse ao Infante seu irmão e a elle até a cidade, e que depois o enviasse como d'elle esperava.»

O Çalla Bemçalla o fez assi, porque logo o tornou a enviar por Ruy Gomez da Silva, que o levou á frota.

CAPITULO XXXIV

Como sem embargo do contracto, em quebramento d'elle os christãos foram dos mouros combatidos, e como com grande pena se recolheram ao mar.

A quinta-feira como foi manhã, confiando o Infante no concerto que tinha feito, logo mandou vir os bateis em terra para embarcarem; mas os mouros, principalmente Enxouvios, como gente infiel e imigos em todo da verdade, acudiram com grande furia sobre o palanque, e cercaram-n'o com maior estreiteza do que d'antes era, defendendo com grande força que dos navios não viesse aos do arraial mantimentos nem soccorro, nem tomassem agua dos poços de fóra, em que lançavam cães e bestas mortas, e outros semelhantes fedores, com vontade para de uma maneira ou d'outra não darem aos christãos vida, o que deu causa que alguns fracos christãos com desesperação se lançaram com elles.

Quizera Çalla Bemçalla que o Infante com os christãos, por mais sua segurança entrassem pelo albacar e embarcassem pela coiraça, mostrando que assi convinha, porque não se podia resistir á contumacia dos Enxouvios, e o Infante por experimentar a verdade de sua tenção mandou pela mesma coiraça levar aos navios alguns doentes, e emquanto não passaram de dois e tres, pozeram-nos em salvo; mas como o Infante acrecentou o numero d'elles até quinze ou dezaseis juntamente, os Enxouvios com outros de volta deram n'elles, e os que não mataram levaram todos captivos, sem algum remedio de emenda nem restituição, e assi fizeram a outros tantos christãos que confiando no trauto da paz, sahiram fóra do arraial tomar agua

dos poços, sem aproveitar nenhum requerimento para se remediar; pelo qual, vendo o Infante o engano tão manifesto, e sendo mais verdadeiramente avisado que em algum trato dos mouros se não fiasse, porque sua tenção no concerto que fizeram, não fôra outra cousa salvo matalos de fome e sêde porque com as armas já não ousavam; acordou de poer a si e aos seus em ventura, e para isso, ainda que fosse com grande perigo e muito trabalho dos christãos, ordenou de mudar logo, como mudou, o palanque até o mar, como por tres ou quatro vezes o tinha mudado; e quando veio ao sabbado pela manhã, dezanove dias de outubro, prouve a Deus que o palanque era já assi a agua chegado, e tão forte, que a elle sem impedimento os mantimentos podiam vir dos navios, de que os mouros mostraram grande sentimento; porque se viram desesperados da crua victoria que contra os christãos phantasiavam, e por tentar se d'outra maneira a podiam cobrar, uma grande multidão d'elles postos em armas, recorreram ao palanque e o cercaram; mas o Infante que sua segurança tiuha nas armas e forças dos seus, mais que na paz e segurança dos mouros, vendo tamanha traição, ordenou assi sua gente ao longo do palanque; e começou assi com tiros de damnicar aos contrairos, que com sua perda os fizeram retraer a seus alojamentos; maravilhados cada vez mais da fortaleza, bondade e esforço dos christãos, assi do trabalho que com tanta fome e sêde por se repairarem suportavam, como da singular destreza e acordo com que sabiam matar e ferir.

Os que eram na frota, assi pelos continuos e mortaes combates que aos christãos viam dar e padecer, como pelas tristes novas que os que fugiam d'elles davam, foi maravilha e ordenança de Deus não se partirem para o reino, porque affirmando antre si que

os christãos pelas affrontas que padeciam eram todos mortos e captivos, como aquelles a que a sua estada podia trazer damno ou perdição e nenhum proveito, acordavam muitas vezes de levar suas ancoras e se partirem, mas muito os segurou e fez deter Ruy Gomez da Silva, quando aos navios levou o filho de Çalla Bemçalla, com que ainda de prazer não seguravam; mas quando sobre tanta desesperação e temor viram o Infante seguro e defendido em seu palanque ao longo do mar, houveram grande prazer, e com muita presteza vieram logo todos os bateis ao porto, onde o Infante com muito resguardo fez recolher a gente, e encommendou ao marichal e ao capitão Alvaro Vaz, que com alguma somma de besteiros ficassem sobre o atalhamento do palanque, em um arife que hi sobre o mar se fazia, d'onde contrariassem os mouros por maneira que os christãos embarcassem com môr segurança e depois se recolhessem com sua ventura o melhor que podessem; e certamente assi como este encargo era de grande perigo a estes dois nobres homens, assi n'elle como esforçados se aproveitaram de muita honra e boa fama que n'elle ganharam, e não sómente n'esta, mas em todas as outras affrontas n'este feito passadas, elles por sua bondade d'armas, e grandeza de coração, foram havidos por especiaes capitães e notaveis cavalleiros.

A gente miuda, com desejo de salvar as vidas de que foram desesperados, embarcavam com grande desordenança a que se não podia prover, ca se lançavam ao mar soltamente, não esguardando se o batel era do navio em que vieram, se d'outro algum, e muitos d'elles por fazerem os mareantes em sua salvação mais attentos e deligentes, tentavam-nos com cobiça, offerecendo-lhes logo nas mãos alguma proveza que ainda escapara; e isto começou de dar grande desaviamento

á embarcação e causar algum damno; porque a todos os ministros do mar venceu tanto esta aborrecivel co-biça, que suspendiam a entrada dos que alguma cousa lhe não peitavam, e os despuham por isso a grande perigo, do que El-Rei houve depois, sabendo-o, grão desprazer, e segundo a mostrança de seu desejo, certamente este erro não ficara sem grave punição, se d'elle podéra achar os certos authores.

O marichal e o capitão, como a gente que guardavam viram embarcada, começaram de se recolher na melhor ordenança que poderam, mas os mouros por acabarem de mostrar sua falsa concordia e verdadeira imizade, como os viram mover para embarcar ordenaram dos pavezes que acharam no palanque uma forte pavesada, com que tão rijamente os commeteram, que muitos dos christãos, especialmente os besteiros, não podendo soffrer um duvidoso perigo, tomaram para suas vidas outro maior e mais certo, lançando-se sem algum tenço ao mar, onde morreriam até quarenta.

E tanto era o primor da honra n'estes dois cavalleiros, que em chegando ao batel que para seu recolhimento os esperava, e trazendo com a perseguição dos mouros a morte nas costas, á entrada d'elle ambos se rogaram affrontando um ao outro a primeira entrada, procurando com palavras de muita cortesia e grande esforço, por cada um ficar por derradeiro em guarda do outro: e porém com todos estes revezes, ao domingo pela manhã eram já todos á frota recolhidos.

CAPITULO XXXV

Como o Infante D. Anrique se recolheu ao mar e reteve o filho de Çalla Bemçalla e alguns seus officiaes, e se foi a Ceuta.

O Infante, pela verdade e concerto que os mouros, e Çalla Bemçalla, maliciosamente lhe quebrantaram, fez reter nos navios certos seus cavaleiros e um escrivão de Çalla Bemçalla, que elle deputou para escrever e recolherem o despojo do arraial, e os fez levar a Ceuta, e recolheu-se á não do conde d'Arrayolos, onde com todolos do conselho acordou que o conde e D. Fernando de Castro, com todolos fidalgos e cavaleiros que não eram proprios do Infante se tornassem, como tornaram ao reino, e elle se foi a Ceuta, de que já era capitão D. Fernando de Noronha, genro do conde D. Pedro, que durando este cerco de Tanger, já muito velho adoeceu, e com muita honra e bem merecida acabou seus dias, e á hora de sua morte chegou D. Duarte de Menezes seu filho, e partiu de Tanger por licença do Infante, ante do cerco do palanque.

Assi que o Infante esteve sobre Tanger trinta e sete dias, nos quaes foi vinte e cinco cercador, e os doze cercado, em que dos christãos morreram até quinhentos, de que foram oito fidalgos com João Rodrigues Coutinho, que ferido foi merrera a Ceuta, e dos mouros morreriam bem quatro mil, como se já disse.

CAPITULO XXXVI

Como El-Rei D. Duarte foi primeiramente avisado do cerco em que seus irmãos estavam, e depois como o feito todo passou, e do que sobre isso fez.

Ao tempo que a frota partiu de Lisboa, El-Rei por causas necessarias que podiam occorrer, acordou estar n'ella, e com elle o Infante D. Pedro, e enviou o Infante D. João ao reino do Algarve para com gente e mantimentos mais em breve prover aos Infantes, se lhe cumprisse; e porque começaram de morrer de pestenença em Lisboa, mandou El-Rei a Rainha sua mulher, e os Infantes seus filhos a Cintra, e elle se foi a uma quinta, que se diz Monte Olivete, junto com Sancto Antão, onde esteve alguns dias, e d'hi por evitar perigos dos arcs corruptos que se cada vez mais acendiam, se foi a Santarem, onde aos dezenove dias d'Outubro ás missas lhe foi certo recado, que os Infantes seus irmãos eram dos mouros estreitamente cercados, e como sentiu que pela desordem do arraial, contraira a seu regimento, não havia esperança de soccorro, recebeu por isso muita mais paixão e tristeza, e ainda a recebera muito maior se com elle não estivera o Infante D. Pedro, que por ser mui prudente e de grande coração sempre o esforçava e lhe dava grandes esperanças de remedio e soccorro, fazendo que continuamente fosse remedeado e visitado por phisicos e homens de boa vida, especialmente fez que o viesse logo vêr e estar com elle um Mem de Seabra, homem bem discreto, criado d'El-Rei D. João, a quem nas guerras passadas servira como valente cavaleiro, e apartou-se do mundo, e fez junto com Setuvel uma casa d'Oratorio da re-

gra da Serra d'Ossa, a que dizem agora a de Meendo : por que d'este recebia El-Rei para Deus e para o mundo, por authorisados exemplos mui evidentes confortos.

O Infante D. João, como no Algarve onde estava soube da affronta em que seus irmãos estavam, para lhe soccorrer se fez prestes em navios com a mais gente, armas e mantimentos que pôde, mas os ventos depois de ser no mar foram a sua viagem assi contrairos, que não sómente não aproveitou, mas ainda por fortuna que correu se houvera de perder ; e em fim certificado do caso foi surgir sobre Arzila, onde já era o Infante D. Fernando, sobre cuja deliberação porque com Çalla Bemçalla tratou um pouco, El-Rei de Fez receioso que não seria como a elle cumpria, o fez por isso levar logo a Fez.

E o Infante D. Pedro, como sentiu o coração d'El-Rei em algum mais assocego, lhe pediu licença para trigosamente e o melhor que podesse, de Lisboa soccorrer a seus irmãos, e a El-Rei aprouve, e se veiu logo após elle a aldeia de Carnide junto com Santa Maria da Luz, porque a cidade estava perigosa de pestenença ; mas porque ordenou que o soccorro fosse com muita gente e grande poder, em se aviando para isso as cousas necessarias, chegaram em tanto a Lisboa dos que vinham de Tanger, muitos navios que certificaram o caso como finalmente passara, de que El-Rei foi logo avisado, e certamente foi mui aspero de ouvir que o Infante seu irmão ficava em poder de mouros ; mas por saber que a mais da sua gente era em salvo, deu por isso muitas graças a Deus, e como Rei virtuoso, humano e agardecido, deteve-se n'aquella aldeia para vêr e agasalhar os que vinham do cerco, dos quaes muitos ao tempo que iam fazer-lhe reverencia, em disformes semelhanças e tristes vesti-

dos, que para isso de industria vestiam, e com palavras a desventura conformes se lhe mostravam, e d'elles fingiam ser muito mais damnificados do que na verdade o foram, com fundamento de carregarem mais na obrigação para o feito de seus requerimentos, que alguns logo faziam e outros esperavam fazer, de que El-Rei recebia publica dôr e tristeza; mas a estes foi mui contrairo o nobre e valente cavaleiro Alvaro Vaz d'Almada, capitão-mór do mar, que como quer que no cerco de Tanger de sua fazenda perdesse muita, e da honra por merecimentos d'armas não ganhasse pouca, como chegou a Lisboa ante de ir fallar a El-Rei, logo de finos pannos e alegres côres se vestiu, a si e a todos os seus, e com sua barba feita e o rosto cheio d'alegria, chegou a Carnide onde El-Rei andava passeando fóra das casas, e com elle o Infante D. Pedro, e depois de lhe beijar as mãos e lhe dizer palavras de grande conforto, El-Rei o recebeu mui graciosamente, e louvou muito sua ida n'aquelle maneira, que não sómente lhe apontou cousas e razões para não dever por aquelle caso ter nojo nem tristeza, mas ainda que por elle devia ser mui alegre e contente, estimando em nada o captiveiro do Infante seu irmão, que era um homem só e mortal, em que havia muitos remedios, em respeito da grande fama que n'aquelle feito em seu nome se ganhara, aconselhando-lhe mais o repique e alvorço dos sinos, para honra e prazer dos vivos, que o dobrar d'elles que ouvia, por tristeza e pelas almas dos mortos; pelo que El-Rei começou a mostrar que aquelle era o primeiro descanso que seu coração recebia, e por isso e por seus bons merecimentos lhe prometeu muita mercê e grande accreentamento; e sem duvida assi o fizera, se sua antecipada morte o não atalhara.

CAPITULO XXXVII

De quão virtuosamente os andaluzes se howeram com os portuguezes que vinham do cerco.

E aqui não é razão que fique envolta em esquecimento, por louvor dos castelhanos d'Andaluza, a virtuosa piedade que com os portuguezes n'esta fortuna uzaram, porque muita gente dos nossos pobres, feridos e doentes e sahindo do cerco, não esperando poder já soffrer a passagem do mar, foram por seu requerimento lançados em terra, e por ser inverno, e noites grandes e frias, e elles mal roupa-dos, offerecendo-se-lhes tamanho perigo por terras estranhas, certo deveram ter de suas vidas pequenas esperanças; mas os andaluzes, principalmente os da costa do mar, sabendo o muito padecimento e grandes trabalhos que pela Fé n'aquelle cerco padeceram, como catholicos e agardecidos christãos, pelos lugares porque os portuguezes iam, sahiam de suas casas aos receber, e com uma louvada humanidade competiam antre si quem mais levaria e melhor agasalharia, dando-lhes de graça mantimentos em abundança para sãos e doentes, como a cada um pertencia, curando-os das feridas e doenças, e fazendo-lhes as camas das mais limpas roupas que tinham, e cobrindo com vestidos e calçados as carnes de muitos que pareciam nuas, e fazendo-lhes outras obras e ajudas para o caminho, de perfeita misericordia e caridade. Mas El-Rei D. Duarte que d'esto foi sabedor, houve grande prazer, e como principe agardecido e mui virtuoso, a Sevilha e a outros lugares que o mereciam o enviou por suas cartas agardecer como convinha.

CAPITULO XXXVIII

Como o Infante D. Anrique notificou o caso do cerco a El-Rei seu irmão, e assi a El-Rei e a outros grandes de Castella, convocando-os á redempção do Infante.

G Infante D. Anrique como foi em Ceuta, enviou logo requerer a Çalla Bemçalla que lhe entregasse o Infante seu irmão, e lhe daria seu filho; pois o tracto antre elles feito sabia que não fôra por elles guardado, e que a salvação dos christãos fôra em suas armas e força, mais que na verdade e segurança dos mouros; e porque Çalla Bemçalla a esto não satisfez, escusando-se com razões que o Infante D. Fernando com elle aprovou, o Infante enviou logo ao Algarve seu filhó, e os alcaides mouros que com elle retevera, e escreveu a El-Rei seu irmão o caso do cerco, como passara, confortando-o muito no contrairo succedimento d'elle com palavras e exemplos de Principe virtuoso e catholico, e esforçado cavaleiro, e assi o fez logo saber a El-Rei de Castella e a muitos senhores e grandes d'aquelles reinos, e a outros comarcãos, convocando-os por causas e razões mui urgentes e piedosas á redempção do Infante seu irmão, por se não dar por elle Ceuta, de que á christandade e principalmente a Espanha, muito damno e destruição se podia seguir.

El-Rei D. Duarte, como da conclusão em que os feitos ficavam acabou de ser certificado, escreveu ao Infante D. Anrique que se viesse logo de Ceuta, e assi o conde D. Fernando que não fizesse guerra aos mouros pelos mais não indinar, para pior trato do Infante D. Fernando emquanto em seu poder estivesse, e por o

conde assi o cumprir, constringido mais da obediencia d'ElRei que do temor dos mouros, tomaram tanta soltura e ousadia em guerrear a cidade de Ceuta, que não o podendo o conde já soffrer, com morte e captiveiros que aos christãos via sem resistencia padecer, foi necessario sahir d'esta obediencia, e a quebrou com justa vingança e grande estrago dos contrairos, o que deu alguma mais causa de o infante D. Fernando padecer captiveiro mais aspero.

El-Rei por causa da pouca saude que havia em Lisboa e seu termo se foi a Santarem, para onde remetteu os requerimentos dos que vinham da armada, a que satisfez com graças e mercês, como melhor pôde e sentiu que cada um merecia; e d'ahi se foi a Thomar, onde escreveu e mandou a todas as pessoas principaes e ás cidades e villas do reino, que no janeiro seguinte, em que entrava o anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos trinta e oito fossem em Leiria para côrtes, que para conselho e remedio do caso passado queria ter.

CAPITULO XXXIX

Como El-Rei teve côrtes em Leiria sobre a redempção do Infante, e do que se n'ellas propoz.

Aeste tempo foi El-Rei em Leiria, onde com elle se ajuntaram logo os Infantes D. Pedro e D. João, e asi todos os outros que para as côrtes foram chamados e ordenados, e o Infante D. Anrique não veio, porque depois do cerco de Tanger, esperou em Ceuta cinco mezes, por vêr a conclusão que no livramento do Infante D. Fernando se tomava; e

finalmente, depois que viu o caso padecer de necessidade algumas dilações, se veiu ao Algarve, e d'ahi foi falar a El-Rei em Portel, d'onde se logo tornou a Lagos e a Sagres, onde depois sempre esteve até o fallecimento d'El-Rei seu irmão; porque então veiu á côrte como em seu logar se dirá.

E sendo em Leiria todos juntos em uma casa para côrtes e conselhos ordenada, El-Rei em seu nome fez pelo doctor João Docem propoer uma falla, cuja sustancia foi:

«Que bem sabiam todos como por algumas razões em que se fundara, e nas côrtes d'Evora foram declaradas, mandara os Infantes seus irmãos cercar a cidade de Tanger, onde foram, e que para conseguir o effeito de seu proposito era certo que por elles e por todos os outros que com elles foram não ficou; porque por isso, como a todos era notorio, trabalharam, insistiram e padeceram, mais do que parece que a humanidade podia soffrer, e com tudo quizera Deus, ou por seus pecados d'elle ou por algum outro Juizo secreto, que não houvessem aquella victoria que todos desejavam; mas ainda que em tão extrema necessidade e manifesto perigo se vissem, que por remedio e salvação de todos fosse necessario prometter-se a cidade de Ceuta com todos os mouros captivos d'esse reino, e assi dar-se o Infante D. Fernando seu irmão em arefens por segurança d'isso. E que por isto ser auto de guerra, cujo fim e esperança era sempre mui duvidosa, por tanto este acontecimento não devia ser estimado por cousa nova, pois os poucos foram dos muitos vencidos, e não os muitos dos poucos, como já muitas vezes acontecera.

«E que ao tempo da embarcação, vendo a grande quebra da gente que para este feito ordenara, a que o falecimento dos navios fretados, ou por ventura a

fraqueza de sua fazenda deram causa, bem considerara o perigo a que se despunham, e esto pela desigual comparação dos seus poucos á grande multidão dos infieis, que sabia certo durando o feito se haverem de juntar, como juntaram. E que por isso mandara e defendera ao Infante D. Anrique que ao cercar do lugar não leixasse o mar, e sobrelle não estivesse mais que oito dias, nos quaes sómente repartisse e desse seus combates, e se o não podesse tomar logo se tornasse, porque em tão pouco tempo, bem lhe parecia que não podiam recrecer tantos contrairos a que os seus não podessem resistir, ao menos para sem perigo se salvar. Mas segundo soubera o Infante não achara tal disposição, para que cumprindo seu mandado podesse haver desejado effeito da sua passagem.

«E porém como quer que fôsse, o feito estava n'aquelle ponto que sabiam, para cujo remedio queria seu conselho, porque em caso que em seu livre poder estivesse fazer da cidade de Ceuta o que lhe prouvesse, e assi da-la aos mouros como lhe fôra promettida; que porém lhe não parecia justo nem honesto tira-la assi de sua corôa sem primeiro lh'o fazer saber. Assi por muitos d'elles e seus padres com suas armas serem em ajuda de a El-Rei seu senhor ganhar aos infieis, como por lhe tambem pertencer parte do senhorio, pois eram membros do corpo, de que elle era cabeça e senhor.

«E principalmente porque pois elle e os do reino eram uma sustancia e um coração da republica de Portugal, assi no extremo d'este concerto que feito era, lhe ajudassem buscar algum meio de que se menos mal seguisse que dar Ceuta; e que porém lhes rogava e encommendava que consirassem algum remedio para o Infante seu irmão sahir do poder dos

mouros sem a cidade lhes ser dada; e tambem não havendo outro se a devia por elle de dar, e dando-se que meio de segurança se teria para a entrega d'ella e recebimento do Infante, pois havia causas para de uma parte e da outra uns dos outros não se fiarem.

«E encommendou a todos que cada um seu parecer pozesse em escripto e o desse a El-Rei para sua melhor e mais repousada informação».

E em acabando o doctor esta preposição, El-Rei mandou lêr logo em publico um escripto d'apontamentos que o Infante D. Fernando estando ainda em Arzila enviou a elle e a seu conselho, em que desejoso sahir de captivo, apontava algumas causas e razões porque não era serviço d'El-Rei, nem bem de seus reinos manter-se Ceuta pelos christãos, assignando os damnos e perdas e grandes despezas que Portugal pela soster recebia; e assi alegando outras muitas fundadas em uma natural piedade, por as quaes Ceuta se devia dar por elle, como ficara concordado, escusando os mouros que não quebrantaram o contrauto como lhes queriam poer, antes carregando mais a culpa sobre os christãos. Os quaes apontamentos houve El-Rei por bem que todos vissem, para melhor e mais livremente poderem dar seus votos e conselhos.

CAPITULO XL

Como o conselho dos das côrtes foi deviso em quatro tenções desvairadas, e quaes foram os que as sosteveram.

CUMPRIU-SE o que El-Rei ordenou ácerca de dar cada um por escripto seu voto, em que houve assás de escriptura. E porém o que de todos

se pôde comprehender, é que todo o conselho segundo suas sentenças foi partido em quatro tenções.

A primeira que o Infante devia ser tirado de captivo e dar-se Ceuta por elle sem alguma mais detença nem impedimento, visto como por salvação e remedio de todos cercados offerecera sua vida á morte e arriscara sua liberdade a captiveiro, e mais que o contracto feito com os mouros e firmado pelo Infante D. Anrique com todos outros principaes que com elle eram, sendo quebrado e não manteudo trazeria grande infamia a El-Rei e a seu reino e naturaes, e n'esta tenção foram o Infante D. Pedro e o Infante D. João com alguns outros poucos principaes, e seguiram-no a môr parte das cidades e villas do reino.

E a segunda tenção foi que El-Rei posto que quizesse, não podia de direito dar Ceuta aos mouros sem expressa outhorga e auctoridade do Sancto Padre, acordada primeiro em seu mui alto e sagrado Consistorio. E esto por razão dos Sanctos Sacrificios que por muitos annos n'ella foram já celebrados, e das muitas egrejas sagradas e altares alevantados, e outras muitas cousas a Deus já dedicadas, o que por salvação d'alguma humanal pessoa em o contrairo se não devia converter; esta parte seguiu D. Fernando, arcebispo de Braga, com o qual acordaram mais pessoas que com os da primeira.

Os da terceira tenção, aconselharam misticamente, dizendo que El-Rei devia a redempção do Infante seu irmão por boas maneiras alongar por algum tempo, para n'elle trabalhar de o tirar por dinheiro, ou grande numero de captivos, ou convocando para isso o Papa e outros Reis Christãos, e passando mui poderosamente contra os mouros, de que se ganharia equivalencia, com que o Infante por ella sahisse, e quando por cada um d'estes meios não se tirasse, que em tal

caso se devia dar Ceuta, sendo El-Rei por determinação e conselho de grandes theologos e canonistas primeiro certificado que de direito e sem quebra nem offensa do serviço de Deus se podia por tal respeito dar.

A quarta tenção foi que El-Rei não devia nem podia de si tirar a cidade de Ceuta pelo Infante seu irmão, nem ainda por seu filho herdeiro, ainda que captivo jovesse; e esta conclusão sosteve principalmente o conde d'Arrayolos com outros muitos, para que trouxe muitas auctoridades e razões aprovadas pela Santa Escriptura, e por exemplos auctorizados e dinos de fé; e foram taes a que El-Rei e seu conselho muito se inclinou, porque o conde era homem muito experimentado por muito sesudo e prudente, amigo e temeroso de Deus, e justificado e mui directo em todas suas obras, e por tal era estimado d'El-Rei e do reino, e certo bem mostrou Deus em sua vida, que sua tenção e serviço lhe prazia, de que conseguiu por seu galardão merecer de ser n'elle legitimamente ajuntada a herança do condestabre seu avô, e a do duque D. Affonso seu padre, e a do conde d'Ourem seu irmão com outra muita que por seus grandes merecimentos houve da corôa de Portugal; e n'este concelho que assi deu, respondeu mais como testemunha de vista aos apontamentos do Infante D. Fernando, impedindo mui honestamente o effeito d'elles com a verdade que directamente contrariavam, e elle vira e sabia; e quanto por esta cabeça pareceu que enfraquentava os requerimentos do Infante com razões mui evidentes, tanto com outras mui licitas os afortelezou para ser muita razão e devida obrigação haverem-no por qualquer outra maneira tirar de captivo, não sómente os portuguezes, mas todos christãos, e os d'Espanha principalmente, por se não abrirem as portas para ou-

tra sua perdição, dando-se Ceuta, a qual elle e os de sua parte affirmaram, que assi como sem expressa auctoridade d'El-Rei aos mouros se não podia prometter por contracto, assi El-Rei não era obrigado de o manter, sendo principalmente feito em tempo e caso assi necessitado e perigoso, que um constante barão para salvar-se o podera então prometer, e depois não ser ao cumprir de direito obrigado; quanto mais sendo cousa muito contra serviço de Deus e honra d'El-Rei e do reino, trazendo para cada uma d'estas cousas muitas auctoridades não vulgares, e razões mui efficazes que no mesmo caso consirados os inconvenientes d'elles, facilmente se pôdem entender; e por tanto escusei por brevidade assenta-las assi por extenso como as achei por elle escriptas.

CAPITULO XLI

Como El-Rei tomou das côrtes por mais expediente meio dilatar o caso e fazel-o saber ao Papa e aos Reis Christãos.

ESTES conselhos houve El-Rei todos á sua mão, e não podia sobre elles consirar, que de cada um não ficasse mui triste; porque se executasse o voto dos Infantes e dêsse aos mouros Ceuta como aconselhavam, achava em seu juizo grandes contradicções, ca por serem irmãos do Infante D. Fernando seu conselho era suspeito, e mais por ser a tenção que menos vozes seguiram, e principalmente punha ante si, que perdia a maior honra que Portugal tinha ganhada, e arrancava de sua corôa o titulo do senhorio de Ceuta que El-Rei D. João seu padre tão honrada-

mente ganhára, e lh'o leixará em sua sepultura escripto em pedra sobre seus ossos, mais para o elle acrescentar que minguar; e que emfim tanta honra e tão bom nome se perdia por uma pessoa mortal, que em sahindo do captiveiro podia logo morrer, e principalmente para o fazer achava-se muito impedido por a mór parte do conselho lh'o contradizer, lembrando-se quanta paixão e reprehensão tinha recebido por commetter no principio este feito contra conselho e vontade dos mais e mais principaes do reino, o que fôra causa do fim desastrado d'elle.

Tambem d'outra parte se o não fizesse era sua alma de grande dôr atormentada, leixando perder em poder de infieis um irmão legitimo muito amado, e que por seu serviço pozera sua vida em penhor, e por salvação de muitos seus vassallos, e portanto lhe parecia ingrãtidão consentir em morte deshonorada a quem devia dar vida com honra e nobres titulos; e finalmente depois de muitos debates que houve consigo meŝmo e com seu conselho, tomou por conclusão dilatar a redempção do Infante até o notificar ao Papa e aos Reis e Principes christãos com que tinha rasão, a que sobre este caso enviou com piedosos respeitos pedir conselho, ajuda e favor, dos quaes El-Rei como quer que sua necessidade outra ajuda requeresse, não houve mais que promessa de rogarem a Deus por o bom e prospero fim do caso, e d'ahi ávante louvando muito tão santo e tão piedoso exemplo de fiel catholico, como fôra o do Infante D. Fernando por se dar nas mãos dos infieis por salvar aos christãos, contradizendo todos com vivas rasões haver-se de dar Ceuta por elle, offerecendo para qualquer outro seu remedio e deliberação palavras doces e confortativas, e porém mui isentas de obrigação para as obras que mais eram necessarias.

CAPITULO XLII

Como o Infante D. Fernando foi levado a Fez e El-Rei se viu com o Infante D. Anrique, e do que sobre o caso do Infante passaram.

ESTAS notificações fez El-Rei de Leiria, acabados os conselhos; e d'ahi se partiu logo para a cidade d'Evora, onde foi avisado que Lazeraque Maim de Abdelac, Rei que então era de Fez, vendo que a entrega de Ceuta se refutava e não se cumpria como pelo contracto esperava, levava d'Arzila para Fez o Infante D. Fernando, de que El-Rei mostrou grande nojo e sentimento, especialmente porque o Infante lhe escreveu d'Arzila as asperas mudanças que em seu captiveiro já começava de receber, pedindo-lhe sua redempção com palavras assi de razão e piedosas, que moviam os olhos d'El-Rei para muitas lagrimas e punham seu coração em muita tristeza; e porque até este tempo, que era Junho do anno de mil quatrocentos trinta e oito annos, ainda depois do cêrco não vira o Infante D. Anrique que já era no Algarve, nem tinha n'este feito visto seu intimo e determinado parecer, porque conhecia d'elle que era Principe inclinado ao serviço de Deus e assás prudente e de mui esforçado coração, desejou muito de se vêr com elle para o saber: e para isso lhe escreveu, encomendando-lhe que logo fosse com elle; porque de vêr sua pessoa tinha muito desejo, e de seu conselho muita necessidade.

E o Infante como tinha lealdade e obediencia por principaes virtudes, coberto de dó se veiu logo a Portel, quatro legoas d'Evora, d'onde enviou pedir a El-Rei por mercê que o escusasse d'entrar na sua

côrte. A' qual seu proposito era não vir até que a ella não trouxesse o Infante D. Fernando seu irmão, d'onde o levára; pelo qual El-Rei por lhe satisfazer se foi aforrado a Portel, onde se viram, e depois que fallaram e praticaram sobre as cousas que lhes pareceram necessarias, o Infante se tornou para o Algarve, e El-Rei para Evora, mui suspenso e com a cara sem alguma mostrança de prazer, porque segundo se depois soube, achou o Infante mui firme em Ceuta por alguma maneira se não dar aos mouros, assi por não ser serviço de Deus principalmente, como por elles quebrarem e não guardarem o contracto, e não ser razão que por isso lh'o comprissem, affirmando que quando insistira para ficar em arefens como o Infante ficára, não fôra com outro proposito e fundamento, salvo em não consentir que Ceuta se desse aos imigos por elle, e que folgára dar por isso a Deus sua vida e liberdade em offerta; e que ainda não estava fôra d'esse desejo, pois a não podéra melhor empregar; e isto que ambos alli passaram revelou depois El-Rei, e que tambem ambos praticaram sobre o resgate do Infante, que podia ser a dinheiro, ou por grande numero de captivos que em Espanha se podia haver, de que tomariam por medianeiro e segurador El-Rei de Grada, e que quando cada uma d'estas cousas, ou ambas não satisfizessem á sua soltura, que então ordenasse passar mui poderosamente em Africa, esforçando-se o Infante e afirmando, que para El-Rei resistir e dar batalha a todos os Reis mouros que sobre si vira, e esperar d'elles certa victoria, que não era mais gente necessaria que vinte e quatro mil homens, a saber seis mil de cavallo, e seis mil besteiros, e doze mil homens de pé, os quaes poderia passando mui bem ajuntar, assi de seu reino, como dos reis Christãos seus parentes e amigos que para isso devia re-

querer, e elles com justa causa e razão satisfazer a seu requerimento, dando-lhe o Infante sobre isso grandes esforços, e mingando na desventura do caso passado, por accrecentar n'elle algum prazer e descanso, que pelo caso ser tão resente não podia receber em seu coração.

CAPITULO XLIII

Como El-Rei e os Infantes por causa da pestenença se aforraram e apartaram, e como El-Rei se foi a Thomar onde falleceu, e quaes foram as tenções de sua morte.

POR quanto sobreveiu pestenença em Evora, El-Rei e a Rainha com seus filhos se foram a Aviz, onde tambem eram o Infante D. Pedro e o Infante D. João, e o conde d'Arrayolos, e outras pessoas principaes e fidalgos do reino com que El-Rei por necessidade do tempo, e por muitas outras cousas que occorriam era necessario ter muitas vezes conselho.

E no mez de Julho chegou alli de Ceuta D. Duarte de Menezes, filho natural do conde D. Pedro, que fôra primeiro capitão de Ceuta, com D. Lianor sua irmã legitima, ca pelo fallecimento do dicto conde, e ida do conde D. Fernando, seu genro, por capitão a Ceuta, como se disse, não quizeram estar mais na cidade e se vieram a El-Rei, de que foram mui graciosamente e com assás honras recebidos.

E porque El-Rei ainda não vira D. Duarte fallando com elle, como quer que fôsse mui mancebo, porque em todalas cousas o achou de bom siso e discrição, além do esforço de seu coração que muitas vezes fôra

esperimentado, o fez de seu conselho; porque ainda em aquelle tempo se não dava tal honra, salvo a homens de limpo sangue, e por si mui entendidos e prudentes.

E quando El-Rei viu e conheceu bem seu entender e discrição, que era muito em contrario do que lhe fizeram entender que não era para ter a capitania de Ceuta, quando lhe foi pedida para quem casasse com D. Lianor sua irmã, poendo os olhos n'elle, e com vontade magoada, perante os Infantes e outros senhores que eram presentes, lhe disse:

«D. Duarte, perdôe Deus á quem de vós me não disse a verdade do que eu vejo, e conheço em vós mui claro; e assi a quem contradisse vossa vinda, quando sobre o requerimento da capitania de Ceuta desejei de vos vêr; porque, se vos vira, ou verdadeiramente me disseram o que ha em vós, eu pela dar a um meu filho vol-a não tirára, pois tão verdadeiramente vos pertencia: mas, porque já agora não pôde ser, contentae-vos em tanto com serdes meu Alferes Mór, como era o conde vosso pae, e assi de haverdes o castello de Beja com suas rendas: e d'aqui em diante vossos merecimentos e serviços são taes, que elles por si vos requereram aquella mercê, honra e accrementamento que bem mereceis, de que serei sempre bem lembrado.»

D. Duarte lhe beijou por isso as mãos, e lh'o remerceou, como taes obras com tanta boa vontade requeriam; e depois os dias que El-Rei viveu, foi d'elle mui estimado, e o casou logo com D. Izabel de Mello, mulher que fôra de João Rodrigues Coutinho, que pouco havia morrera em Ceuta, como já disse; porque era dona virtuosa e tinha boa herança: e d'ella houve D. Maria de Menezes, condessa que depois foi de Monsanto.

E porque no reino geralmente havia pestenença, especialmente n'aquellas comarcas, e a côrte pelas necessidades passadas andava mais acompanhada do que o tempo requeria; por-se evitarem perigos contagiosos que se podiam seguir, acordou El-Rei com os Infantes e senhores, que cada um se apartasse onde quizesse, para melhor se poderem guardar.

O Infante D. Pedro foi a Coimbra, e o Infante D. João a Alcacer do Sal, onde tinham suas mulheres: e El-Rei no fim d'Agosto do dito anno de mil quatrocentos trinta e oito se partiu d'Aviz com a Rainha sua mulher e filhos, e foi á Ponte de Sôr, onde para reparo dos caminhantes e alguma segurança do reino mandava fazer uma cerca que ainda hora está começada; e d'ahi se foi a Thomar e pousou nos Paços da Ribeira, onde logo adoeceu de febre mortal, que doze dias nunca o leixou: e entrando nos treze, que eram nove dias de Setembro, anno de mil quatrocentos trinta e oito, em que grande parte do sol foi cris, deu sua alma a Deus já nos Paços do Convento a que foi levado; e viveu quarenta e sete annos, e reinou cinco e vinte e cinco dias: e certo, segundo o grande arrependimento de seus peccados que mostrou, e a fervente devoção com que todos os Sacramentos recebeu, e o testamento de descargos que fez, assi é de crêr piedosamente.

E porque sua morte pareceu ser áquem do termo da vida que naturalmente n'elle se esperava, foi de todos sua vida mui desejada, e sua morte mui sentida; e não era sem causa; porque n'elle havia qualidades e perfeições para assi ser. E por tanto pela impaciencia que de seu fallecimento em todos havia, todos o choravam e pranteavam, como que todos se vissem com elle acabar.

E na causa de sua morte assi arrebatada, em sete

mui singulares phisicos seus e dos Infantes que hi foram juntos, houve muitas opiniões; uns disseram que quando passára pela Ponte de Sôr mostrando rijamente com a mão direita a altura de um Cubêlo que hi mandava fazer, se desencaixára o braço, a que depois correra humor com que se apostemou, de que sua fim se causára: outros tinham que fôra febre mui aguda: e outros que fôra pestenença: e porém a tenção em que os mais se affirmáram, que a El-Rei causára sua morte, foi a desigual tristeza e continua paixão que pela desventura do succedimento do cerco de Tanger tomou; e não pela tenção e empresa não ser em si sancta e boa, e tal, que por ella merecia a gloria e louvor que já outros houveram; mas por se não fazer como devia e porque El-Rei aquella ida dos Infantes não sómente a consentiu sem o conselho que devera, mas ainda contra conselho e vontade dos mais e de mór auctoridade com que se n'ella aconselhou, como atraz já se disse: e a lembrança d'esta culpa lhe deu tanta pena e tormento, que seu coração com rebates de dôr, que continuadamente recebia, se apostemou em tanto gráo de que acabou sua vida; porque o meio que se no descerco de Tanger tomou o poz em um de dois extremos mortaes; porque ou havia de perder Ceuta, pedra tão preciosa de sua corôa e da-la aos mouros; ou leixar em seu poder, para morrer desesperado ou com nome de desamparo o Infante seu irmão, que por seu serviço e por salvação de seus vassallos se offerecera e pozera em tamanho perigo.

E n'esta causa não accrecentou pouca paixão a El-Rei em saber que publicamente o culpavam, que fizera isto sem prazer nem consentimento de si mesmo, forçado de rogos da Rainha sua mulher, que por pagar ao Infante D. Anrique e ao Infante D. Fernando a

doação que ao Infante D. Fernando seu filho d'El-Rei e da Rainha fizeram, entreviera n'isso e o acabára; em caso que o principio não parecia então de tanto erro, como o fim succedeu desastrado; pelo qual sendo sua morte, segundo a opinião dos mais, por desobediencia e desprezo do conselho finalmente causada, fica por claro exemplo aos que cousas publicas regem, que mais esperança de bem e mór descanso terão suas vidas para com honra e louvor viverem, errando-se o fim desejado das cousas seguindo devido conselho, que consegui-lo sem elle por commissão de fortuna, ou por apetitosa vontade.

CAPITULO XLIV

Como o corpo d'El-Rei foi levado ao mosteiro da Batalha e o Principe D. Affonso seu filho alevantado por Rei, e se viu seu testamento.

TANTO que El-Rei adoeceu, porque seus signaes e accidentes não pareceram de vida, os Infantes e condes d'Arrayolos e Barcellos foram logo de sua doença e perigosa desposição avisados, salvo o Infante D. João que por ser doente, a Infante sua mulher teve maneira, que até ser convalecido nem a doença, nem a morte d'El-Rei lhe não fossem descobertas.

Como quer que cada um com toda diligencia apressasse sua vinda para o vêr, não se acertou ao tempo de seu falecimento, salvo o Infante D. Pedro, que veiu de Coimbra, o qual por dar ordem ás cousas que o tal tempo requeria despensou algum tanto com seu retrahimento e principalmente com sua dôr e tristeza,

que, segundo as mostranças de suas palavras e obras, certo pareceram cabo de sentimento a que em tal caso se podia chegar.

Foi o corpo d'El-Rei logo mettido em uma tumba, e com tochas e cruces, e religiosos e clerigos, e com outra nobre companhia levado a sepultar ao mosteiro da Batalha, onde foi sepultado junto com o altar mór. E o Infante D. Pedro ficou, e não foi com elle para ordenar o alevantamento do Principe D. Affonso em rei, que com a devida cerimonia se fez no outro dia quinta feira, dez dias de Setembro, como na Chronica d'El-Rei D. Affonso mais largamente é escripto.

Por fallecimento d'El-Rei ficaram legitimos dois filhos e quatro filhas, a saber, o Principe D. Affonso primogenito herdeiro, que logo foi por Rei alevantado e obedecido em idade de seis annos e ia para sete; e o Infante D. Fernando, que logo foi jurado por Principe herdeiro quando d'El-Rei seu irmão ao tempo de seu fallecimento não ficasse filho legitimo successor; e a Infante D. Filippa, que em idade de onze annos logo a poucos dias falleceu de pestença em Lisboa; e a Infante D. Lianor, que depois foi imperatriz d'Allemanha, casada com o Imperador Frederico, e a Infante D. Caterina, que sem casar acabou sanctamente sua vida, e seu corpo jaz em Santo Eloy de Lisboa; e a Infante D. Joanna, de que a Rainha ficou prenhe, que foi depois Rainha de Castella, casada com El-Rei D. Anrique, o quarto d'este nome.

E a Rainha assi como jazia revolta em lagrimas e burel por cumprir o que devia e lhe era encomendado, enviou pedir ao Infante D. Pedro e a D. Pedro, Arcebispo de Lisboa, seu primo d'ella, que com as principaes pessoas e do conselho que hi ficaram, fossem, como logo foram, onde estava, e perante notarios publicos fez abrir o testamento d'El-Rei, em que

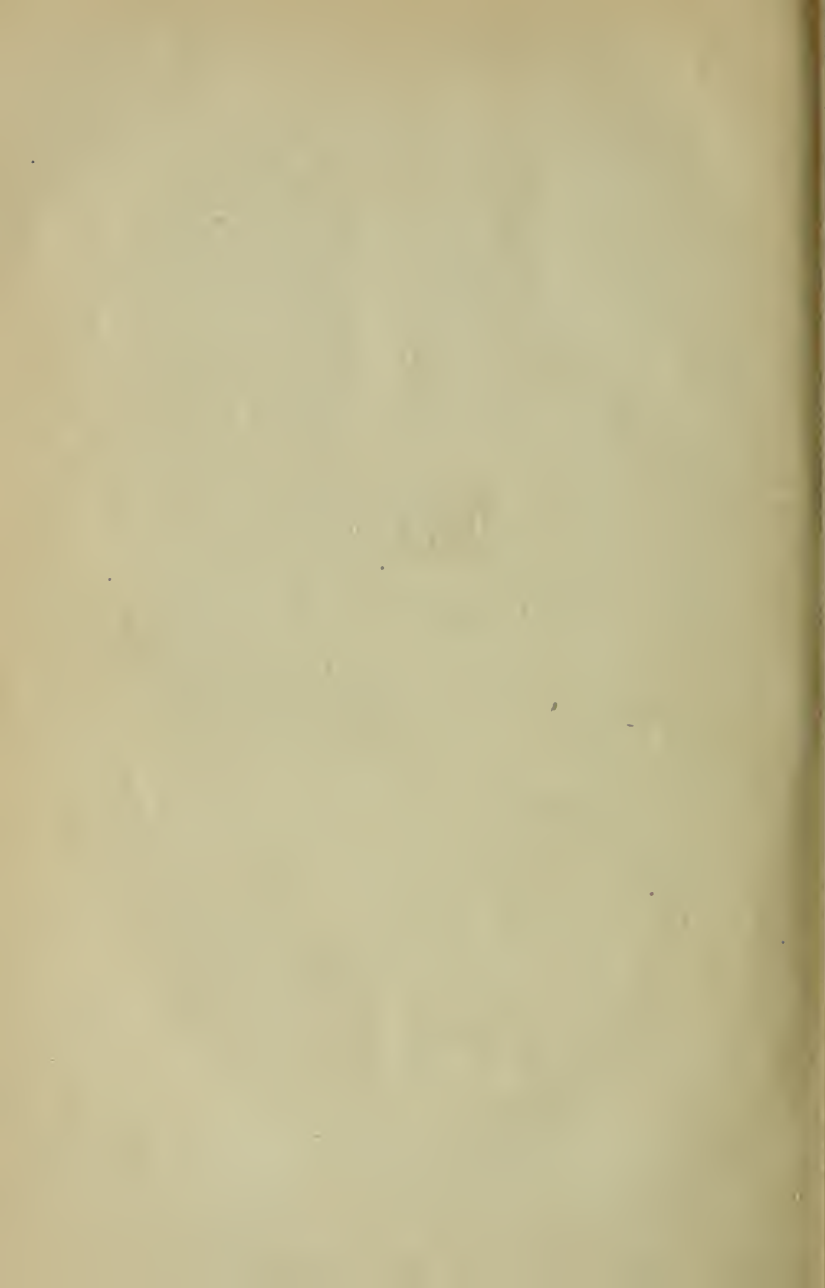
antre outras cousas foi achado ella sem ajuda d'outra pessoa ficar em solido testamenteira de sua alma e titor e curador de seus filhos e regedor do reino e herdeira de todo movel: e assi leixou encommendado que por dinheiro, ou por algum outro pãrtido tirassem o Infante D. Fernando de poder de mouros; e quando por esta maneira não fosse possivel, que todavia Ceuta se dêsse por elle. Da qual cousa logo a Rainha por sua guarda tomou estromentos publicos; e por então começou logo uzar do regimento inteiramente sem alguma publica contradicção: na qual governança por determinações de côrtes que se depois algumas vezes fizeram, antre a Rainha e o Infante D. Pedro houve grandes divisões e mudanças, de que a ella se seguiu e causou depois sua morte e sua sahida d'estes reinos com muito trabalho, e ao reino e naturacs d'elle pouco descanso. Segundo esto, e assi o que sobre o livramento do Infante D. Fernando se fez, na Chronica d'El-Rei D. Affonso, onde propriamente convém, cumpridamente se declara.

Escripto por mi, dicto Ruy de Pina, Chronista Mór. *Deo gratias.*

INDEX

DOS CAPITULOS DE QUE SE COMPÕE

A CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE



INDEX

PAG.

CAPITULO I — Em que summariamente se toca o fallecimento d'El-Rei D. João o primeiro, e onde e como seu corpo logo foi sepultado.....	17
CAPITULO II — Como o Infante D. Duarte foi alevantado por Rei, e como foi aconselhado que n'aquella hora se não alevantasse.....	22
CAPITULO III — Das feições corporaes, virtudes e costumes d'El-Rei D. Duarte.....	25
CAPITULO IV — De um singular conselho que o Infante D. Pedro enviou a El-Rei D. Duarte seu irmão, ante de o vêr despois de ser alevantado por Rei.....	27
CAPITULO V — Como o Infante D. Pedro veiu á côrte, e como juraram o Infante D. Affonso por Principe, e como se acordou e fez a trasladação do corpo d'El-Rei D. João para o mosteiro da Batalha.....	32
CAPITULO VI — Como El-Rei se foi a Leiria, onde lhe foi dada a obediencia e feitas as menagens, e d'ahi se foi a Santarem ter côrtes, e do que n'ellas fez.....	39
CAPITULO VII — Como El-Rei com seu conselho entendeu nas cousas da justiça, e seu estado e fazenda, e mandou fazer moedas.....	40
CAPITULO VIII — Como El-Rei enviou seus embaixadores ao Concilio de Basilea, e a causa porque o dicto Concilio se ordenou, e o que n'elle foi determinado.	42
CAPITULO IX — Como El-Rei leixou de fazer as festas que no poer do Sancto Oleo a seus filhos ordenava: e esto por El-Rei de Napoles e El-Rei de Navarra e o Infante D. Anrique, irmãos da Rainha, serem presos em Italia; em que se contem a causa d'este feito	47
CAPITULO X — De uma falla que o Infante D. Fernando fez a El-Rei, em que houve fundamento a ida sua e do Infante D. Anrique sobre a cidade de Tanger em Africa.....	52
CAPITULO XI — Como El-Rei disse ao Infante D. Anrique	

a tenção e requerimento do Infante D. Fernando, e a resposta que o Infante lhe deu.....	56
CAPITULO XII — Como o Infante D. Anrique pelo grande desejo que tinha da passagem d'África, teve maneiras como a Rainha o ajudasse a haver licença d'El-Rei para isso.....	59
CAPITULO XIII — Como o Papa enviou a El-Rei a Bulla da Cruzada, e do que o Infante D. Anrique sobrisso lhe fallou, obrigando-o á licença da passagem em Africa: e como El-Rei, a requerimento da Rainha e sem conselho, lh'a deu.....	62
CAPITULO XIV — Como El-Rei e o Infante accordaram a gente com que passariam em Africa, e a provisão que lhe dariam, para que conveiu a El-Rei lançar pedidos aos povos.....	66
CAPITULO XV — Dos capitães e fidalgos e pessoas principaes que El-Rei para este feito ordenou, e o provimento que a isso se deu.....	69
CAPITULO XVI — Como El-Rei pediu ao Infante D. Pedro, e ao Infante D. João, e conde de Barcellos, seus irmãos, conselho sobresta passagem, e lhes disse as razões que o a ella moviam.....	70
CAPITULO XVII — Do voto e conselho que o Infante D. João deu á proposição d'El-Rei, sobre a passagem dos Infantes em Africa.....	73
CAPITULO XVIII — Do voto e conselho que o conde de Barcellos, irmão natural d'El-Rei, lhe deu sobre este caso da passagem.....	83
CAPITULO XIX — Do voto e conselho que o Infante D. Pedro deu a El-Rei, contradizendo a ida d'África...	84
CAPITULO XX — Como pareceu que El-Rei queria estar pelo conselho do Infante D. Pedro, e da consulta que por isso fez ao Papa, e da resposta que lhe veiu: e como El-Rei enfim não leixou de proseguir e aviar a armada para a passagem.....	89
CAPITULO XXI — Como os infantes partiram de Lisboa, e do regimento particular que El-Rei deu ao Infante D. Anrique, e como chegaram a Ceuta, e do que logo fizeram.....	92
CAPITULO XXII — Como o Infante fez alardo, e da pouca gente que achou, e como foi aconselhado que não commettesse o cerco de Tanger, e o não quiz fazer.	96

CAPITULO XXIII — Como o Infante mandou fazer os caminhos que atravessam a Ximeira, para ir a Tanger mais directo, e o inconveniente que houve a se não fazer: e como o Infante partiu de Ceuta e foi por Tutuão e Val d'Angera até Tanger, e na ordenança em que sahi e foi.....	98
CAPITULO XXIV — Como o Infante chegou a Tanger e assentou seu arraial e do combate e peleja que se logo azou em chegando.....	100
CAPITULO XXV — Do primeiro combate que se deu á cidade, e como foi repartido.....	102
CAPITULO XXVI — Como o Infante para dar o segundo combate entendeu em prover melhor os engenhos e artilharias, e d'algumas pelejas e commetimentos de batalhas que entretanto se seguiram.....	103
CAPITULO XXVII — De uma peleja que o Infante houve com os mouros de fóra, e do combate que os da cidade deram aos do arraial.....	107
CAPITULO XXVIII — Do segundo combate que se deu á cidade, e do effeito que houve.....	109
CAPITULO XXIX — Como o Infante quizera dar o terceiro combate, e como se estorvou pela gente contrairra que sobreveiu.....	110
CAPITULO XXX — Como o Infante e os seus foram dos mouros cercados e combatidos no palanque, e das muitas affrontas que padeceram.....	113
CAPITULO XXXI — Do Conselho que os Reis mouros ante si tiveram sobre o combate que aos christãos dariam, como deram.....	115
CAPITULO XXXII — Como foram os christãos outra vez combatidos, e como se começou por os mouros de mover partido, que por salvação do arraial se desse Ceuta.....	118
CAPITULO XXXIII — Como os christãos começaram de mudar o palanque contra o mar, e das necessidades mortaes que soffriam, e como se concordaram com os mouros e lhe entregaram por arefens o Infante D. Fernando, e elles o filho de Çala Bemçala, e da maneira que se n'isso teve.....	123
CAPITULO XXXIV — Como sem embargo do contracto, em quebramento d'ellie os christãos foram dos mouros.....	

	PAG.
ros combatidos, e como com grande pena se reco- lheram ao mar.....	126
CAPITULO XXXV — Como o Infante D. Anrique se reco- lheu ao mar e reteve o filho de Çala Bemçala e al- guns seus officiaes, e se foi a Ceuta.....	130
CAPITULO XXXVI — Como El-Rei D. Duarte foi primei- ramente avisado do cerco em que seus irmãos esta- vam, e depois como o feito todo passou, e do que so- bre isso fez.....	131
CAPITULO XXXVII — De quão virtuosamente os andaluzes se houveram com os portuguezes que vinham do cerco.....	134
CAPITULO XXXVIII — Como o Infante D. Anrique noti- ficou o caso do cerco a El-Rei seu irmão, e assi a El- Rei e a outros grandes de Castella, convocando-os á redempção do Infante.....	135
CAPITULO XXXIX — Como El-Rei teve côrtes em Leiria sobre a redempção do Infante, e do que n'ellas se propoz.....	136
CAPITULO XL — Como o conselho dos das côrtes foi de- visado em quatro tenções desvairadas e quaes foram os que as sosteveram.....	139
CAPITULO XLI — Como El-Rei tomou das côrtes por mais expediente meio dilatar o caso e fazel-o saber ao Papa e aos Reis Christãos.....	142
CAPITULO XLII — Como o Infante D. Fernando foi le- vado a Fez e El-Rei se viu com o Infante D. Anrique, e do que sobre o caso do Infante passaram.....	144
CAPITULO XLIII — Como El-Rei e os Infantes por causa da pestenença se aforraram e apartaram, e como El- Rei se foi a Thomar onde falleceu, e quaes foram as tenções de sua morte.....	146
CAPITULO XLIV — Como o corpo de El-rei foi levado ao mosteiro da Batalha e o Principe D. Affonso seu fi- lho alevantado por Rei, e se viu seu testamento....	150



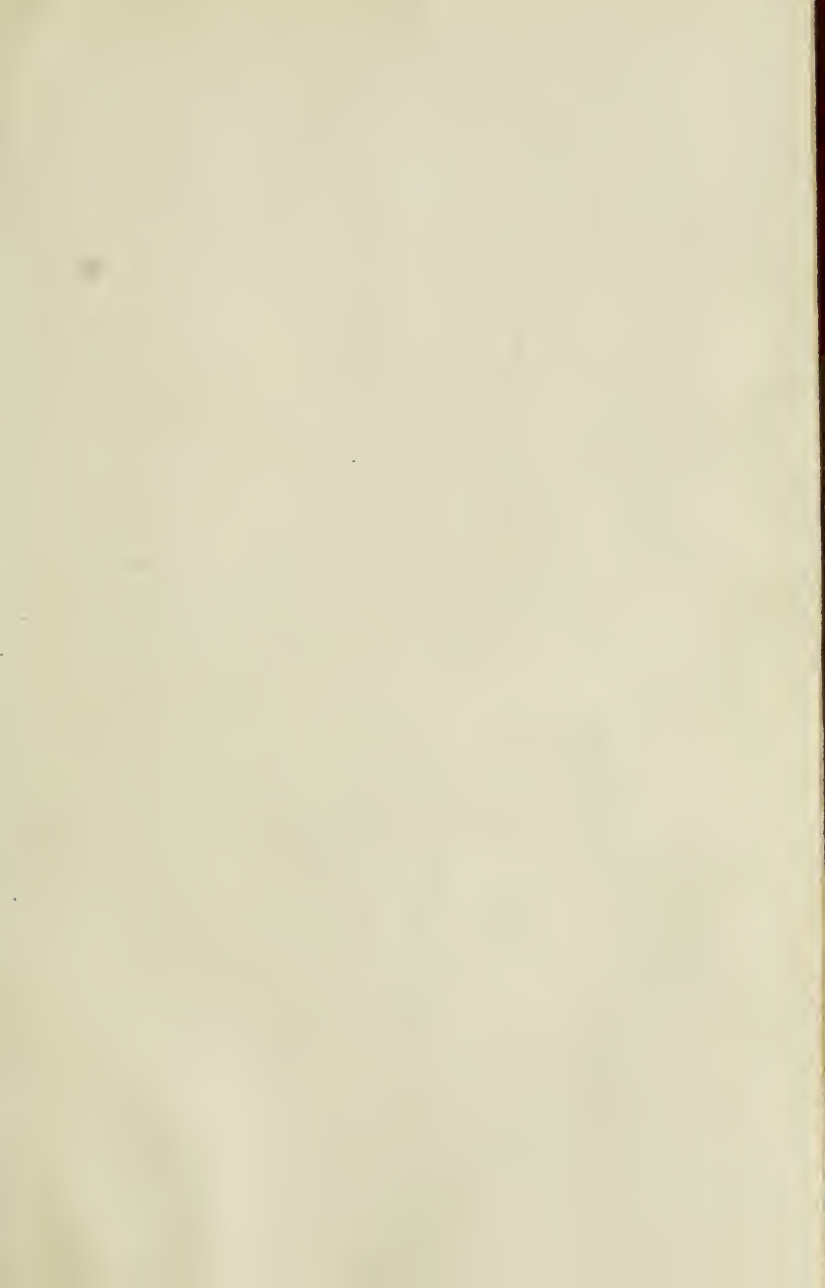
OBRAS PUBLICADAS

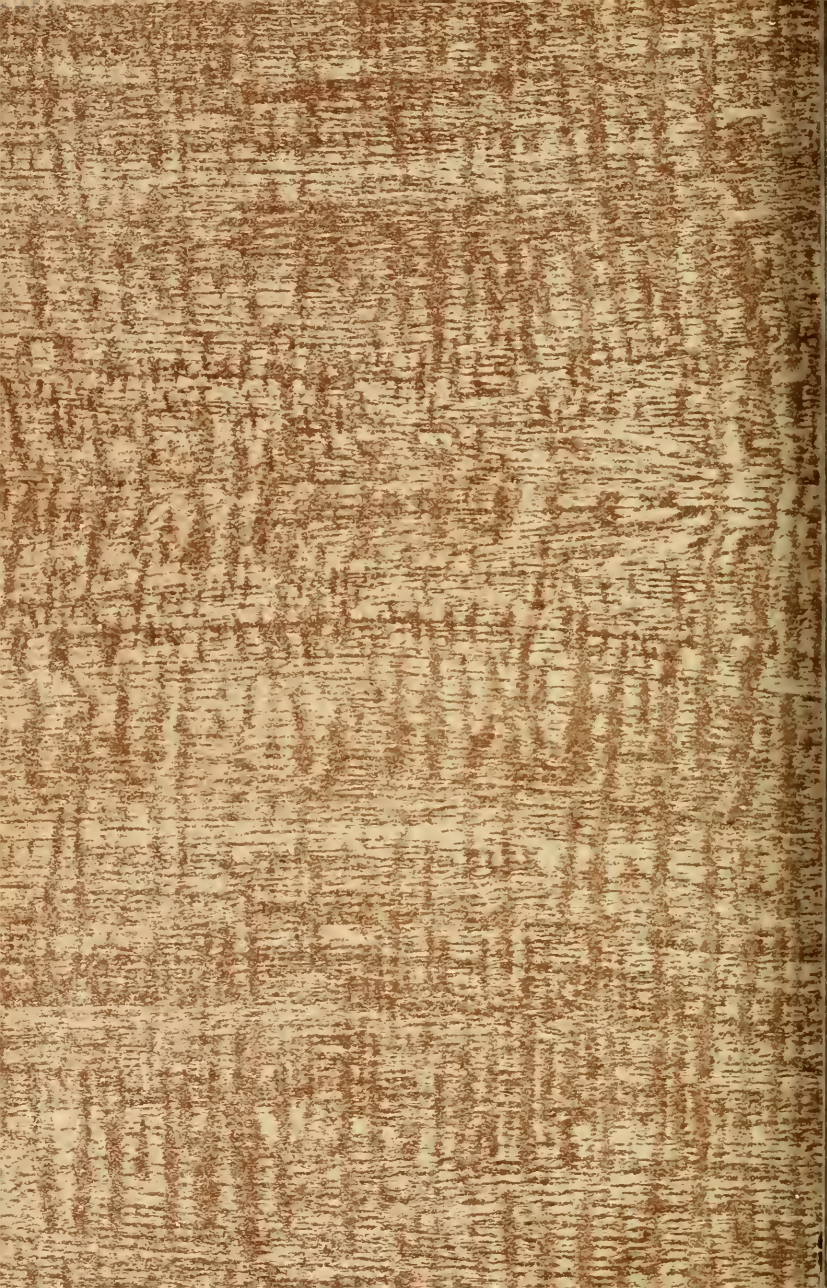


I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume.....	400
II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume.....	400
III — ETHIOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes	1\$500
IV — O INFANTE D. PEDRO. chronica inedita por <i>Gaspar Dias de Lantim</i> , 3 volumes.....	700
V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume.....	400
VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes.....	1\$200
VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes.....	2\$800
VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Eannes d'Azurara</i> , VOL. I, II E III (VIII, IX E X)	1\$200
IX — DOIS CAPITÃES DA INDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume.....	400
X — ARTE DE CAÇA DE ALTANERIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes.....	800
XI — APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes.....	1\$200
XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, 1 volume. . .	400

EM PUBLICAÇÃO

CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por *Ruy de Pina*.





DP Pina, Ruy de,
592 Chronica d'el-rei D. Duarte
P5
1901

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

